

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - UEM  
CENTRO DE TECNOLOGIA – CTC

PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ARQUITETURA E URBANISMO – PPU

**MODERNIZAÇÃO E STATUS SOCIAL:**  
OS PROJETOS DOS *COUNTRY CLUBS* DE MARINGÁ E DE UMUARAMA,  
DE ÍCARO DE CASTRO MELLO

**AUTOR: BRUNO CASTILHO FRAZATTO**

**ORIENTADOR: PROF. DR. RENATO LEÃO REGO**

Dissertação apresentada como parte das exigências para obtenção do título de MESTRE EM ARQUITETURA E URBANISMO, no Programa Associado de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá.

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001*

MARINGÁ . PARANÁ . JUNHO DE 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

F848m Frazatto, Bruno Castilho  
Modernização e status social: os projetos dos  
Country Clubs de Maringá e de Umuarama, de Ícaro de  
Castro Mello / Bruno Castilho Frazatto. -- Maringá,  
2019.  
117 f. : il. color., figs.  
Orientador: Prof. Dr. Renato Leão Rego.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Maringá, Centro de Tecnologia, Programa Associado de  
Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2019.  
1. Mello, Ícaro de Castro, 1913-1986. 2.  
Arquitetura moderna brasileira. 3. Arquitetura -  
Modernização. 4. Arquitetura - Circulação de ideias.  
5. Projeto arquitetônico. I. Rego, Renato Leão,  
orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro  
de Tecnologia. Programa Associado de Pós-Graduação  
em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD 23.ed.724.6

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à memória do arquiteto brasileiro Ícaro de Castro Mello, nascido em 1913, falecido em 1986. Que a historiografia da arquitetura brasileira possa memorar seus feitos e propagar seu legado.

## AGRADECIMENTOS

Registo meus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que, de modo mais ou menos direto, me apoiaram e me auxiliaram durante a jornada no mestrado. De modo especial, agradeço:

À minha família, aqui representada por Wilson Frazatto, Maria Frazatto, Gianni Frazatto, Giselli Frazatto e, evidentemente, Jhonatan Maraschin;

Aos amigos do curso de mestrado, sobretudo Aviter Ribeira, Fernanda Fachi, Raquel Leite, Samara Braga, Talita Rezende e Thais Santos;

Aos amigos e colegas de profissão, sobretudo Amanda Yamaguchi, Andressa Murase, Andreza Lopes, Beatriz Brito, Bruna Leal, Cláudia Guzzo, Isabela Zampronio, Juliana Palácios, Ninha Chiozzini, Rafaela Pedroso e Raquel Nacamura;

Ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá, atualmente representado pela figura da professora coordenadora Gislaine Beloto;

Aos colegas do grupo de pesquisa, sobretudo pela colaboração incessante e indispensável, Beatriz Salgueiro, João Rigon e Letícia Garcia;

Aos professores e pesquisadores cujo trabalho ou cujo diálogo foram norteadores desta pesquisa, e cujos nomes são citados ao longo do texto, mas em especial: Juliana Suzuki, Rodrigo Valdes, Sylvia Ficher e, evidentemente, Joana Mello de Carvalho e Silva, Sidnei Guadanhim e Wilson Florio, integrantes da banca examinadora deste trabalho;

À família do arquiteto Ícaro de Castro Mello, aqui representada por Christina de Castro Mello (arquiteta, urbanista, filha de Ícaro) e Joana Mello de Carvalho e Silva (arquiteta, urbanista, neta de Ícaro), que gentilmente me receberam durante a consulta ao acervo particular de projetos do arquiteto, material essencial a esta pesquisa;

Sobretudo, ao professor Renato Leão Rego, cuja orientação deste trabalho - sempre precisa, coesa e sábia - nunca permitiu que a angústia das dúvidas se sobrepusesse ao desejo pelas respostas.

Por fim, à Lina, uma cadela de raça dachshund que, dia após dia, me ensina sobre o amor incondicional.

## EPÍGRAFE

*“Veni. Vidi. Vici”*

Do latim: eu vim, eu vi, eu venci.

Júlio César, 47a.C.

FRAZATTO, Bruno Castilho. 2019. **Modernização e status social**: os projetos dos *Country Clubs* de Maringá e de Umuarama, de Ícaro de Castro Mello. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Maringá. 117p.

## RESUMO

Esta dissertação trata da análise formal e da contextualização de dois projetos de clubes sócio-recreativos projetados pelo arquiteto paulista Ícaro de Castro Mello em duas cidades norte-paranaenses nas décadas de 1950 e 1960. Estas cidades novas faziam parte de uma rede de cidades planejadas que, com a prosperidade econômica advinda sobretudo da cafeicultura, buscavam modernização urbana ao mesmo tempo em que suas elites ansiavam por status social obtido através da arquitetura. Os dois clubes aqui analisados foram construídos, mas de acordo com quatro versões distintas de projetos – duas versões para cada clube, parcialmente executadas. Ao descobrir a existência destas distintas versões de projetos, ao questionar os motivos da sua subsequente reelaboração e ao considerar a adaptação da arquitetura no processo da circulação das ideias pelo interior do país, esta dissertação entendeu que tanto questões locais – de natureza técnica e econômica – quanto mais gerais – de ordem estética e estilística, como mudanças no panorama geral da arquitetura moderna brasileira – repercutiram na decisão do projetista e também na concepção da imagem moderna regional. Organizada como um duplo estudo histórico-interpretativo, esta dissertação redesenhou parte dos projetos originais e os contrastou com as versões edificadas, aproximando-os de outros projetos do arquiteto, das principais expressões da arquitetura brasileira contemporânea e de dados da realidade regional para construir sua argumentação lógica.

**Palavras-chave:** Ícaro de Castro Mello; arquitetura moderna brasileira; modernização; circulação de ideias; projeto arquitetônico.

FRAZATTO, Bruno Castilho. 2019. **Modernization and social status: the projects of the Country Clubs of Maringá and Umuarama, from Ícaro de Castro Mello.** Dissertation (Master), Graduate Program in Architecture and Urbanism, State University of Maringá. 117p.

## **ABSTRACT**

This dissertation deals with the formal analysis and contextualization of two projects of social and recreational clubs designed by the Paulista engineer-architect Ícaro de Castro Mello, in two cities located in the North of Paraná in the 1950s and 1960s. These new cities were part of a network of planned cities that, with the economic prosperity, derived mainly from coffee cultivation, sought urban modernization, while their elites longed for social status obtained through architecture. Both clubs analyzed here were built, but according to four distinct versions of the design — two versions for each club, partially executed. After discovering the existence of these different versions, after discussing the reasons for their subsequent reworking, and considering the adaptation of the architecture in diffusion process within the country, this dissertation states that local issues — related to technical and economic aspects — and more general matters — related to architectural aesthetic and style, such as the change in the general panorama of modern Brazilian architecture – impacted the designer’s decision and the modern regional image. The dissertation is organized as a double historical-interpretative case study. Part of the original projects were redesigned, contrasted with their built versions, and contextualized among Ícaro de Castro Mello’s oeuvre and the main expressions of contemporary Brazilian architecture.

**Keywords:** Ícaro de Castro Mello; modern Brazilian architecture; modernization; circulation of ideas; architectural project.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fotografia interna do <i>Country Club</i> de Maringá, s.d.....	13
Figura 2: Fotografia interna do Umuarama <i>Country Club</i> , s.d.....	13
Figura 3: A mata densa e virgem representava a paisagem do norte paranaense em processo de colonização e de ocupação, s.d.....	17
Figura 4: Mapa das terras colonizadas pela CTNP/CMNP, 1975.....	19
Figura 5: Visão gráfica em perspectiva panorâmica do sistema de repartição executado pela CTNP/CMNP, 1975 .....	20
Figura 6: Anteprojeto original da cidade de Maringá, 1945-1947 .....	21
Figura 7: Anteprojeto original da cidade de Umuarama, 1955 .....	21
Figura 8: Propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná veiculada na revista A Pioneira, edição e data desconhecidas, s.d .....	22
Figura 9: Propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná veiculada no jornal O Estado de São Paulo, edição de 09 de novembro de 1941 .....	23
Figura 10: Mapa de Maringá, de 1957, com informações e dados locais daquele ano, dez anos após a fundação da cidade. Elaborado e divulgado pela prefeitura do município.....	24
Figura 11: Fotografia do centro de Maringá no início da década de 1950.....	25
Figura 12: Fotografia do centro de Maringá no início da década de 1960.....	26
Figura 13: Reportagem da revista Maringá Ilustrada, de agosto de 1957, mostrando as transformações urbanas na cidade ao decorrer de uma década .....	27
Figura 14: Vista aérea do centro de Umuarama no início da década de 1960, poucos anos após a fundação da cidade.....	28
Figura 15: Vista aérea do centro de Umuarama no início da década de 1960, poucos anos após a fundação da cidade.....	28
Figura 16: Gráfico comparativo da produção de café no Paraná com o preço do café no Brasil, entre 1903 e 1969 .....	30
Figura 17: Fotografia do prédio da Rodoviária de Londrina, projetado por Carlos Cascardi e Vilanova Artigas, s.d .....	32
Figura 18: Fotografia do Grande Hotel Maringá, projetado por José Augusto Belucci, 1957.33	
Figura 19: Fotografia do Edifício Conjunto Centro Comercial, em Londrina .....	35
Figura 20: Fotografia do Edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1950 .....	37
Figura 21: Fotografia do Edifício do Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Nova York de 1939, 1939-1940.....	38
Figura 22: Fotografia do Edifício do Yate Clube da Pampulha, projetado por Oscar Niemeyer, s.d.....	40
Figura 23: Perspectiva do edifício da sede social e vestiários do Londrina <i>Country Club</i> , s.d41	
Figura 24: Fotografia da maquete do projeto vencedor do concurso nacional de arquitetura para o Iate Clube de Londrina, s.d.....	42
Figura 25: Fotografia da inauguração do Aero Clube de Maringá, 1948.....	43
Figura 26: Fotografia interna do Maringá Clube, projetado por José Augusto Belucci, s.d ...	44
Figura 27: Material de divulgação do Harmonia Clube de Campo, de Umuarama, s.d.....	45
Figura 28: o primeiro <i>Country Club</i> , em Brookline, Massachusetts, Estados Unidos, 1909...46	
Figura 29: Ícaro de Castro Mello – no exercício da profissão (esquerda), s.d., e na prática esportiva (direita), s.d .....	49
Figura 30: Piscina Coberta de Água Branca. Vista externa. Projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1948 .....	51
Figura 31: Ginásio de Sorocaba. Vista externa. Projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1950. ..	52

Figura 32: Ginásio do Ibirapuera. Vista externa. Projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1952 .	52
Figura 33: Piscina do Esporte Clube Sírio, projetada por Ícaro de Castro Mello entre 1950 e 1955, ilustrando a capa da revista Acrópole, volume 220, de Fevereiro de 1957.....	53
Figura 34: Perspectiva do projeto para o Centro Esportivo da Cidade Universitária de São Paulo. Projeto de Ícaro de Castro Mello e Alfredo S. Paesane, de 1961.....	54
Figura 35: Primeira página da reportagem sobre Ícaro de Castro Mello, publicada na revista Acrópole, número 184, de Agosto de 1953 .....	56
Figura 36: Fotografia aérea do terreno do <i>Country Club</i> Maringá, início dos anos 1960.....	60
Figura 37: Perspectiva ilustrativa da primeira versão de projetos para o <i>Country Club</i> Maringá, de 1958, por Ícaro de Castro Mello.....	61
Figura 38: Fotografia aérea do <i>Country Club</i> Maringá, s.d.....	63
Figura 39: Perspectiva ilustrativa da primeira versão de projetos para o <i>Country Club</i> Maringá, de 1958, por Ícaro de Castro Mello.....	64
Figura 40: Fachada leste do edifício do salão de festas do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958 .....	65
Figura 41: Plantas-baixas do pavimento superior (à esquerda) e do pavimento intermediário (à direita) do salão de festas do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958 .....	66
Figura 42: Planta-baixa do pavimento inferior (acima) e corte transversal (abaixo) do salão de festas do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958.....	67
Figura 43: Fachada leste do edifício da sede social do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958.....	69
Figura 44: Plantas-baixas do pavimento superior (acima) e do pavimento térreo (abaixo) da sede social do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958 .....	70
Figura 45: Planta-baixa do pavimento inferior (acima) e corte transversal (abaixo) da sede social do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958 .....	71
Figura 46: Corte longitudinal do edifício da quadra de boliche do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958 .....	72
Figura 47: Planta-baixa da piscina do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958.....	73
Figura 48: Fachada leste do edifício do ginásio do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958 .....	74
Figura 49: Perspectiva do ginásio do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958 .....	74
Figura 50: Fotografia da sede social executada no <i>Country Club</i> Maringá, s.d.....	76
Figura 50: Fachada oeste (parcial) do edifício da sede social do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1962 .....	76
Figura 52: Detalhe do sistema de cobertura do edifício da sede social do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1962.....	76
Figura 53: Planta-baixa (acima), corte longitudinal (ao centro) e corte transversal (abaixo) da sede social do <i>Country Club</i> Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1962 .....	77
Figura 54: Fotografia do Clube Libanês de Belo Horizonte, data e autoria do projeto desconhecidas, s.d .....	81
Figura 55: Implantação contida no anteprojeto para o Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963 .....	85
Figura 56: Perspectiva do conjunto contida no anteprojeto para o Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963 .....	85
Figura 57: Perspectiva do edifício da sede social do Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1969 .....	87

Figura 58: Perspectiva da fachada principal da sede social contida no anteprojeto para o Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963.....	89
Figura 59: Perspectiva da área da piscina e sede social contida no anteprojeto para o Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963.....	89
Figura 60: Perspectiva interna da sede social contida no anteprojeto para o Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963 .....	90
Figura 61: Planta-baixa do pavimento superior e corte longitudinal da sede social do Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963.....	91
Figura 62: Planta-baixa do pavimento térreo e corte transversal da sede social do Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963 .....	92
Figura 63: Planta-baixa da piscina e dos vestiários do Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963 .....	93
Figura 64: Fachada oeste do bloco de vestiários do Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963.....	94
Figura 65: Fachadas e cortes do edifício da sede social do Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1969.....	95
Figura 66: Planta-baixa, corte longitudinal e corte transversal da sede social do Umuarama <i>Country Club</i> , projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1969 .....	96
Figura 67: Fotografia atual do <i>Country Club</i> Maringá, s.d .....	102
Figura 68: Fotografia atual do <i>Country Club</i> Maringá, s.d .....	102

## LISTA DE ABREVIATURAS

ACEMA	Associação Cultural e Esportiva de Maringá
CMNP	Companhia Melhoramentos Norte do Paraná
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
DEFE	Departamento Estadual [São Paulo] de Educação Física e Esportes
IAB	Instituto de Arquitetos do Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SESC	Serviço Social do Comércio
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O CONTEXTO.....	17
1.1. CONCEPÇÃO E FORMA URBANA .....	17
1.2. OCUPAÇÃO REGIONAL E SOCIEDADE LOCAL .....	24
1.3. ELITE E CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS .....	39
2. A ARQUITETURA.....	48
2.1. O COUNTRY CLUB MARINGÁ .....	60
2.2. O UMUARAMA COUNTRY CLUB .....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	99
REFERÊNCIAS .....	103
ANEXOS .....	107

## INTRODUÇÃO

As palavras de Otilia Arantes foram categóricas ao afirmar que o Brasil já nasceu moderno – e colonial, ao mesmo tempo<sup>1</sup>. Interpretações e exageros à parte, ousou afirmar que as cidades do norte paranaense já nasceram modernas, ainda que coloniais – referindo-me àquelas cidades implantadas pela Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, antes Companhia de Terras do Norte do Paraná, derivada da Paraná Plantations, empresa colonizadora britânica.

Tendo nascido em Maringá, vivi as três primeiras décadas de minha vida nesta mesma cidade – pelo menos até a data de conclusão desta pesquisa. Foram, possivelmente, o traçado urbano e os edifícios maringaenses que me conduziram, ainda que inconscientemente, a cursar a graduação em arquitetura e urbanismo na única universidade pública desta cidade – a Universidade Estadual de Maringá. Mais tarde, tive a oportunidade de regressar à mesma instituição para cursar o mestrado, ocasião que me permitiu pesquisar a arquitetura – moderna – de dois clubes projetados pelo notório arquiteto Ícaro de Castro Mello no norte paranaense: o *Country Club* Maringá e o *Umuarama Country Club*, nestas respectivas cidades, objetos de estudo desta dissertação.

Voltando no tempo, o processo de colonização e de ocupação das terras do norte paranaense, ocorrido nas primeiras décadas do século XX, teve relação com a expansão da frente pioneira paulista, movida naquela ocasião por decorrência das lavouras cafeeiras paulistas que avançaram sobre o Paraná e, deste modo, estabeleceram o vínculo – técnico, financeiro, mercantil – entre o norte paranaense e o estado de São Paulo, incluindo a sua capital (REGO, 2012a).

A prosperidade de tal processo de colonização trouxe consigo, desde o princípio, um certo anseio por modernidade e por progresso – o que se refletira tanto no urbanismo quanto, mais tarde, na arquitetura daquelas cidades. O próprio pioneiro, movido pelo desejo de prosperidade nas novas terras, assumia certa postura idealista que se desdobrava no esquecimento do seu passado e no empenho para a formação de uma nova imagem social mais condizente com sua atual condição financeira (REGO, 2012a).

A arquitetura brasileira contemporânea àquele período tratava de forjar a identidade de um país moderno, assumindo uma postura reformista e progressista que tanto desejava superar um passado obsoleto quanto desejava incorporar soluções de desenvolvimento e de progresso,

---

<sup>1</sup> A professora e filósofa Otilia Beatriz Fiori Arantes, em seu texto ‘Resumo de Lúcio Costa’, discute que o arranjo entre o ‘moderno’ e o ‘tradicional’ foi a tônica que pautou toda a formação social, econômica e cultural brasileira: “nascemos modernos e coloniais, sob a égide do capitalismo comercial em expansão” (ARANTES, 2002, p. 7).

convergindo com os anseios daqueles pioneiros e colonizadores (REGO, 2012a). Cidades em todo o Brasil, nas décadas de 1950 e 1960, aderiram àquela arquitetura, ainda que em caráter imitativo, valendo-se das suas características de modernidade (SEGAWA, 1998). Pois a classe-média brasileira tomou o ‘moderno’ como valor, expressando-o através da arquitetura (MARTINS, 2010).

De fato, como salientou Rego (2012a), observou-se nos anos e décadas seguintes à colonização do norte paranaense a intensa atuação de profissionais forâneos – sobretudo advindos da metrópole paulista – naquela região. O anseio pela imagem moderna levou a sociedade local a buscar profissionais renomados e de prestígio como modo de se agregar características de inovação e de progresso àquelas ricas cidades novas de colonização (REGO, 2012a). A atuação da dupla de arquitetos Carlos Cascaldi e João Batista Vilanova Artigas, convocados pela Sociedade Amigos de Londrina, àquelas épocas, tornou-se o caso mais exemplar deste fenômeno (cf. SUZUKI, 2003; 2011).

Neste contexto, os edifícios projetados para os clubes sócio-recreativos *Country Club* Maringá (Figura 1) e Umuarama *Country Club* (Figura 2), ambos projetados pelo então já reconhecido e renomado arquiteto Ícaro de Castro Mello, são representativos deste cenário: a elite local, fundadora dos respectivos clubes, recorreu deliberadamente ao profissional paulista para a elaboração dos projetos destes clubes, em vias de se materializar dois clubes “modernos” e “inovadores”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Adota-se nesta dissertação as seguintes definições para os termos “moderno” e “inovador”, extraídas do dicionário Michaelis de Língua Portuguesa:

“Moderno”: relativo ou pertencente aos nossos tempos, à nossa época; que revela as ideias, os hábitos e o gosto dominantes da nossa época; que se beneficiou dos avanços científicos e tecnológicos mais recentes; que rompe com os modelos tradicionais ou convencionais; que está na moda (MICHAELIS, 2018);

“Inovador”: (aquilo) que inova, ou propõe, ou faz inovações; inovador, revolucionário (MICHAELIS, 2018).



Figura 1: Fotografia interna do *Country Club* de Maringá, s.d.. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/fotos.php?lang=&codmun=411520&search=paran%E1|maringa>



Figura 2: Fotografia interna do *Umuarama Country Club*, s.d.. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=448404>

Entretanto, a minuciosa consulta realizada ao acervo particular de projetos do arquiteto, hoje sob guarda da família Castro Mello, em São Paulo, revelou a existência de duas versões

distintas de projetos para cada um dos clubes mencionados: houve, portanto, uma primeira versão de projetos para o clube de Maringá, datada de 1958, parcialmente executada; uma segunda versão de projetos para o clube de Maringá, datada de 1962, executada; uma primeira versão de projetos para o clube de Umuarama, datada de 1963, parcialmente executada; uma segunda versão de projetos para o clube de Umuarama, datada de 1969, executada.

Diante do exposto, este trabalho se dedica a apresentar e discutir os projetos arquitetônicos elaborados naquelas ocasiões para aqueles clubes tendo em vista as adaptações envolvidas entre as distintas versões. Neste ponto, assume-se como premissa a ideia de Said (1983) de que ‘as ideias viajam’ – de pessoa a pessoa, de situação a situação, de um período a outro. Neste processo, alguns estágios são verificados: um contexto de origem; um caminho ou um percurso; um contexto de aceitação, de recebimento e ou de rejeição; algum tipo de adaptação ou de transformação entre a ideia em seu contexto de origem e em seu contexto final (SAID, 1983).

Assim, a primeira versão de projetos para o clube de Maringá (1958) e a primeira versão de projetos para o clube de Umuarama (1963) se assemelham – na forma, na plástica, nos materiais e na estrutura; e as segundas versões de projetos para os clubes de Maringá (1962) e de Umuarama (1969) voltam a se assemelhar, ainda que destoantes de suas versões iniciais. Questiona-se, então, quais fatores teriam provocado a reelaboração dos projetos, e por quê foram adotados outra estética arquitetônica, outra composição, outros materiais e distintos processos construtivos.

Deixa-se claro que este trabalho não tem por objetivo constituir qualquer tipo de comparação direta entre os dois clubes mencionados – *Country Clubs* de Maringá e de Umuarama – e nem tampouco entre as duas cidades-sedes destes mesmos edifícios. Trata-se, portanto, os dois clubes em separado – ainda que suas histórias, contextos ou narrativas se tangenciem, inevitavelmente, em alguns pontos.

Dito isto, o objetivo geral deste trabalho é apresentar e discutir as adaptações ocorridas nos projetos elaborados por Ícaro de Castro Mello para os edifícios dos *Country Clubs* de Maringá e Umuarama entre os anos de 1958 e 1969. Como objetivos específicos, pontua-se:

- Compreender a colonização norte paranaense no âmbito das frentes pioneiras de expansão agrícola no sudeste do Brasil em meados do século XX;
- Contextualizar as duas cidades-sedes dos edifícios elencados – Maringá e Umuarama;

- Apresentar o arquiteto Ícaro de Castro Mello e a sua relevância frente à arquitetura moderna brasileira;
- Apresentar os projetos arquitetônicos elaborados por Ícaro de Castro Mello para os *Country Clubs* de Maringá e de Umuarama, entre os anos de 1958 e 1969;
- Apontar os atributos – formais, estruturais, materiais, programáticos e técnicos – típicos de arquitetura moderna presentes nos edifícios elencados;
- Reconhecer as adaptações envolvidas entre as primeiras e as segundas versões de projetos elaborados para ambos os clubes em face ao contexto local, à arquitetura moderna brasileira e à produção do arquiteto.

O trabalho tem como justificativa principal a possibilidade de se oferecer uma contribuição para com o pressuposto levantado – que, segundo Rego (2012a), trata da atuação de profissionais forâneos nas cidades norte paranaenses novas de colonização enquanto resposta ao anseio regional por uma imagem moderna. Também se justifica este trabalho pela oportunidade aclarar um acontecimento da história regional do norte paranaense; pela descoberta da autoria dos edifícios mencionados por um profissional de prestígio advindo da metrópole paulista; pela possibilidade de acesso ao acervo pessoal deste profissional; pelo ineditismo da divulgação destes projetos; pela abordagem das adaptações ocorridas no processo de projeto daqueles edifícios, tema válido para discussões de circulação de ideias em arquitetura e urbanismo.

A estratégia de abordagem a ser adotada será a da ‘argumentação lógica’ (GROAT & WANG, 2002), capaz de ordenar logicamente fatores inicialmente desconexos a partir de sua lógica interna e de seu contexto. Junto ao ‘método histórico-interpretativo’ (GROAT & WANG, 2002) serão abordadas três variáveis: a colonização norte paranaense; o contexto das cidades-sede dos edifícios elencados – Maringá e Umuarama; a produção do arquiteto Ícaro de Castro Mello. Em sequência, a apresentação e a discussão dos projetos arquitetônicos dos edifícios dos clubes mencionados será pautada no programa, na forma, nos materiais e na estrutura presentes naqueles projetos. A reprodução de peças gráficas originais e de fotografias será complementada pela técnica de redesenho dos projetos, esta última adotada para os edifícios mais significativos. De acordo com Tagliari, Perrone & Florio (2017), o processo de redesenho exige atenção a cada traço ou elemento contidos no projeto original, bem como a confrontação de informações contidas em plantas, em cortes ou em elevações e, por isso, constitui-se em importante ferramenta de análise de projetos.

Vale dizer que esta pesquisa buscou, sem sucesso, o acesso a documentos e registros historiográficos acerca dos clubes propriamente ditos – não foram encontradas atas de reuniões que relatassem a fundação dos clubes e as encomendas dos projetos, nem tampouco que discorressem sobre os episódios de reelaboração daqueles projetos; não foram feitas entrevistas com as famílias dos sócios fundadores dos clubes, haja vista a distância temporal; não foram encontrados outros documentos historiográficos e nem tampouco imagens elucidativas das questões levantadas. Justificada a carência destas informações, a pesquisa se debruçou sobre os dados obtidos e sobre os projetos arquitetônicos originais.

Assim sendo, o primeiro capítulo desta dissertação, denominado ‘O Contexto’, estará subdividido em 3 subcapítulos: ‘Concepção e Forma Urbana’, que tratará de revisar a colonização do norte paranaense e a forma adotada nos projetos urbanos das cidades envolvidas; ‘Ocupação Regional e Sociedade Local’, que tratará do panorama das cidades envolvidas nos anos seguintes às suas fundações; ‘Elite e Clubes Sócio-Recreativos’, que tratará do surgimento de clubes naquelas cidades e de suas respectivas referências nacionais ou internacionais. O segundo capítulo, denominado ‘A Arquitetura’, introduz uma nota biográfica sobre o arquiteto Ícaro de Castro Mello e, em seguida, se deriva em dois subcapítulos: ‘O *Country Club* Maringá’ e ‘O Umuarama *Country Club*’, que irão apresentar e discutir os projetos arquitetônicos elaborados para estes respectivos clubes, enfatizando as adaptações ocorridas entre as distintas versões de projetos. As considerações finais fecham esta dissertação com as respostas aos questionamentos levantados.

## 1. O CONTEXTO

### 1.1. CONCEPÇÃO E FORMA URBANA

A Maringá de fins da década de 1950, com uma década de existência, e a Umuarama do início da década de 1960, com poucos anos de vida, experimentavam a transformação constante de suas paisagens urbanas, ao passo em que estas cidades iam sendo devidamente ocupadas e desenvolvidas. O traçado urbano previsto nos anteprojetos destas duas novas cidades ia tomando forma, as edificações iam pouco a pouco se estabelecendo, e a população local só aumentava. Alguns poucos anos antes disso, entretanto, a mata densa e virgem representava a paisagem regional, como ilustra a Figura 3. A ação de derrubada da mata virgem para consolidação dos traçados propostos era necessária, e deu origem aos primeiros assentamentos – provisórios – na região.



Figura 3: A mata densa e virgem representava a paisagem do norte paranaense em processo de colonização e de ocupação, s.d.. Fonte: Acervo do Museu da Bacia do Paraná.

Maringá e Umuarama foram partes de uma rede de cidades implantadas pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Esta rede de cidades se estendeu pelo norte paranaense desde Londrina até Umuarama, e fez parte de um empreendimento maior de colonização que envolvia a venda de glebas destinadas ao plantio de café (REGO et al. 2004; REGO, 2009).

Aqui, adota-se como premissa alguns dos trabalhos do professor e pesquisador Renato Leão Rego, acatando sua narrativa acerca da história do urbanismo e da arquitetura no norte paranaense, haja vista o vasto repertório do autor sobre este tema. De acordo com Rego (2012a), tal processo de colonização trouxe consigo, desde o princípio, um certo anseio por modernidade e por progresso. O processo de urbanização destas novas cidades envolveu ideias, princípios e estratégias de arquitetura e de urbanismo que eram debatidos internacionalmente. Dentre estes princípios adotados, destacam-se as ideias: da ‘cidade-jardim’ ou do ‘bairro-jardim’; das noções academicistas dos movimentos ‘*city beautiful*’ e ‘*civic design*’; de soluções de zoneamento e de centro cívico (REGO, 2012a, 2012b).

Tendo sido colonizada por uma companhia de capital britânico, esta região recebeu investimento estrangeiro e participou de um cenário de fluxo de capital inglês para o Brasil (REGO, 2009). As cidades projetadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP, subsidiária da empresa britânica *Paraná Plantations*, obedeceram a um padrão: uma rede de cidades dispostas em série, a distâncias regulares, atreladas à linha férrea – na opinião de Rego (2009) e de Guadanhim (2002), como uma alusão ao modelo de cidade social idealizado por Ebenezer Howard. A implantação destas cidades ficou a cargo da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – CMNP<sup>3</sup>, que tratou de atrelar esta rede de cidades também à linha rodoviária, e de promover uma clara hierarquização de tamanhos das cidades, remetendo a um modelo de cidades-satélites.

Vale dizer que, salvas as exceções, em geral os traçados urbanos destas cidades apresentavam características peculiares, tais quais: regularidade; adaptações às condições topográficas; apelo artístico; recorrência a motivos formais típicos do urbanismo academicista; soluções de fluxo, tráfego, higiene e rentabilidade; soluções ambientais, espaciais e artísticas (REGO 2009; 2012b).

Segundo estes princípios, as quatro principais e maiores cidades desta região – em sequência: Londrina, Maringá, Cianorte, Umuarama<sup>4</sup> – foram implantadas com distâncias aproximadas de 100km entre si e entremeadas por núcleos urbanos intermediários a cada 10 ou 15km, como mostra a Figura 4 (REGO et al. 2004; GUADANHIM, 2002; SUZUKI, 2011.). Tratava-se de uma rede de cidades, interligadas e interdependentes, e com uma hierarquização de tamanhos e distâncias bem definidas, sempre entremeadas pelos lotes rurais. A linha férrea

---

<sup>3</sup> Londrina foi implantada pela Companhia de Terras Norte do Paraná – CNTP; as outras três cidades foram implantadas pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – CMNP, derivada da CNTP.

<sup>4</sup> Ressalta-se aqui que os edifícios objetos de estudo desta dissertação – *Country Clubs* de Maringá e de Umuarama – localizam-se, respectivamente, em duas das quatro principais cidades desta rede comentada no texto, motivo pelo qual estas duas cidades receberão maior enfoque ao decorrer deste capítulo.

e as linhas rodoviárias localizavam-se nos ‘espigões’, ou seja, nas linhas mais altas da topografia, a partir dos quais os lotes rurais eram então subdivididos e se desenvolviam até os fundos de vale, como mostra a Figura 5. Disse a própria Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, em 1975, que “embora situados em pleno sertão, o projeto e a construção de quase todos [os núcleos habitacionais] foram minuciosamente detalhados, com observância da técnica e da arte do urbanismo, para que se tornassem metrópoles modelares...” (CMNP, 1975, p. 252 apud REGO et al. 2004, p. 142).

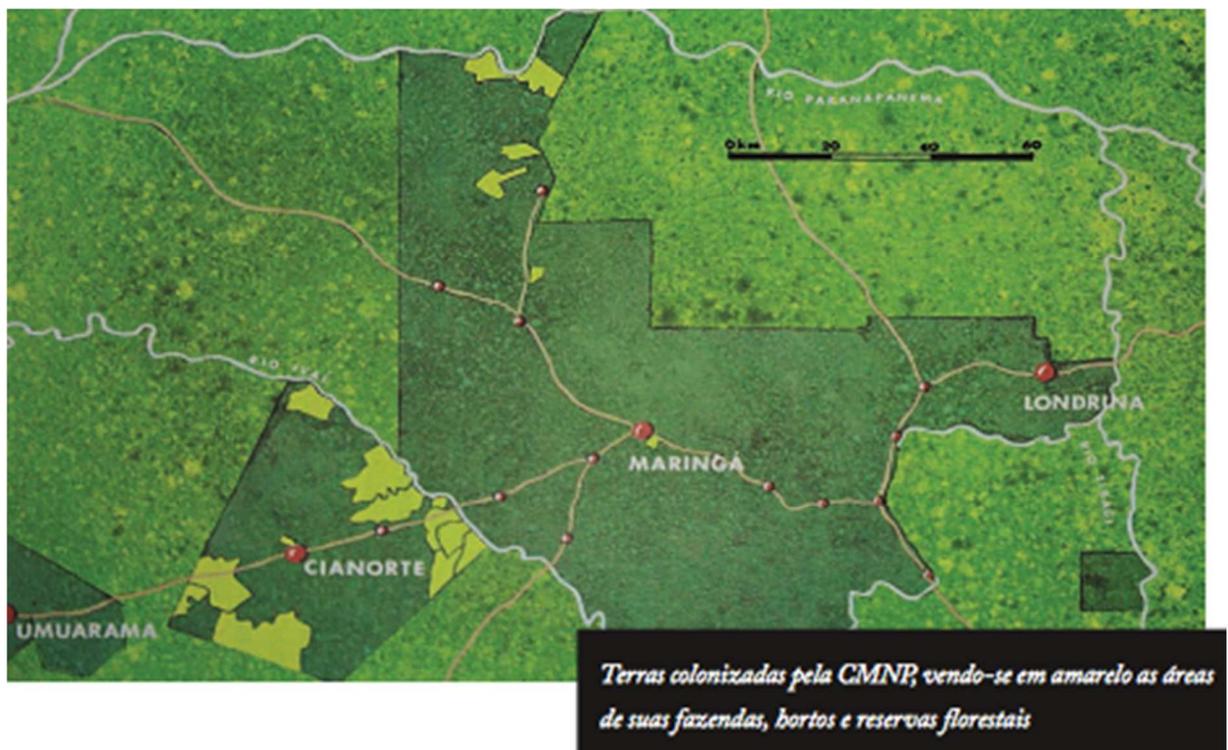


Figura 4: Mapa das terras colonizadas pela CTNP/CMNP, 1975. Fonte: CMNP, 1975, p. 109. Disponível em: <http://www.cmpn.com.br/melhoramentos/50anos-cmpn/files/CMNP.pdf>



Figura 5: Visão gráfica em perspectiva panorâmica do sistema de repartição executado pela CTNP/CMNP, 1975. Fonte: CMNP, 1975, p. 109. Disponível em: <http://www.cmpn.com.br/melhoramentos/50anos-cmpn/files/CMNP.pdf>

Das quatro principais e maiores cidades da rede, Londrina foi a primeira a ser implantada, entre 1930 e 1934. Seu traçado, projetado pelo geodesta Alexandre Razgulaeff, foi mais modesto e simplificado do que o das demais cidades que viriam a seguir. Maringá veio em seguida, em 1947, com um projeto mais elaborado e mais ambicioso tanto em sua conformação quanto em suas dimensões, conforme a Figura 6. Cianorte foi a terceira principal cidade implantada, entre 1953 e 1955, e repetiu preceitos e soluções experimentadas anteriormente em Maringá. Tanto Maringá quanto Cianorte foram projetadas pelo engenheiro Jorge de Macedo Vieira, incorporando princípios formais urbanísticos possivelmente apreendidos a partir do contato de Macedo Vieira com o urbanista Richard Barry Parker, responsável pela materialização da cidade-jardim inglesa idealizada por Ebenezer Howard, e também pelo bairro Jardim América em São Paulo (REGO et al. 2004). Por fim, Umuarama foi implantada entre 1955 e 1960, projetada pelos engenheiros Waldomiro Babkov e Manoel Mendes de Mesquita, apresentando um traçado urbano mais geométrico e mais complexo do que as demais cidades, porém bastante fragmentado e dissociado das características topográficas do sítio, conforme a Figura 7 (REGO et al. 2004).



Guadanhim (2002) e Suzuki (2011) destacam que a fundação destas cidades fora acompanhada da formação de fortes imagens regionais. O investimento em propaganda e divulgação, com objetivo de atrair compradores de terras rurais ou urbanas, revelara um discurso altamente apologético por parte da companhia colonizadora, como mostram os exemplos das Figuras 8 e 9.

Esse discurso supervaloriza a região, dando a ideia de que há uma comunidade que tem interesses próprios, ideias comuns, um passado glorioso e um porvir melhor. [...] Entre outras proclamações da CTNP, destacavam-se a fertilidade da terra roxa, a abundância de madeira, facilidade para aquisição de propriedade, reais oportunidades de enriquecimento, cidades planejadas e modernas, etc. (GUADANHIM, 2002, p.55-56).

O rápido e crescente desenvolvimento da zona agrícola que tem como centro a nova cidade de Maringá justifica plenamente o progresso imbatível desta futura metrópole. A fotografia mostra a importância do núcleo com que a cidade começou e nos faz ver de uma ideia da extensão surpreendente da cidade nova, em fevereiro deste ano. Hoje é duas vezes maior.

**Terras roxas de alta qualidade**

VENDAS A PRESTAÇÕES EM PEQUENOS E GRANDES LOTES

Inscrição n. 12 no Registro de Imóveis da Comarca de Londrina, na forma do Decreto-Lei 3079 de 15 de Setembro de 1938.

Vantajosa produção de café, cereais, fumo, algodão, cana de açúcar, mandioca, trigo, etc.

No assombroso e rápido progresso da região se encontra a afirmação da fertilidade da terra

ESTRADA DE FERRO — ÓTIMAS ESTRADAS-DE RODAGEM

**Cia. de Terras Norte do Paraná**

SÃO PAULO  
Rua São Bento, 329 — 8º andar

LONDRINA  
ESTADO DO PARANÁ

End. Telegr.: «CIANORTE» — Caixa Postal, 2771 — TELEFONES: Vendas, 3-4561 — Gerência, 2-2435

Escritórios em ARAPONGAS, MANDAGUAÍ e MARINGÁ

Figura 8: Propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná veiculada na revista A Pioneira, edição e data desconhecidas, s.d.. Fonte: Acervo do Museu da Bacia do Paraná.

**COMO PROGRIDE O NORTE DO PARANÁ!**

Citando, como exemplo, a cidade de Londrina, fundada pela Companhia de Terras Norte do Paraná em 1932 — ha apenas 9 annos — concluimos que só mesmo regiões imensamente ricas como o Norte do Paraná é que possibilitam um tão rapido surto de progresso.

Mas, quem fala em Londrina, fala em todo o Norte do Paraná, onde, em toda a parte, se verifica a mesma chama de civilização e entusiasmo pelo trabalho.

Nova Dantzig, Rolandia, Araçongas, Apucarana, Lovat, e Marialva, cidades subordinadas ao Município e Comarca de Londrina, atestam o desenvolvimento, sempre crescente, do Norte do Paraná.

Dotada de magnífica rede rodoviária e de caminho de ferro, toda a produção agrícola tem o seu escoamento assegurado no momento mais proprio para alcançar melhores preços nos mercados consumidores.

Café, algodão, cereais, legumes, frutas, mandioca, em suma tudo que constitui produção agrícola dá do bom e do melhor.

O clima é muito saudavel e ninguém estranha a mudança. A agua é de uma pureza invulgar.

Se deseja dedicar-se á agricultura, com exito seguro, adquira terras roxas, com facilidade de pagamento, dá

**COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ**

**Sede: LONDRINA - Paraná**

**Escritorio em S. Paulo: Rua S. Bento, 329, 8.º and. - Caixa Postal, 2771**

Nota — Nenhum agente de vendas está autorizado a receber dinheiro em nome da Companhia.

(Títulos registados sob n. 12, de acordo com o decreto n. 3079, de 15-9-1938)

Figura 9: Propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná veiculada no jornal O Estado de São Paulo, edição de 09 de novembro de 1941. Fonte: Acervo particular de Renato Leão Rego.

A concepção das cidades fundadas no norte paranaense pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná aconteceu, portanto, de modo ordenado, estratégico, inovador e auspicioso — muito embora tenha validade a opinião de autores tal qual Rosaneli (2013), que afirmou haver motivação puramente comercial e em vista de lucro nestas concepções, ou Joffily (1985 apud GUADANHIM, 2002), que atrelou a alta investidura em propaganda ao mascaramento de situações econômicas mais peculiares — estas verdades coexistem. Vale dizer que, nos anos seguintes à fundação, estas cidades foram palco de um cenário de prosperidade econômica e de ascensão social — condições estas vinculadas à prosperidade do cultivo de café naquela região, e muito provavelmente também vinculadas à estreita relação destas cidades com a metrópole paulista em formação.

## 1.2. OCUPAÇÃO REGIONAL E SOCIEDADE LOCAL

À medida que a colonização do norte paranaense ia se conformando, a ocupação e o desenvolvimento daquela região iam se tornando realidade. Assim, a Maringá do final da década de 1950 já se mostrava bastante distinta da Maringá do final da década anterior.

Imediatamente após sua fundação, a instalação de infraestruturas urbanas e a construção de numerosas edificações davam conta da transformação contínua na paisagem urbana. O mesmo ocorria em Umuarama, já nos anos seguintes à sua fundação.



Figura 10: Mapa de Maringá, de 1957, com informações e dados locais daquele ano, dez anos após a fundação da cidade. Elaborado e divulgado pela prefeitura do município. Fonte: Acervo da Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá.

Um mapa de Maringá no ano de 1957, reproduzido na Figura 10, de autoria da prefeitura municipal, convidava as pessoas a visitarem a cidade em seu décimo aniversário, e trazia dados curiosos para uma cidade ainda tão jovem: 85.000 habitantes (36.000 residentes na área urbana); 66 estabelecimentos de ensino; 12.500 alunos; 29 empresas de transportes coletivos; 1.400 estabelecimentos comerciais; 19 agências bancárias; 3 cinemas; 11 hospitais; 22 farmácias e 3 drograrias; 12 hotéis e numerosas pensões; 24 templos religiosos; 9 cartórios; 2

empresas telefônicas; 1 aeroporto; 1064 veículos registrados no município; trânsito diário de 120 ônibus de linha, 10 aviões da empresa Real, 6 aviões da empresa Vasp, 4 trens de passageiros, 6 taxis aéreos. (GERÊNCIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE MARINGÁ).

Duas fotografias do centro da cidade de Maringá, sendo a primeira datada do início da década de 1950 (Figura 11) e a segunda datada no início da década de 1960 (Figura 12), ilustram as diferenças na paisagem urbana ao passar de uma década.



Figura 11: Fotografia do centro de Maringá no início da década de 1950. Fonte: Acervo do Museu da Bacia do Paraná.



Figura 12: Fotografia do centro de Maringá no início da década de 1960. Fonte: Acervo do Museu da Bacia do Paraná.

A revista *Maringá Ilustrada*, na edição de Agosto de 1957, tratou de ilustrar e de destacar as transformações urbanas pelas quais a cidade passara no decorrer de sua primeira década de existência: na reportagem mostrada na Figura 13, a primeira foto, de 1947, ano de fundação da cidade, mostra “casas tôscas de madeira” dispostas num sítio cujo arruamento ainda não se mostrava precisamente marcado e estabelecido; a segunda foto, de 1957, mostra a Avenida Duque de Caxias, no centro, com arruamento definido, canteiro central, paisagismo e arborização implantados, postes de energia elétrica, e edificações de alvenaria com altura de 2 a 3 pavimentos e aspecto moderno para aquela época. A reportagem, denominada “Maringá de ontem e de hoje...” trata ainda de frisar que tais mudanças ocorreram em “apenas dez anos”.

# Maringá de ontem e de hoje...

A sua história tem o arrôjo dos fortes, a persistência dos patriotas e a coragem dos humildes. Luta heróica de um ideal que fêz, da floresta rude e secular, um berço de civilização e de esperanças as mais consoladoras. A cidade se assentou, primeiro, no planalto. Depois, olhando a planície, desceu a passos largos. E à sua sombra as avenidas se abriram!

*Antes*  
*é*  
*Maringá - Velho... ▶*



Casas tósocas de madeira, restos de perobeiras que tombaram — hoje retratos de uma colonização. Aqui nasceu a cidade, no ano de 1947.

**A G Ó R A ,**  
porém,  
é simplesmente MARINGÁ, conhecida dentro da Pátria e até fora de suas fronteiras.  
É chamada "Rainha do Sertão", "Cidade-Brotinho", "Cidade-Milagre"! E são qualificativos adequados porque, de fato...



MARINGÁ dos dias atuais impressiona a qualquer forasteiro que, de olhos postos em suas avenidas e em seus edifícios, duvida, maravilhado, de seus dez anos de vida (Trecho da Avenida Duque de Caxias, local onde há dez anos, — há dez anos apenas, — imperava a mata virgem (foto cedida por Miguel Persi).

82 **MARINGÁ - ILUSTRADA**

Figura 13: Reportagem da revista Maringá Ilustrada, de agosto de 1957, mostrando as transformações urbanas na cidade ao decorrer de uma década. Fonte: Acervo Virtual do Blog Maringá Histórica. Disponível em: [https://issuu.com/maringahistorica/docs/maring\\_\\_ilustrada\\_-\\_1957?viewMode=doublePage](https://issuu.com/maringahistorica/docs/maring__ilustrada_-_1957?viewMode=doublePage)

Umuarama, fundada em fins da década de 1950, já no início da década seguinte começara a ver a sua ocupação central com edificações de 2 ou 3 pavimentos, e com a paulatina instalação de infraestruturas urbanas, como pode ser observado pelas Figuras 14 e 15.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Evidentemente, as informações, dados e fotografias obtidos de Umuarama no início da década de 1960 são menos intrigantes e sedutores do que os de Maringá no final da década de 1950. Justifica-se esta discrepância pelo fato de Umuarama ter sido recém fundada no período observado, enquanto que Maringá completava sua primeira década de existência. Também é importante notar que Umuarama é, até hoje, uma cidade menor – em tamanho e em população – do que Maringá. Outro fator pode ainda ter contribuído para as diferenças entre os municípios: a dinâmica da economia cafeeira, que vai perdendo forças a partir da década de 1960, quando Umuarama ainda iniciava sua ocupação e seu desenvolvimento. Os mesmos motivos podem também explicar as diferenças entre Londrina e Maringá, que serão observadas ao longo do texto.



Figura 14: Vista aérea do centro de Umuarama no início da década de 1960, poucos anos após a fundação da cidade. Disponível em: <http://aciupr.com.br/historia-de-umuarama.php>



Figura 15: Vista aérea do centro de Umuarama no início da década de 1960, poucos anos após a fundação da cidade. Disponível em: <http://aciupr.com.br/historia-de-umuarama.php>

Era de fato a economia cafeeira que promovera o rápido desenvolvimento daquela região. As terras do norte paranaense mostravam-se favoráveis à cafeicultura desde fins do

século XIX, aos olhos de paulistas e mineiros plantadores de café. Contribuíram neste sentido os seguintes fatores: política econômica governamental, terras férteis, o não agravamento pelo regime de quotas, facilidade de aquisição de terras, clima adequado e o escoamento da produção através das ferrovias que chegavam ao Estado (CANCIAN, 1982).

Inicialmente, as primeiras culturas cafeeiras paranaenses se estabeleceram na região do Norte Pioneiro, entre 1900 e 1929. Tratou-se de um período de prosperidade da lavoura cafeeira, cuja migração das culturas para o norte paranaense ocorreu em decorrência de baixos rendimentos financeiros nas terras velhas – paulistas – e da busca por melhores rentabilidades nas novas terras – paranaenses (CANCIAN, 1982).

Num segundo momento, na década de 1930, a extensão do plantio cafeeiro atingiu a região do Norte Novo de Londrina e, na década seguinte, do Norte Novo de Apucarana e do Norte Novo de Maringá (CANCIAN, 1982). Àquelas épocas, a crise cafeeira deflagrada em 1929 deu origem à conjuntura recessiva. Em consequência, o regime de quotas, imposto nacionalmente, reduzia a oferta de café diminuindo drasticamente a sua produção – exceto no norte paranaense, onde a companhia colonizadora exercera pressão política de modo a isentar aquela região da política restritiva ao plantio de café (REGO, 2009).

Num terceiro momento, datado de 1945 a 1970, coincidente com o pós-guerra, o plantio intensivo de cafezais atingiu as regiões novas de Paranavaí, Umuarama e Campo Mourão. Tratava-se do período de apogeu da expansão cafeeira no estado, quando, de fato, o centro dinâmico da produção cafeeira se deslocara de São Paulo para o Paraná. Há dados de que a produção cafeeira paranaense, no ano de 1960, correspondeu a um terço da produção mundial, à metade da produção brasileira, a quase o dobro da produção africana e a três vezes a produção colombiana, no mesmo ano. Junto à produtividade, o preço do café disparou, concentrando renda nesta região, e possibilitando repercussões econômico-sociais consideráveis (CANCIAN, 1982).

A partir da década de 1960, no entanto, notou-se um declínio nos rendimentos da economia cafeeira no norte paranaense. Os altos rendimentos e a alta produção regional, verificados nas décadas anteriores, levaram a um cenário de superprodução, desregulando o equilíbrio entre oferta e demanda, e culminando na queda abrupta dos preços do café. Como consequência, dezenas de cafezais foram então, nas décadas seguintes, substituídos por lavouras diversas ou pastagem, em busca da retomada de lucros antes atrelados ao café, mas sem o mesmo sucesso (CANCIAN, 1982). A evolução da economia cafeeira no norte paranaense é ilustrada pelo gráfico reproduzido na Figura 16.

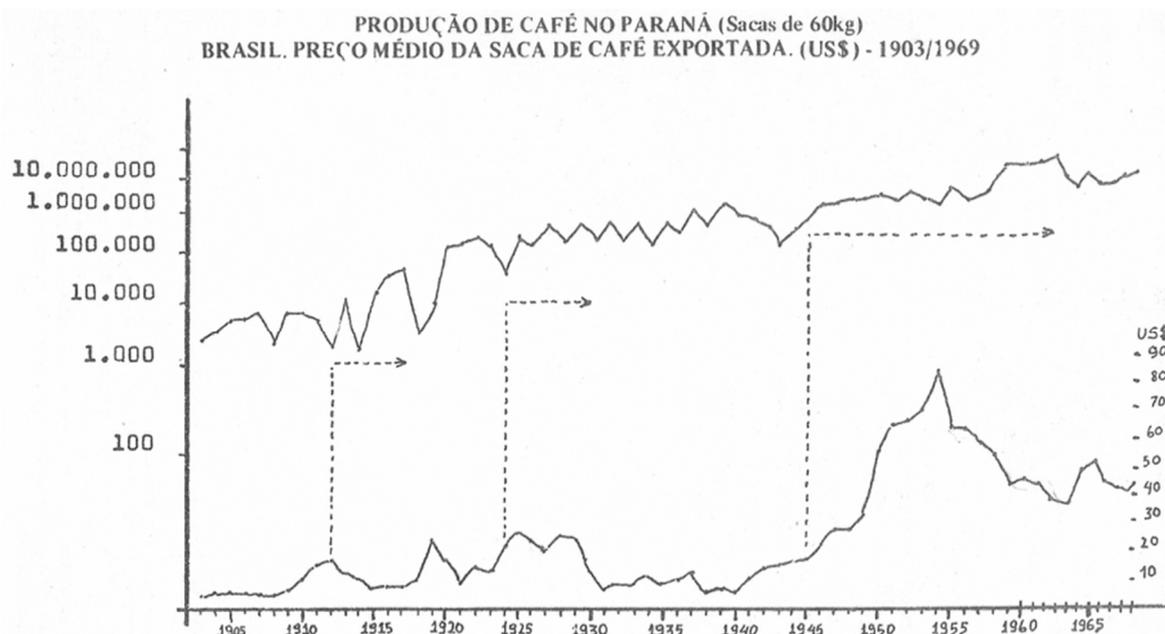


Figura 16: Gráfico comparativo da produção de café no Paraná com o preço do café no Brasil, entre 1903 e 1969. Fonte: CANCIAN, 1982, p. 22.

Junto à prosperidade econômica, o rápido crescimento demográfico do norte paranaense contribuiu para o desenvolvimento regional. Dados censitários do IBGE levantados por Luz (1980) dão conta de que a população residente na região colonizada pela Companhia de Terras Norte do Paraná aumentara de 75.296 pessoas em 1940 (6,1% da população estadual), para 376.774 pessoas em 1950 (17,7% da população estadual), e para 881.306 pessoas em 1960 (20,6% da população estadual). Os dados também mostram que, embora em todo o período observado a população rural se mostrara maior do que a população urbana, a porcentagem de população residente nas cidades aumentara a cada década: de 25,4% em 1940, para 27,30% em 1950, e para 30,9% em 1960 (IBGE apud LUZ, 1980).

Dados censitários do IBGE (1960) evidenciam o crescimento populacional em Maringá, na década seguinte à sua fundação: em 1950 eram 38.588 habitantes, 7.270 residentes na área urbana; em 1960 eram 82.705 habitantes, 42.288 – pouco mais da metade – residentes na área urbana. Em Umuarama, no ano de 1960 – logo após a fundação do município, habitavam 20.360 pessoas, 5.829 destas na área urbana; já em 1970, a população aumentara para 59.874 habitantes, 28.047 residentes na área urbana (IBGE, 1960, 1970).

Em paralelo à prosperidade econômica e ao crescimento demográfico, a formação de uma imagem moderna, inovadora e próspera se tornava, rapidamente, realidade nas cidades norte-paranaenses recém colonizadas – evidentemente guardadas as devidas proporções. O colono que habitara estas cidades estava empenhado em busca de prosperidade econômica e

social e, à medida que tal prosperidade se materializava, o desejo de forjar uma nova imagem próspera se manifestava (REGO, 2012a). Pellegrini (2013) narra, no romance ‘Terra Vermelha’, a história de um casal de colonos que prosperaram na jovem Londrina dos anos 1940-1950:

E ali estava José, corretor de terras, rico aos quarenta anos, dono de tantas *datas* na cidade e sítios de mata virgem em toda a região, valorizando todo dia cercados de cafezais, de modo que, um dia fez as contas, amanhecia sempre pelo menos um por cento mais rico. Passavam férias na praia, com caminhoneta e motorista que partia um dia antes, depois eles iam de avião com empregada e babá. Tinham o Hotel Pioneiro sempre cheio, ajudavam o hospital, o asilo, o albergue, o orfanato. Eram convidados para as festas dos médicos, os filhos frequentavam o Country Clube, ele era da diretoria da Associação Comercial e alguém sempre dizia que devia ser candidato a prefeito. (PELLEGRINI, 2013, p. 365).

Martins (2010) afirma que “num dado momento da história do país, a classe média, inclusive das pequenas cidades do interior, teve o moderno como valor. E, mais surpreendente, tinha uma imagem clara de um projeto arquitetônico [...] como expressão deste valor” (Martins, 2010, p.160). Desta afirmação decorre o argumento defendido por Rego (2012a) de que a sociedade local, daquelas ricas e prósperas cidades norte paranaenses, teria recorrido à contratação de profissionais – engenheiros e arquitetos – forâneos, sobretudo advindos da metrópole paulista, para projetar edifícios expressivos de modernidade para estas jovens e incipientes cidades.

Diante do exposto, são observados edifícios com características de arquitetura moderna nas cidades norte paranaenses nos anos seguintes às suas respectivas datas de fundação – muitas das vezes com autores advindos da metrópole paulista. Reiterando as afirmações anteriores, Rego (2012a) salienta que: ora estes profissionais forâneos eram enviados pela metrópole paulista para atuar na região interiorana do norte paranaense, ora eram deliberadamente buscados pela sociedade local como modo de imprimir imagem moderna nestas cidades. Tal fenômeno talvez seja mais evidente e mais emblemático quando observado na cidade de Londrina – haja vista o seu porte maior e sua data de implantação mais antiga, muito embora o que ocorrera em Londrina também veio a ocorrer nas demais cidades, guardadas as devidas proporções e as devidas datas.

Decorrem daí as atuações de renomados profissionais nas cidades da região: em Londrina, Jacques Pilon (projeto de uma agência bancária, 1941), Francisco Prestes Maia

(plano urbanístico para a cidade, 1951), Carlos Cascaldi e João Batista Vilanova Artigas (projeto para 12 edifícios na cidade, entre 1948 e 1955), Leo Ribeiro de Moraes (projeto do bairro Shangri-lá, início da década de 1950), Ícaro de Castro Mello (projeto de um hospital, início da década de 1950), Rino Levi (projeto de uma agência bancária, 1960); em Maringá, além do projeto original da cidade pelo engenheiro Jorge de Macedo Vieira (entre 1945 e 1947), também José Augusto Bellucci (projetos de hotel, aeroporto, catedral, prefeitura, teatro, clube, cemitério e praça, ao longo da década de 1950), Rino Levi (palestra local e projeto de uma agência bancária, em 1956), Ícaro de Castro Mello (projeto do *Country Club* Maringá, 1958-1962), Rino Levi (palestra local e projeto de uma agência bancária, em 1956); em Umuarama, Ícaro de Castro Mello projetou o Umuarama *Country Club*, entre 1963 e 1969, e uma praça, já no início da década de 1970. As Figuras 17 e 18 mostram, respectivamente, o edifício da Estação Rodoviária de Londrina, projeto de Artigas e Cascaldi (1948-1952) e o edifício do Grande Hotel Maringá, projeto de José Augusto Belucci (1951-1957).

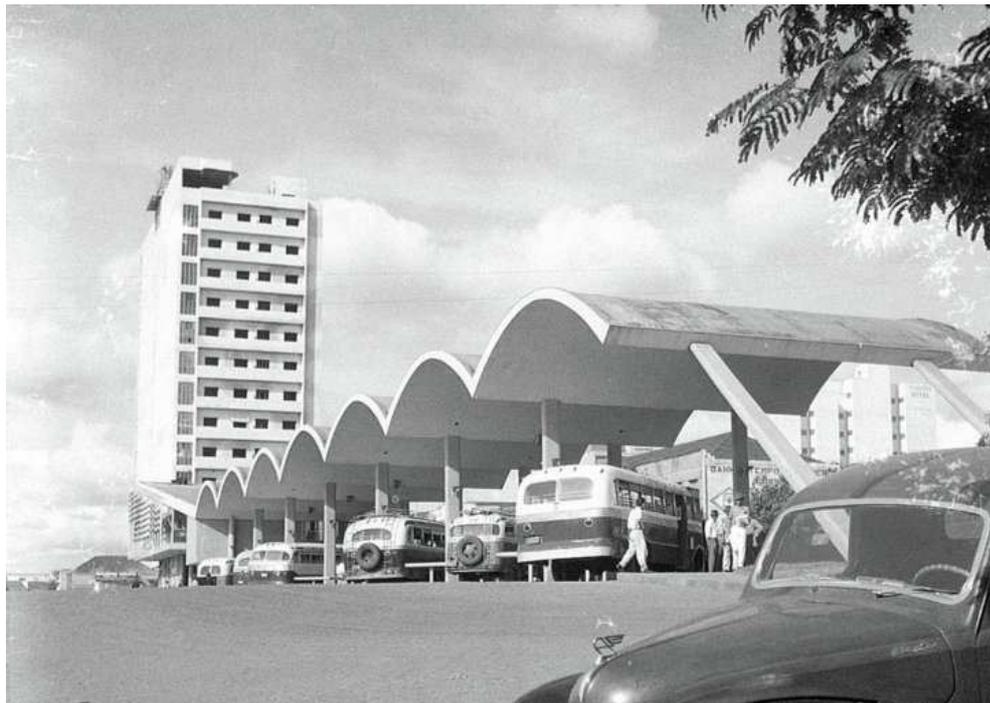


Figura 17: Fotografia do prédio da Rodoviária de Londrina, projetado por Carlos Cascaldi e Vilanova Artigas, s.d.. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/774218/classicos-da-arquitetura-rodoviaria-de-londrina-vilanova-artigas/5602f5f0e58ece79a5000059-classicos-da-arquitetura-rodoviaria-de-londrina-vilanova-artigas-foto>



Figura 18: Fotografia do Grande Hotel Maringá, projetado por José Augusto Belucci, 1957. Fonte: Acervo do Museu da Bacia no Paraná.

Neste sentido, Guadanhim (2002), em sua tese denominada ‘Influência da arquitetura moderna nas casas de Londrina: 1955-1965’, destaca que a implantação e o desenvolvimento da sociedade londrinense coincidem historicamente com o período de consolidação da arquitetura moderna brasileira, motivo pelo qual, junto à prosperidade econômica local e ao vínculo com a metrópole paulista, a cidade experimentou, já na década de 1950, nas palavras do autor: “um surto desenvolvimentista e modernizador” (GUADANHIM, 2002, p. 3). Pellegrini (2013) narra o rápido desenvolvimento da jovem de Londrina:

Novas ruas surgiam todo dia, novos loteamentos, vilas de onde nos pneus o para o centro, torrões que esfarelavam na poeira fina e vermelha que continuava a cobrir tudo. Nas ruas já antigas caíam as casas de madeira, para dar lugar a sobrados e lojas. Gente de toda a região vinha fazer compras e passear. (...) Dinheiro era para gastar, e os dias eram curtos e as noites compridas na Capital Mundial do Café. (PELLEGRINI, 2013, p. 316).

Neste mesmo sentido, Suzuki (2011), ao se debruçar sobre a história de Londrina em busca das chamadas ‘idealizações de modernidade’, relata um contexto de prosperidade econômica e de crescimento significativo naquela cidade ao longo das décadas de 1940 e 1950. Em consequência, a elite local que se formara ansiava por informações e por costumes advindos dos grandes centros urbanos brasileiros – àquela época, Rio de Janeiro e São Paulo. Os edifícios modernos construídos em Londrina, decorrentes de tal processo, são então observados e

registrados por Suzuki (2011): além do emblemático conjunto de 12 edifícios projetados pela renomada dupla de arquitetos paulistas Carlos Cascaldi e João Batista Vilanova Artigas para a cidade<sup>6</sup>, a autora enfatiza uma série de edifícios verticais erguidos na cidade entre os anos de 1949 e 1969 como expressivos da imagem moderna desejada.

O final dos anos 1940 e o início dos anos 1950 marcam o apogeu da cafeicultura londrinense e seus reflexos se fazem sentir de maneira inequívoca no cenário urbano. Concomitantemente ao início do processo de verticalização [...] a cidade começa a receber as influências da arquitetura moderna que se desenvolve nas grandes capitais brasileiras, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. (SUZUKI, 2011, p.44).

Dentre os emblemáticos edifícios verticalizados de Londrina, o Edifício Conjunto Centro Comercial, ilustrado na Figura 19, foi projetado no final dos anos 1950 pelo engenheiro Américo Sato como um edifício multifuncional dotado de uma galeria comercial, refazendo a proposta dos edifícios paulistas Conjunto Nacional e Copan, ambos datados também nos anos 1950. Chama a atenção a simultaneidade observada entre os fenômenos em seu contexto de origem – a metrópole paulista – e em seu contexto de reprodução – a cidade de Londrina: esta cidade sofrera um processo de verticalização ao mesmo tempo em que São Paulo também o sofrera, e a arquitetura de boa parte dos edifícios erguidos nestas duas cidades se aproximavam e se assemelhavam (MELO, 2014).

---

<sup>6</sup> Estes 12 edifícios projetados por Artigas e Cascaldi em Londrina foram, segundo Suzuki (2011): Estação Rodoviária (1948-1952); Edifício Autolon (1948-1951); Cine Ouro-Verde (1948-1952); Casa da Criança (1950-1955); Vestiários do Londrina *Country Club* (1951); Residência Milton Ribeiro de Menezes (1952); Ampliação do Santa Casa de Londrina (1948); Hospital de Londrina (1948, não executado); Ginásio de Esportes do Londrina *Country Club* (1950, não executado); Posto Transparaná (1950, não executado); Posto de Serviços para a Sociedade Autolon (1951, não executado); Estádio Municipal de Londrina (1953, não executado).



Figura 19: Fotografia do Edifício Conjunto Centro Comercial, em Londrina, s.d.. Fonte: VIEIRA, 2006 apud SUZUKI, 2011, p. 90.

Em São Paulo, naquelas mesmas datas, a arquitetura moderna se materializava. O jornalista Raul Juste Lores relata em seu livro ‘São Paulo nas Alturas’ aquilo que, ele próprio, chama de “a revolução modernista da arquitetura e do mercado imobiliário nos anos 1950 e 1960”. Mostrando uma série de edifícios e discorrendo sobre suas histórias, o autor relata um peculiar alinhamento de interesses entre aquilo que os incorporadores e mercadistas imobiliários desejavam materializar, aquilo que os arquitetos desejavam projetar, e aquilo que o público em geral desejava consumir (LORES, 2017). O autor diz:

Copan. Conjunto Nacional. Galeria do Rock. Galeria Metrôpole. CBI-Esplanada. Itália. Bretagne. Paqueta. Três Marias. Jardim Ana Rosa. Esses são alguns dos melhores prédios já erguidos em São Paulo. Se é fato que a arquitetura possui temperamento, esses edifícios são altivos e generosos. Foram todos projetados ou inaugurados entre 1950 e 1960: em pouco mais de uma década, São Paulo viveu um verdadeiro milagre arquitetônico. Em um raríssimo alinhamento de astros, os arquitetos desenhavam os prédios

com que sonhavam, que agradavam a seus clientes/patrões e que coincidiam com o que o público desejava comprar. A escola moderna vendia, e os três grupos ficavam radiantes com o resultado. (LORES, 2017, p. 10).

Este fenômeno de modernização descrito por Lores (2017), cujo alinhamento de ideias entre arquitetos, incorporadores e público fora materializado naqueles altos edifícios da metrópole paulista de meados do século XX, também repercutia na jovem e rica Londrina, estampado em seus altos edifícios (cf. Suzuki, 2011) e às mesmas datas (cf. Melo, 2014). Esta repercussão simultânea reforça a ideia do vínculo das cidades do norte paranaense com a metrópole paulista, e da conseqüente assimilação das tendências metropolitanas.

Xavier (2007) afirma que a década de 1950 representou um marco para a capital paulista – nesta época despertaram características sociais, políticas, econômicas e culturais que seriam relevantes para a formação do contexto da metrópole industrial paulista – e também para o Brasil, de modo geral – por conta do governo de Juscelino Kubitschek, da construção de Brasília, da ideia de formação de uma identidade nacional. Os edifícios refletirão o impulso de desenvolvimento tecnológico produzido pela industrialização: “A tecnologia é o instrumento pelo qual se torna possível alcançar a medida do mundo moderno. O padrão dinâmico da paisagem urbana de São Paulo será intensamente afetado por essas práticas” (XAVIER, 2007, p. 36).

É importante considerar, entretanto, que a arquitetura desenvolvida em São Paulo àquela época estava, até então, estritamente vinculada ao panorama da cidade do Rio de Janeiro: naquelas datas, metrópole nacional e capital federal. A arquitetura moderna brasileira tinha sua gênese centrada no Rio de Janeiro – fato evidenciado inclusive na primeira publicação internacional sobre arquitetura brasileira: o livro *Brazil Builds*, que sucedeu a exposição de mesmo nome organizada por Philip Goodwin no MoMa – *Museum of Modern Art*, em Nova York, em 1942. O edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública (Figura 20), no Rio de Janeiro em 1936, projeto de Lucio Costa com Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira, Ernani Vasconcellos e consultoria de Le Corbusier, e o edifício do Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Nova York em 1939 (Figura 21), projeto de Lucio Costa com Oscar Niemeyer, são ícones desta arquitetura – capaz de fundir os preceitos puristas de uma arquitetura racionalista debatida internacionalmente com aspectos típicos de um passado colonial brasileiro.



Figura 20: Fotografia do Edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1950. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3762/ministerio-da-educacao-e-saude-mes>



Figura 21: Fotografia do Edifício do Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Nova York de 1939, 1939-1940. Disponível em: [http://www.brasilartesciclopedias.com.br/nacional/costa\\_lucio11.htm](http://www.brasilartesciclopedias.com.br/nacional/costa_lucio11.htm)

Sevcenko (1998) aponta para a ideia de concepção do eixo sociocultural entre Rio de Janeiro e São Paulo nas primeiras décadas do século XX, ideia já antecipada por Machado de Assis em fins do século anterior:

O 'Rio-São Paulo', como se vê, não é o Rio de Janeiro nem é São Paulo, como realidades concretas, variadas e atravessadas de contradições, tratando-se acima de tudo de um estado de espírito, de um modo peculiar de anseio pela intensidade e a aceleração. [...] um fato gerado e difundido pelas novas formas de comunicação social e não uma mera realidade territorial. (SEVCENKO, 1998, p. 565-567).

É, portanto, fácil imaginar que os fenômenos sociais e culturais do eixo Rio-São Paulo, enquanto metrópoles, tenham se disseminado e repercutido pelo território nacional. Não foi diferente no norte paranaense, onde a conjuntura econômica e social se mostrara favorável à assimilação de informações advindas das metrópoles – em especial da metrópole paulista, enquanto representativas de modernidade e de progresso. Em menores proporções, o surto desenvolvimentista pelo qual Londrina passara também pode ser observado em outras cidades da região, inclusive Maringá e Umuarama.

### *1.3. ELITE E CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS*

Camargo e Ruiz da Silva (2008), tomando como base as afirmações do sociólogo Norbert Elias, comentam sobre o desejo latente dos grupos de elite em se distinguirem entre si e em relação aos demais, como numa ideia de pertencimento a um grupo social específico. É comum que esta distinção e convívio entre semelhantes se dê de modo mais espontâneo e agradável por meio da comunhão de práticas de lazer ou de esportes (CAMARGO & RUIZ DA SILVA, 2008).

Decorre deste fenômeno – elitista, por excelência – o surgimento dos primeiros clubes sócio-recreativos também nas cidades norte paranaenses recém colonizadas. Tanto Carvalho (2009), ao tratar do surgimentos de clubes no Brasil, quanto Mezzadri (2000), ao tratar do surgimento de clubes no estado do Paraná, comentam sobre quatro categorias distintas de clubes, que surgiram em ordem cronológica: clubes constituídos por agrupamentos ligados a entidades culturais, literárias e políticas – a elite intelectual; clubes constituídos por grupos de indivíduos de alto poder aquisitivo e com interesses em comum – a elite econômica; clubes constituídos por imigrantes europeus com objetivo de manutenção de suas tradições; clubes oriundos de entidades beneficentes ou de classes. Pertencem à segunda categoria, portanto, os primeiros clubes fundados naquelas cidades norte paranaenses novas de colonização.

No cenário nacional, entre fins do século XIX e meados do século XX, o Brasil viu surgir elevado número de clubes sócio-recreativos. Ruiz da Silva (2007) defende que, embora a participação em clubes seja restrita a seus associados, eles tendem a ampliar, tanto em qualidade quanto em quantidade, a oferta de estruturas de lazer e esportes para além das estruturas públicas disponíveis. Significativa quantidade de clubes estabelecidos no Brasil no período ora mencionado coincidiu historicamente com o advento da arquitetura modernista brasileira. O conjunto da Pampulha em Belo Horizonte, concebido na década de 1940, encomendado pelo então prefeito Juscelino Kubitschek e projetado por Oscar Niemeyer, materializava, além de outros edifícios, o Iate Clube, datado de 1942, ilustrado na Figura 22. O programa previa o edifício da sede social – com salão de festas, restaurante, biblioteca, salas de jogos, barbearia, salão de beleza e outros serviços – e também piscinas, brinquedos, campos de esporte e jardins (FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER, 2016).

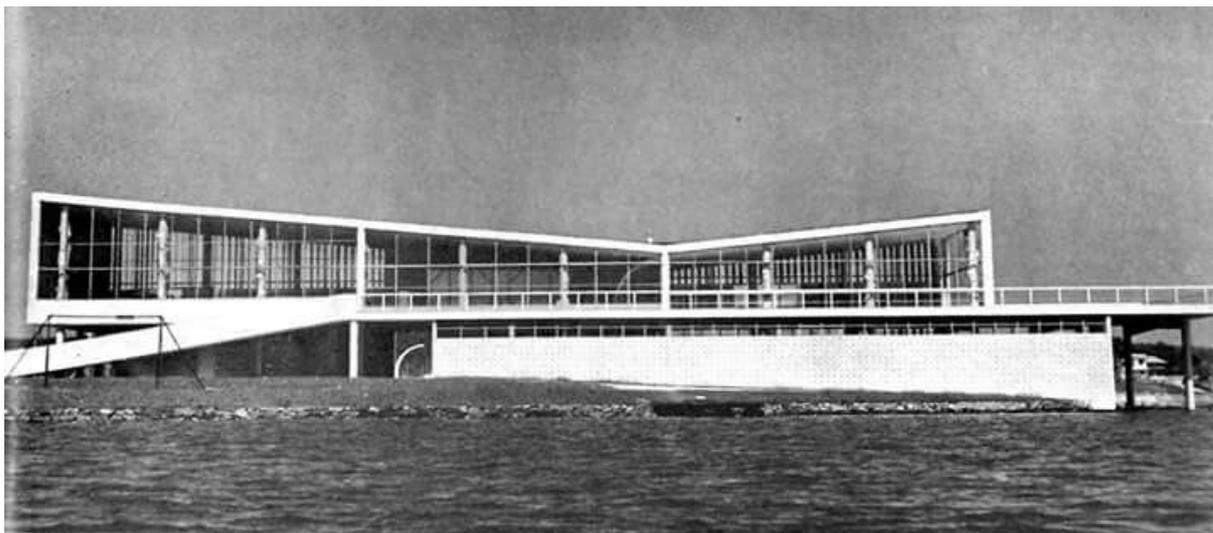


Figura 22: Fotografia do Edifício do Yate Clube da Pampulha, projetado por Oscar Niemeyer, s.d. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/524387950341574993/>

Zein (2005), em sua tese de doutorado que aborda a arquitetura brutalista paulista, cita um universo de 72 clubes inseridos em sua temática de pesquisa. Ainda que diferentes quanto ao programa, tratam-se de projetos de sedes sociais, edifícios para vestiários, piscinas, balneários, sedes náuticas, clubes de campo, colônias de férias com ou sem hospedagem, e equipamentos esportivos como estádios e conjuntos esportivos, projetados por nomes tais quais João Batista Vilanova Artigas, Carlos Cascaldi, Pedro Paulo de Mello Saraiva, Paulo Mendes da Rocha e outros.

Forcellini (2014), em sua dissertação acerca da arquitetura esportiva no estado de São Paulo entre as décadas de 1950 e 1970, levanta um quadro de 99 publicações referentes a projetos de edifícios e áreas esportivas no Index de Arquitetura Brasileira naquele período, e destaca que 71 destes edifícios correspondiam a edifícios-sede ou ginásios multiuso para clubes. Esta quantidade estaria associada a um contexto histórico em que os clubes possuem papel fundamental na disseminação do esporte brasileiro (FORCELLINI, 2014).

Em Londrina, um dos edifícios projetados pela dupla de arquitetos João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi foi o da sede social e vestiários do Londrina *Country Club*, mostrado na Figura 23. Fundado em 1934, quando da fundação da cidade, a sede do clube foi transferida de local em 1946, contando anos mais tarde com a atuação da referida dupla de arquitetos para a elaboração da sede social e vestiários (GUADANHIM, 2002).

Com um programa bastante simples, com estar e bar no térreo e vestiários no pavimento superior, o edifício prismático horizontal sobre pilotis foi implantado defronte à piscina, apresentando muitas características das

demais obras da cidade: modulação estrutural, composta por pilares de seção circular, as rampas de acentuada inclinação, os baixos pés-direitos (cerca de 2,40 metros), a laje dupla entre pavimentos e a cobertura em telhas de fibrocimento com calha central (SUZUKI, 2000 apud GUADANHIM, 2002). Além disso, o projeto previa em ambas fachadas longitudinais fechamento com *brises* pré-fabricados verticais, os quais não foram executados, a exemplo do ocorrido na Casa da Criança. A solução mais inusitada, sem dúvida, são os acessos ao pavimento superior, através das rampas externas, descobertas. Dispostas nas faces maiores do paralelepípedo, as rampas têm sentidos opostos. Através de perspectivas e desenhos da época, é possível perceber como as rampas identificavam prontamente o edifício. (GUADANHIM, 2002, p.111).

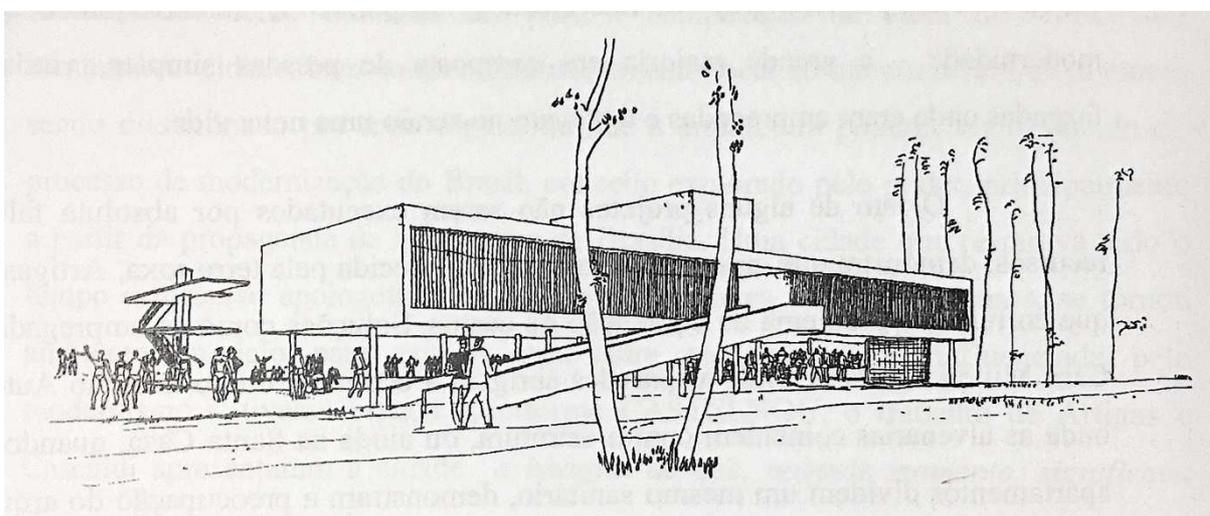


Figura 23: Perspectiva do edifício da sede social e vestiários do Londrina *Country Club*, s.d.. Fonte: Acervo da Biblioteca da FAUUSP apud GUADANHIM, 2002, p.113.

Pellegrini (2013) narra, em uma das passagens do romance ‘Terra Vermelha’, o surgimento dos primeiros clubes sociais na cidade de Londrina, e põe em evidência a ideia de distinção social e de status envolvida na concepção daquelas instituições e, sobretudo, daquele *Country Club*:

O arquiteto comunista [referindo-se a Vilanova Artigas] também projetaria o Country Clube para os ricos, com quadras de tênis e piscina de água clarinha. Surgia também o Grêmio Recreativo para aquela gente que começaria a se chamar de classe média, com salão de baile e piscina de água não tão clara; enquanto no Londrina Esporte Clube, dos pobres, a água era esverdeada como garapa e não se via o fundo. (PELLEGRINI, 2013, p.305).

Também em Londrina, em 1958, foi fundado o Iate Clube da cidade. Um grupo de empresários londrinenses, liderados pelo então prefeito Antônio Fernandes Sobrinho, pelo coletor Severo de Rudin Canziani e pelo comendador Júlio Fuganti, teve a iniciativa de represar as águas do Riberião Cambé para se criar um lago artificial na cidade, o Lago Igapó, inaugurado em 10 de dezembro de 1959. A fundação do Iate Clube corria em paralelo, liderada pelo mesmo grupo. Naquela ocasião, foi organizado um concurso nacional de arquitetura para a escolha do edifício da sede social do clube. O projeto vencedor (Figura 24), dos arquitetos do Clube de Engenharia de São Paulo, composto por João Walter Toscano, Abraão Sanovicz e Júlio Roberto Katinsky, nunca foi construído (IATE CLUBE DE LONDRINA, 2018).

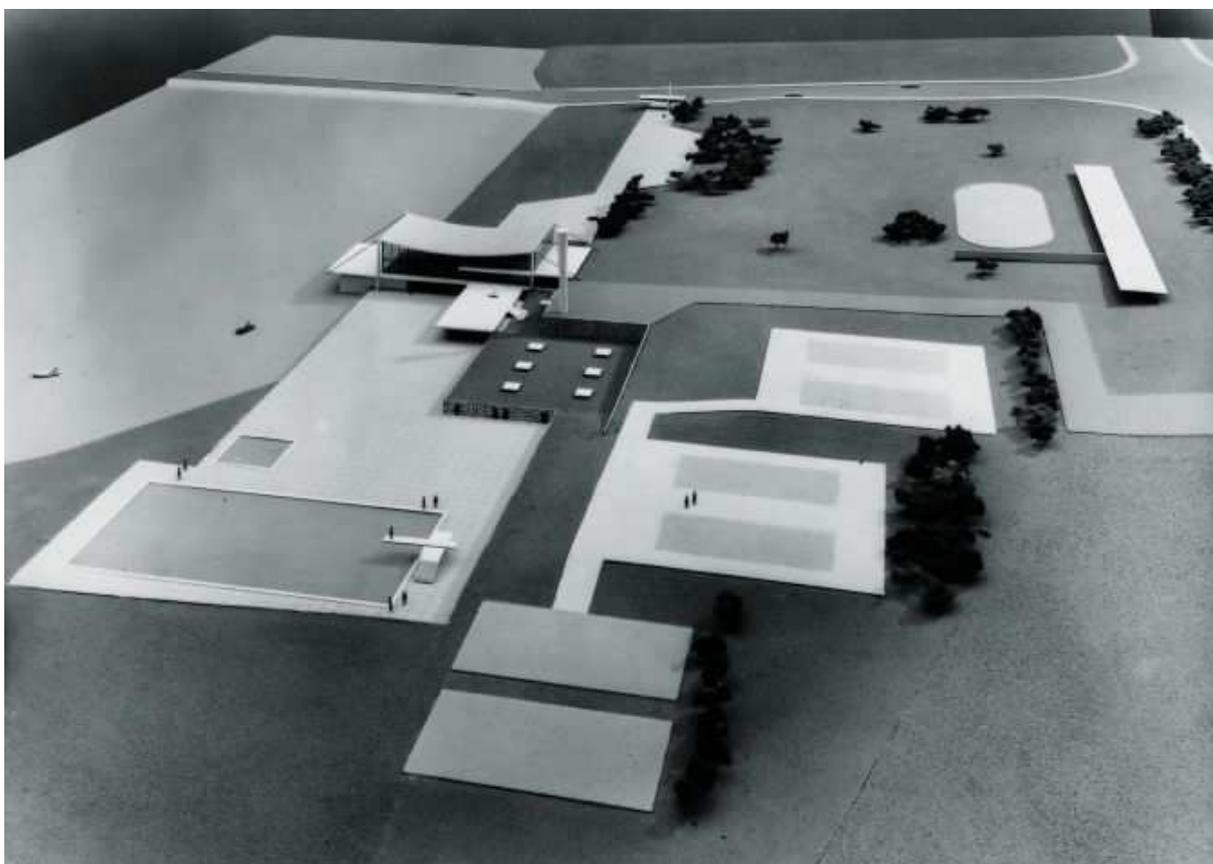


Figura 24: Fotografia da maquete do projeto vencedor do concurso nacional de arquitetura para o Iate Clube de Londrina, s.d.. Disponível em: <http://www.iatelondrina.com.br/page.php?id=11>

Em Maringá, o Aero Clube de Maringá (Figura 25) foi o primeiro clube social e oficial da cidade, inaugurado em 1948 – logo após a fundação da cidade. Na década seguinte, foram criados: o Clube Hípico, em 1956; o Maringá Clube (Figura 26), em 1957 – projetado por José Augusto Bellucci; o *Country Club* Maringá, em 1958 – projetado por Ícaro de Castro Mello; o Clube Olímpico, em 1963. Vale dizer que também outros clubes, de caráter menos elitista,

foram criados paralelamente aos mencionados, na mesma cidade: ACEMA – Associação Cultural e Esportiva de Maringá<sup>7</sup>, em 1948; Clube Cultural Recreativo Teuto Brasileiro<sup>8</sup>, em 1960; Centro Português<sup>9</sup>, em 1964 (GERÊNCIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE MARINGÁ).



Figura 25: Fotografia da inauguração do Aero Clube de Maringá, 1948. Disponível em: <http://www.maringahistorica.com.br/search?q=aero+clube>

---

<sup>7</sup> A ACEMA é o clube da comunidade de descendência japonesa na cidade de Maringá.

<sup>8</sup> O Clube Cultural Recreativo Teuto Brasileiro é o clube da comunidade de descendência alemã na cidade de Maringá.

<sup>9</sup> O Centro Português é o clube da comunidade de descendência portuguesa na cidade de Maringá.



Figura 26: Fotografia interna do Maringá Clube, projetado por José Augusto Belucci, s.d.. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/fotos.php?lang=&codmun=411520&search=paran%E1|maringa>

A fundação do *Country Club* Maringá foi iniciativa do então segundo prefeito da cidade, Américo Dias Ferraz, que houvera sido negado como aspirante a sócio no Maringá Clube – o clube de maior prestígio da cidade, àquela época –, por motivo de rivalidades políticas, e decidiu, junto a um grupo de outros empresários, fundar um clube que competisse em tamanho e em prestígio com o primeiro.

Em Umuarama, a fundação do Umuarama *Country Club* se deu em 1962, logo após a fundação da cidade, tendo sido o primeiro clube sócio-recreativo da cidade, com projeto de Ícaro de Castro Mello. Foi sucedido em seguida pelo Harmonia Clube de Campo (Figura 27), em 1964 (PORTAL DA CIDADE DE UMUARAMA).

**HARMONIA CLUBE DE CAMPO**  
— UMUARAMA —

**Piscinas:**

Água cristalina, Pura, Filtrada.  
Higiene, Saúde, Boa disposição.

Adultos em Piscina Adulta.  
Crianças: Piscina Própria

Natação Desenvolve;  
Embeleza Formas Femininas.

Vestíários modernos; Espaçosos.  
Ambiente perfeito de Sociedade  
Perfeita.

"Drinks" na grama verde ou  
em mesas abrigadas.

**Sede Social:**

Salões imensos para Festas imensas:  
Carnaval bem brasileiro.  
Casamentos da "high"

**Restaurantes:**

Salas de leitura, Trabalho ou  
descanso do espírito.

**Reuniões:**

Jogos, "Snooker", Carreado,  
Ping-Pong, Bilhar

**Boliche:**

Edifício próprio, separado,  
Completo.

H.C.C. : Uma Promoção da «EMSEQUE»

Figura 27: Material de divulgação do Harmonia Clube de Campo, de Umuarama, s.d.. Disponível em: <http://www.harmoniaclubedecampo.com.br/o-clube.php>

A história dos *Country Clubs* brasileiros remete aos *American Country Clubs*, ou clubes de campo americanos, e revela caminhos peculiares de difusão de ideias e de tendências em nível internacional. Entre meados do século XVIII e século XIX, na Inglaterra, homens da elite que se reuniam ocasionalmente e socializavam entre si em cafés passaram a se organizar em 'clubes', que naquela ocasião correspondiam a casas destinadas especificamente para estas reuniões de cunho social. O mesmo fenômeno aconteceu nos Estados Unidos, dando origem aos chamados *City Clubs*, ou clubes urbanos. Tratava-se, via de regra, de instituições com políticas e gerenciamento próprios, de modo a regular e controlar seus membros e garantir que a elite estivesse devidamente reunida entre si e segregada dos demais. À medida que a vida urbana se tornava intensa e caótica, no entanto, notou-se a tendência das elites em buscar refúgio nas áreas periféricas ou suburbanas e, com isso, surgiram os *Country Clubs*. Estrategicamente estabelecidos em áreas ainda não urbanizadas, nos subúrbios daquelas cidades, estes clubes de campo permitiam às elites o desfrute do lazer e da recreação, através dos chamados '*resorts*' de verão, da prática desportiva dos esportes tipicamente elitistas e do convívio social com aqueles que lhes conviessem (MAYO, 1998). Mais do que isso, no entanto, a concepção daqueles clubes campestres norte-americanos esteve atrelada à demonstração de um status social distinto e privilegiado por parte das elites: a ideia de que não se basta ter riqueza ou poder, mas de que estes precisam ser colocados em evidência (MAYO, 1998).

Historicamente, o conceito destes clubes campestres parece ter se disseminado por diferentes países, inclusive o Brasil. O primeiro deles data de 1882, e foi estabelecido aos arredores de Brookline, Massachusetts, Estados Unidos, ilustrado na Figura 28. O vínculo do Brasil com os Estados Unidos fora estreitado entre as décadas de 1930 e 1940, muito em virtude da chamada ‘Política da Boa Vizinhança’ estabelecida entre os dois países. O Brasil era um ponto estratégico na disputa dos Estados Unidos com o Eixo, durante a Segunda Guerra Mundial, e conquistar o apoio brasileiro foi uma das formas encontradas para se evitar o avanço nazista para a América do Sul. A agência especial criada pelo governo norte-americano, sob o comando do multimilionário Nelson Rockefeller, tratava de promover o estreitamento das relações entre os dois países – principalmente através dos meios de comunicação (TOTA, 2000).



Figura 28: o primeiro *Country Club*, em Brookline, Massachusetts, Estados Unidos, 1909. Disponível em: <https://www.cardcow.com/266493/country-club-brookline-massachusetts/>

A ‘fábrica de ideologias’ montada pela Política da Boa Vizinhança tratou de disseminar, no Brasil, costumes e tendências norte-americanas: *progresso, ciência, tecnologia, abundância, racionalidade, eficiência, gerenciamento científico e padrão de vida americano* foram palavras de ordem naquele período, segundo Tota (2000). O ‘*American way of life*’ veiculado nos meios de comunicação nacionais era, assim, representativo de modernidade (TOTA, 2000).

As diferenças regionais diminuíram diante do implacável avanço das estradas de ferro, do telégrafo, do telefone, do jornal, da fotografia, componentes da dinâmica e padronizada modernização americana.

Padronização em todos os níveis, inclusive cultural. O cinema, a maior de todas as invenções americanas na área do *entertainment*, divulgou, mais do que qualquer outro meio, o *American way of life*, americanizando, primeiro, os Estados Unidos, depois o resto da América. (TOTA, 2010, p. 21).

Sem dúvida, e ainda de acordo com Tota (2010), a assimilação de costumes norte-americanos no Brasil não se deu por mera imitação, mas por um complexo processo de recriação de costumes e de tendências advindas dos Estados Unidos. O estilo de vida americano, sumariamente capitalista, pautado pelo progresso e pelo consumo, teve repercussões no território nacional, e ia ao encontro dos desejos das novas elites locais que se formavam diante do contexto de prosperidade econômica e social.

Nas ricas cidades colonizadas do norte paranaense, concebidas através de um processo de colonização estratégico e ordenado, dotadas de um traçado urbano com elementos modernos e inovadores, vinculadas à metrópole paulista por conta do próprio processo de colonização e também da economia cafeeira, ocupadas por uma sociedade local que vislumbrava uma imagem de modernidade e de progresso, pertencentes a um cenário de prosperidade econômica advinda da cultivo cafeeiro, participantes de um processo de modernização regional que se refletira na arquitetura local e que estava atrelado à produção metropolitana do eixo Rio-São Paulo, a assimilação de costumes norte-americanos se deu como um modo de se vivenciar um ideário de progresso, de modernidade, de status social distinto, refletindo inclusive na concepção de clubes sócio-recreativos.

Os objetos de estudo deste trabalho são, assim, mais do que entidades concebidas com uma finalidade recreativa ou desportiva, e mais do que meros ‘edifícios modernos’: são instrumentos de modernização daquelas cidades; são clubes criados para (e capazes de) evidenciar um status social distinto; são dotados de uma arquitetura moderna, alinhada aos gostos e costumes daquele período histórico, capaz de refletir o progresso, a prosperidade econômica e a prosperidade social das elites daquelas ricas cidades, em consonância com o “*American Way of Life*”.

## 2. A ARQUITETURA

Este capítulo se dedica a apresentar e discutir os projetos arquitetônicos elaborados pelo arquiteto Ícaro de Castro Mello para os *Country Clubs* de Maringá e de Umuarama entre os anos de 1958 e 1969. Conforme discutido no capítulo anterior, estes clubes foram fundados em duas cidades novas de colonização do norte paranaense, onde a sociedade local, diante da prosperidade econômica e social advinda da cafeicultura, se empenhava em forjar uma imagem local capaz de expressar modernidade e progresso – decorrendo daí a iniciativa de contratação de renomados profissionais, sejam engenheiros e/ou arquitetos, advindos principalmente da metrópole paulista, para a elaboração de projetos arquitetônicos para edifícios locais.

Entretanto, antes de abordar a arquitetura daqueles clubes, se faz necessária uma nota biográfica sobre o autor daqueles projetos, de modo a se evidenciar sua relevância diante do panorama geral da arquitetura moderna brasileira.

Ícaro de Castro Mello (nascido em 1913, falecido em 1986), natural de São Vicente, São Paulo, foi um arquiteto cuja trajetória profissional ficou marcada pela extensa atuação em projetos arquitetônicos de cunho desportivo, fato intrinsecamente relacionado à sua dedicação particular aos esportes – foi campeão paulista, brasileiro e sul-americano nas modalidades de salto em altura, salto com vara e decatlo; integrou a equipe brasileira de atletismo nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, quando também estagiou no escritório do arquiteto Werner March, autor do projeto do Estádio Olímpico da capital alemã; dedicou-se também à natação, ao tênis e ao vôlei (MELLO, 2005). A Figura 29 retrata Ícaro de Castro Mello durante o exercício de sua profissão, à esquerda, e durante a prática de esportes, à direita.

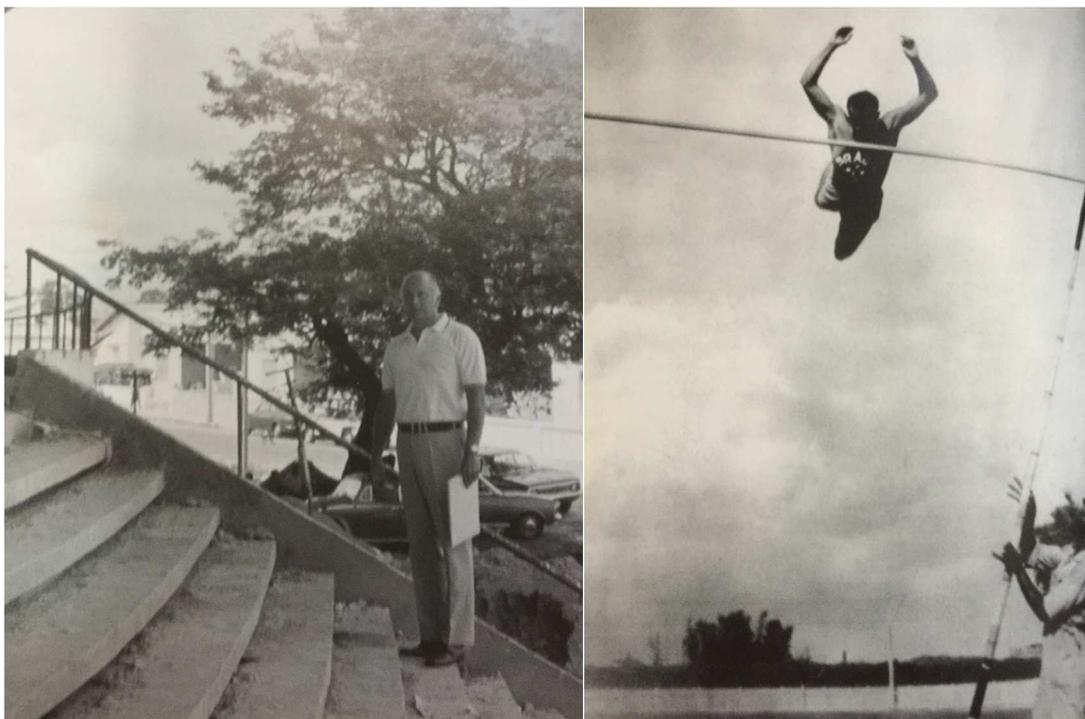


Figura 29: Ícaro de Castro Mello – no exercício da profissão (esquerda), s.d., e na prática esportiva (direita), s.d..  
Fonte: MELLO, 2005.

Sua formação acadêmica se iniciou em 1931, na Escola de Engenharia Mackenzie. Dois anos mais tarde, transferiu-se para a Politécnica, diplomando-se como engenheiro-arquiteto em 1935. Nestas datas, ainda que submetido a um ensino predominantemente tradicionalista, tomou contato com as iniciativas inovadoras de Gregori Warchavchik, Rino Levi, Flávio de Carvalho e Oswaldo Bratke, na capital paulista. Mais tarde, assistiu à criação do Departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB; da Faculdade de Arquitetura do Instituto Mackenzie; e da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, onde lecionou entre os anos de 1950 e 1957. Castro Mello também participou ativamente das entidades de classe, tendo exercido cargos de direção, vice-presidência e presidência no IAB paulista e no IAB nacional (MELLO, 2005; FICHER, 2005).

O gatilho necessário para que Castro Mello fosse, mais tarde, reconhecido como o arquiteto brasileiro que mais projetara prédios desportivos foi o convite, em 1943, para integrar o Departamento Estadual de Educação Física e Esportes – DEFE, em São Paulo, no cargo de arquiteto-chefe, ocupado entre 1946 e 1955. Naquela ocasião, dedicou-se às atividades de projeto, elaboração de normas de dimensionamento, especificações técnicas e detalhamentos construtivos relacionados a diversas práticas esportivas. Este cargo lhe proporcionou ainda a oportunidade de contato com futuros clientes para os quais projetaria significativos edifícios de temática desportiva (MELLO, 2005).

Sua produção arquitetônica não se restringiu, entretanto, aos edifícios esportivos: envolveu projetos residenciais, comerciais e de escritórios, escolares, universitários, de edifícios públicos, de teatros e centros culturais, de hospitais, de garagens, de hotéis, de igrejas, de estádios, de ginásios, de clubes e balneários (VALDES, 2016). Ficher (2005) comenta que o início da carreira do arquiteto foi marcada pela fusão das atividades de projetista e de construtor, não havendo uma distinção muito clara entre estas duas frentes de atuação: “eu fui construir; naquela época não se falava em projeto, tinha que ser construtor...” (MELLO, 1985, p. 3-4 apud FICHER, 2005, p. 285). Com o decorrer do tempo, e a partir de sua atuação no DEFE, Castro Mello passou a se dedicar ao ofício de arquiteto enquanto autor de projetos. Ademais, Ficher (2005, p. 285-286) também comenta que, desde o início de sua atuação, suas obras já se mostravam “todas de orientação moderna, seguindo o racionalismo carioca”.

São exemplos da produção arquitetônica desportiva de Castro Mello: os ginásios de Sorocaba (1950), do Ibirapuera (1952-1957), do SESC Bertioga (1962-1964), de Fortaleza (1964-1971), de Recife (1969-1970), de Brasília (1970-1973); os estádios da USP (1961-1976), de Rio Claro (1967), de Brasília (1972) e o Sport Club Corinthians Paulista de Itaquera (1980); e diversos conjuntos desportivos e recreativos, tais quais a Piscina Coberta de Água Branca (1948), o Esporte Clube Sírio (1950-1955), o Tênis Clube de Marília (1952), a Associação Atlética do Banco do Brasil em São Paulo (1959), o SESC Itaquera (1984-1992) além do *Country Club* Maringá (1958-1963) e do Umuarama *Country Club* (1963-1969) (BRUAND, 1981; MELLO, 2005; FONTANA & BORMIO, 2010; FORCELLINI, 2014; VALDES, 2016).

O projeto para a Piscina Coberta de Água Branca (Figura 30), elaborado em 1948, ocorreu enquanto Castro Mello ainda se dedicava à atuação no DEFE. A cobertura em formato de parabolóide possuía vão variável entre 37 e 55 metros, abrigando a piscina, a arquibancada para 4500 pessoas e os demais serviços (MELLO, 2005). O prédio foi veiculado em importantes publicações de arquitetura moderna, tanto nacional quanto internacionalmente: no livro *‘Modern Architecture in Brazil’ – ‘Arquitetura Moderna no Brasil’*, de Henrique E. Mindlin, em 1956; na revista francesa *‘L’Architecture D’Aujourd’hui’*, número 23, em 1952; na revista *‘Brasil Arquitetura Contemporânea’*, número 4, em 1954; na revista *‘Habitat’*, números 11 e 43, respectivamente em 1953 e em 1957. Bruand (1981) se referiu à Piscina Coberta de Água Branca como “obra prima de funcionalidade”, e disse ainda que “a construção em arcos parabólicos de concreto armado, ligados por elementos pré-moldados de tijolos vazados, forma uma grande abóbada contínua que se presta muito bem ao programa estabelecido e à expressão procurada” (BRUAND, 1981, p. 265).



Figura 30: Piscina Coberta de Água Branca. Vista externa. Projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1948. Fonte: MELLO, 2005.

O Ginásio de Sorocaba (Figura 31), no interior paulista, projetado em 1950, apresentava cobertura em formato de abóbada de berço, com vão de 35 metros e capacidade para 2 mil pessoas (MELLO, 2005). O projeto apareceu em publicações da revista 'Habitat', número 2, em 1951 e da revista 'Acrópole', número 155, também em 1951. Conforme mencionou Valdes (2016), esta foi a primeira obra realizada pelo arquiteto no interior paulista que o agregara reconhecimento: além das publicações em revistas, o projeto foi reconhecido com uma menção honrosa na I Bienal de Arquitetura de São Paulo, em 1951; no mesmo ano, Castro Mello teria sido premiado com a Grande Medalha de Ouro no Primeiro Salão Paulista de Arte Moderna e com o Primeiro Prêmio do Governo do Estado de São Paulo no marco do XVII Salão Paulista de Belas Artes (VALDES, 2016).



Figura 31: Ginásio de Sorocaba. Fotografia da maquete. Projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1950. Fonte: MELLO, 2005.

O Ginásio de Esportes do Ibirapuera (Figura 32), em São Paulo, foi projetado entre 1952 e 1957. A solução de planta circular com cobertura em formato de cúpula permitiu o arranjo das arquibancadas dispostas concentricamente ao redor da quadra, com capacidade para 20 mil pessoas e vão de cobertura de 104,80m (MELLO, 2005). O projeto fez parte de um conjunto de obras para o Parque do Ibirapuera, em comemoração ao quarto centenário da capital paulista. Foi veiculado na revista ‘Arquitetura e Engenharia’, número 24, em 1953; na revista ‘Acrópole’, número 221, em 1957 e na revista francesa ‘*L’Architecture d’Aujourd’hui*’, número 29, em 1958.



Figura 32: Ginásio do Ibirapuera. Vista externa. Projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1952. Fonte: MELLO, 2005.

No Esporte Clube Sírio, projetado entre 1950 e 1955, Castro Mello previu a implantação de múltiplos edifícios – dentre os quais se destacam a piscina e a sede social (MELLO, 2005).

A Piscina do Esporte Clube Sírio apareceu na capa da revista ‘Acrópole’, número 220, em 1957 (Figura 33) e também na revista francesa ‘L’Architecture d’Aujourd’hui’, número 29, em 1958.

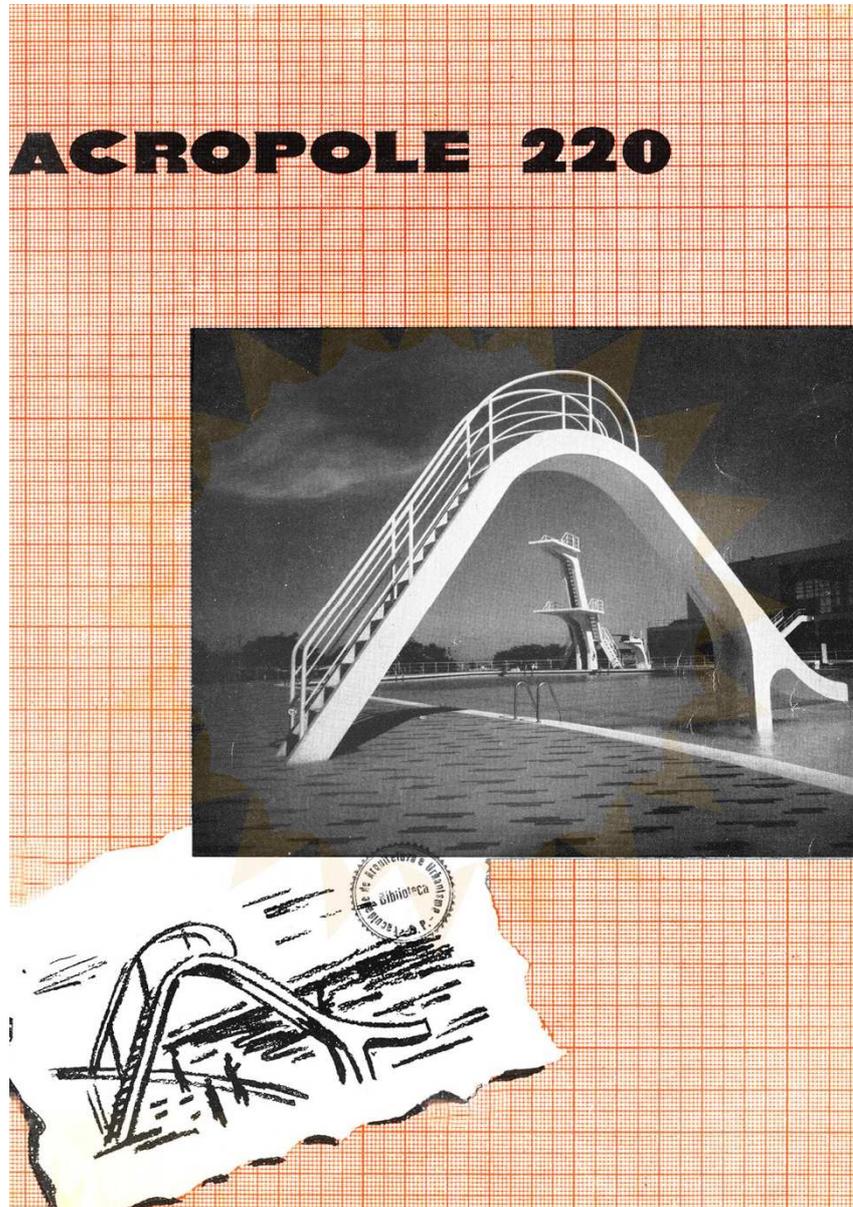


Figura 33: Piscina do Esporte Clube Sírio, projetada por Ícaro de Castro Mello entre 1950 e 1955, ilustrando a capa da revista Acrópole, volume 220, de Fevereiro de 1957. Fonte: REVISTA ACRÓPOLE, 1957.

Para o Centro Esportivo da Cidade Universitária de São Paulo, Castro Mello projetou, junto a Alfredo S. Paesane, em 1961: campo de futebol, pista de atletismo, tanques de saltos, círculos de arremesso, arquibancadas para 30 mil espectadores, pronto socorro médico, instalações sanitárias e vestiários, salas de massagens, bares, setor de imprensa, rádio e TV, iluminação noturna, ginásio com capacidade para 5 mil pessoas, 4 piscinas de dimensões olímpicas e outra piscina com arquibancada para 1,5 mil pessoas, raia olímpica para remo com

arquibancada para 3 mil pessoas, ginásio para ginástica, halterofilismo, salas de fisioterapia e hidroterapia, campo de treino com pista de atletismo, dois campos de futebol, seis quadras de basquete, 6 quadras de voleibol, 8 quadras de tênis, escola de educação física (REVISTA HABITAT, 1962).

O projeto do Centro Esportivo da Cidade Universitária de São Paulo (Figura 34), de 1961, foi veiculado em pelo menos três importantes publicações: na revista francesa *'L'Architecture d'aujourd'hui'*, número 29, em 1958; na revista *'Habitat'*, número 69, em 1962, na reportagem dedicada aos projetos elaborados para a Cidade Universitária de São Paulo, publicação que Castro Mello e Paesane dividiram com os arquitetos Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar, Luís Carvalho Franco, José Luís Mendes Ripper, Zenon Lotufo, Ubirajara Ribeiro, João Cacciola, Alberto Daniel, Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Carlos Barjas Millan, Oswaldo Correia Gonçalves, Abrahão Sanovicz, Júlio Roberto Katinsky, Eduardo Knesse de Mello e José Ramalho Júnior; na revista *'Arquitetura'*, número 29, em 1964, no fascículo dedicado exclusivamente a construções esportivas.

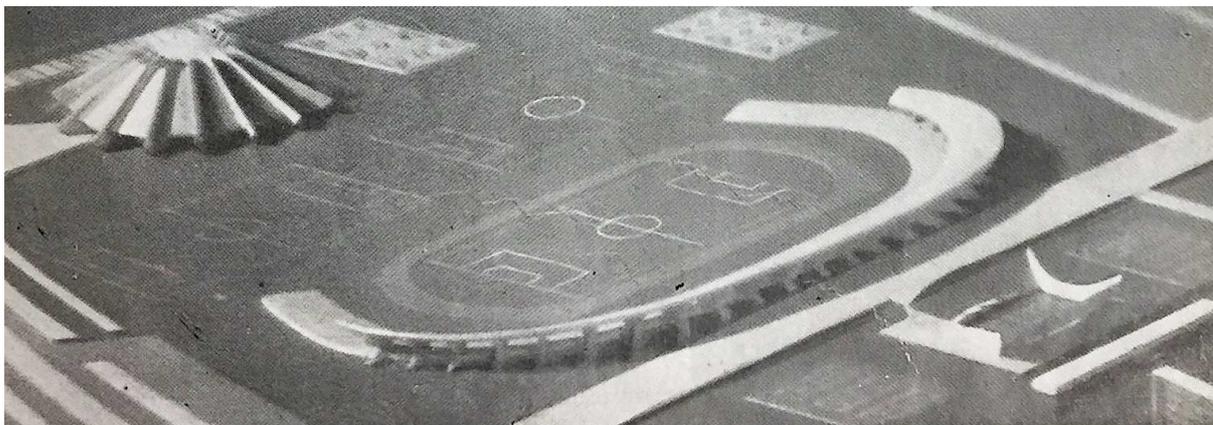
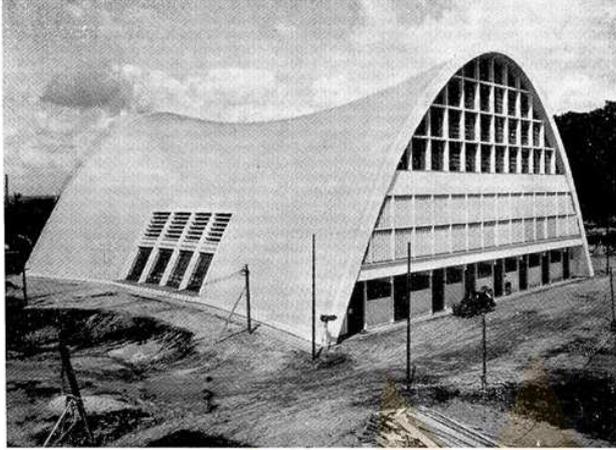


Figura 34: Perspectiva do projeto para o Centro Esportivo da Cidade Universitária de São Paulo. Projeto de Ícaro de Castro Mello e Alfredo S. Paesane, de 1961. Fonte: REVISTA HABITAT, 1962.

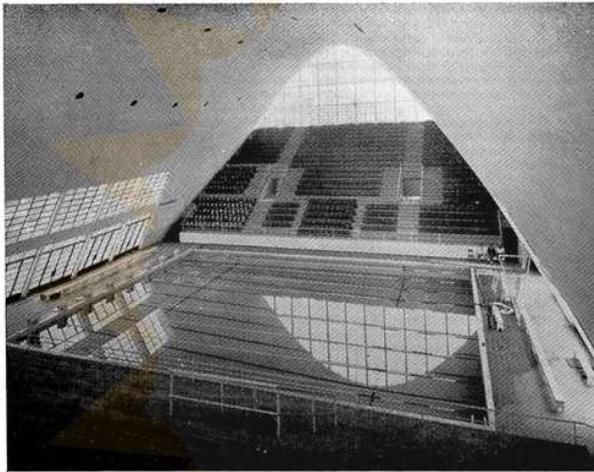
Além das publicações mencionadas – e de tantas outras relacionadas a projetos específicos – Castro Mello também protagonizou publicações que tratavam do conjunto de sua obra. Seu nome aparece em importantes livros e revistas, nacionais e internacionais, que tratavam de registrar e divulgar a arquitetura moderna brasileira. Neste sentido, há menções ao arquiteto em *'Modern Architecture in Brazil'*, mais tarde traduzido para o português como *'Arquitetura Moderna no Brasil'*, de Henrique E. Mindlin, de 1956; em *'Arquitetura Contemporânea no Brasil'*, de Yves Bruand, de 1981; em *'Arquiteturas no Brasil 1900-1990'*, de Hugo Segawa, de 1998; em *'Os Arquitetos da Poli'*, de Sylvia Ficher, de 2005.

A revista 'Arquitetura e Construção', número 1, em 1966, publicou a reportagem intitulada 'Arquitetura Brasileira no Exterior', valendo-se do projeto elaborado por Castro Mello para o '*Las Peñas Arequipa Country Club*', no Peru, como exemplo da atuação de arquitetos brasileiros em outros países (REVISTA AC ARQUITETURA E CONSTRUÇÃO, 1966).

A revista 'Acrópole', número 184, de agosto de 1953, cujo fascículo foi dedicado ao Quarto Centenário de São Paulo, veiculou reportagem sobre Castro Mello (Figura 35) e ilustrou alguns de seus projetos. No mesmo fascículo, além de textos sobre arquitetura moderna no Brasil e em São Paulo, foram contemplados os seguintes arquitetos: Rino Levi, Gregori Warchavchik, Henrique Mindlin, Abelardo de Souza, Francisco Beck, Vilanova Artigas, Carlos A. Gomes Cardim Filho, Eduardo Knesse de Mello, Oswaldo Arthur Bratke, Zenon Lotufo, Rodolpho Ortenblad Filho, Oswaldo Corrêa Gonçalves, Helio Duarte, Eduardo Corona, Philipp Lohbauer, Gilberto M. Tinoco, Ibsen Pivatelli, Luciano Gomes Cardim, além do próprio Ícaro de Castro Mello (REVISTA ACRÓPOLE, 1953).



ICARO DE  
CASTRO MELLO  
ARQUITETO



1950 — Piscina coberta no Parque Água Branca, São Paulo. A piscina tem 25x18 metros, com 8 balizas. A água é aquecida a uma temperatura de 26.º C. Arquibancadas para 4.500 assistentes. A estrutura em concreto armado, com arcos parabólicos, ligados entre si por elementos pre-moldados em tijolos furados, formando no conjunto uma abóbada. A cobertura foi toda feita com telhas de alumínio, assentes sobre madeiramento de peroba, sobre os arcos. Sob as arquibancadas foram localizados os dois vestiários e sanitários masculino e feminino para os nadadores. Sanitários para o público, bar e dependências para o Dept. de Esportes do Estado.

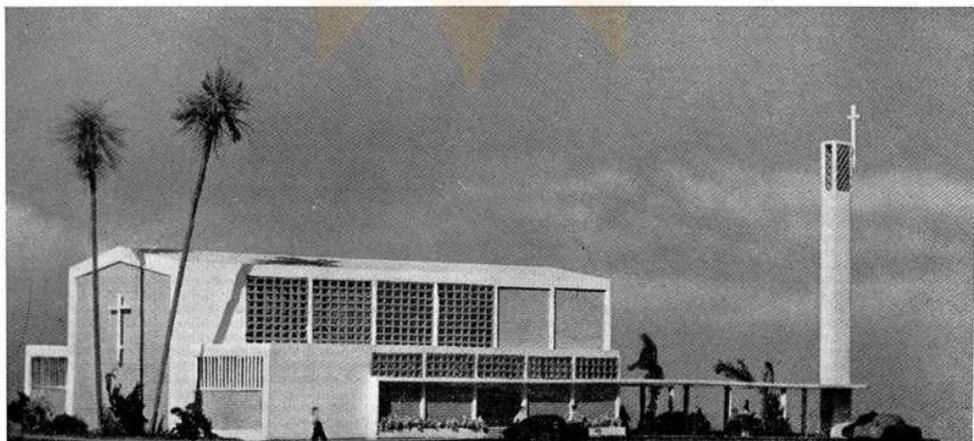


Figura 35: Primeira página da reportagem sobre Ícaro de Castro Mello, publicada na revista Acrópole, número 184, de Agosto de 1953. Fonte: REVISTA ACRÓPOLE, 1953.

Mais tarde, em 1986, quando do falecimento de Ícaro de Castro Mello, o 93<sup>a</sup> número da então renomada revista 'Projeto' dedicou reportagem de duas páginas sobre o arquiteto, com depoimentos de Roberto Cerqueira César, Alfredo Paesani, Alberto Botti, Eduardo Kneese de Mello, Edison Eloy de Souza, Fábio Goldman, Cláudio Cianciarullo, Benno Perelmutter. Dizia o parágrafo de abertura da reportagem, em claro tom de homenagem:

Uma arquitetura de qualidade, uma atuação ativa junto aos órgãos de classe, um arquiteto que formou uma equipe de trabalho de alto nível e, além do mais, uma pessoa afável e cordial: Ícaro de Castro Mello. Sua importância na arquitetura esportiva brasileira é indiscutível. Ajudou a consolidar tipos e soluções arquitetônicas que fizeram a identidade espacial do esporte, em obras que, desde a década de 1940, buscavam implementar as pesquisas que Nervi e Torroja realizavam na Europa com estruturas de concreto armado, até suas mais recentes realizações, sempre com a preocupação em avançar propostas estruturais e de uso, através de exemplos de temas constantes e de contínua, embora discreta, variedade. Uma obra a ser mais conhecida e estudada, em suas concepções e detalhes, como parte indispensável do patrimônio cultural da arquitetura brasileira. (REVISTA PROJETO, 1986, p.36).

Mais recentemente, a crítica especializada em arquitetura tem se referido a Castro Mello – ainda que de modo escasso, com poucas publicações – como um arquiteto moderno especializado em arquitetura esportiva. Mello (2005), por exemplo, destaca que estes projetos de temática esportiva se traduziam em exigências técnicas e construtivas bastante peculiares, envolvendo grandes espaços livres que demandavam o uso de materiais inovadores e de cálculos estruturais apurados para viabilizá-los (MELLO, 2005).

Isolados ou integrados a conjuntos desportivos e de lazer, os ginásios se configuram como um dos grandes campos de experimentação do arquiteto. Respondendo de modo criativo a uma série de condicionantes programáticos, econômicos e técnicos, Ícaro desenvolve várias famílias de ginásios, caracterizadas pelo porte, atividades desenvolvidas, disposição do programa e solução estrutural. [...]. Entretanto, o que chama a atenção é a variedade dos sistemas estruturais por ele desenvolvidos a partir da associação entre pórticos, pilares ou empenas de concreto armado com arcos ou vigas de madeira contraplacada, treliças metálicas ou de madeira, estruturas metálicas radiais, lamelares ou espaciais que formam ora abóbadas, cúpulas ou coberturas planas. (MELLO, 2005, p. 15).

Forcellini (2014) salienta que, na produção de Castro Mello, a diversidade de variantes presentes na concepção dos projetos implica na ampliação do repertório do profissional, o que se traduz tanto na forma quanto na estrutura dos edifícios. Bruand (1981, p. 265), se referindo ao projeto do arquiteto para o Ginásio do Ibirapuera, comenta que “as soluções escolhidas [por Ícaro], sempre motivadas por razões funcionais, levam a uma estética simples, dominada pelas preocupações estruturais”, e prossegue afirmando que estas mesmas características “podem ser encontradas na obra posterior de Ícaro de Castro Mello, mas junto com uma tendência mais acentuada para pesquisas formais” (BRUAND, 1981, p. 265).

Fontana e Bormio (2010) destacam o recorrente uso, por Castro Mello, de coberturas de abóbadas e cúpulas, respectivamente utilizadas em ginásios de planta retangular e circular, e executadas ou em arcos de madeira contraplacada ou em estrutura metálica. No caso de estádios, predominam as soluções arquitetônicas do clássico anel elíptico e do partido de anfiteatro, em vias de se resolver questões de visibilidade, acessibilidade, segurança, separação entre público e campo, proteção climática (FONTANA & BORMIO, 2010).

Valdes (2016) analisa que, desde os primeiros edifícios projetados por Castro Mello – a título de exemplo cita-se o Esporte Clube Sírio, o Ginásio do Ibirapuera, a remodelação do Esporte Clube Pinheiros – havia o alinhamento dos edifícios de cunho administrativo com a produção de arquitetura moderna vigente àquela época: edifícios-placa, constituídos sobre pilotis, dotados de transparência através de uso de vidro, com programa misto de atividades em seu interior. Sobretudo ao observar os projetos das sedes sociais dos clubes, Valdes (2016) destaca ainda a intenção do arquiteto em proteger e valorizar as vistas ao interior dos lotes a partir destes edifícios – daí o uso de grandes janelas de vidros e de terraços a partir dos quais era possível avistar a totalidade do conjunto. Via de regra, a implantação da sede social junto à piscina, nestes clubes, visava a relação de continuidade tanto visual quanto funcional entre estes espaços. Há ainda que se observar a incorporação das cotas de níveis dos terrenos nestes projetos, por vezes escalonados de modo a se adaptarem à topografia natural do local (VALDES, 2016).

A planta circular, adotada principalmente nos terrenos cujo dimensionamento dos lotes não era um empecilho ao projeto, foi amplamente explorada por Castro Mello. Junto com o uso de abóbadas ou de cúpulas, tais soluções podem, de acordo com Valdes (2016), ter justificativa tanto técnica quanto estética, possivelmente auxiliando na construção de uma ideia de renovação institucional e de modernização vigentes no país naquele período.

Sobre as piscinas, quando não se era necessário seguir as dimensões olímpicas oficiais, estas eram concebidas por Castro Mello com formatos irregulares. Tratava-se um modo de se atender às diferentes necessidades de uso reunidas num único espaço, sem necessidade de construção de piscinas adicionais – serviam a competições regionais, crianças em fase de aprendizagem de nado, idosos, nadadores, saltadores de trampolim e jogadores de polo aquático (VALDES, 2016). É notável o contraponto destas piscinas de forma irregular com as sedes sociais contíguas, geralmente em formato de prisma regular elevado sobre pilotis. Também é notável a semelhança dos desenhos destas piscinas com os desenhos desenvolvidos pelo paisagista Roberto Burle Marx, contemporâneo de Castro Mello, e cujos jardins de forma irregular por vezes estabeleciam o mesmo contraponto com edifícios modernistas de forma regular.

Evidencia-se, portanto, nas publicações elencadas e nos registros observados, a relevância da produção arquitetônica – sobretudo aquela de temática desportiva – de Ícaro de Castro Mello em território nacional – e, em alguns casos, internacional – interpretada como uma arquitetura moderna e devidamente alinhada às condições de progresso e de modernidade vigentes naquelas épocas. Dito isso, passa-se à apresentação e discussão dos projetos elaborados pelo arquiteto para os clubes de Maringá e de Umuarama.

### 2.1.O COUNTRY CLUB MARINGÁ

A fundação do *Country Club* Maringá remonta a 1958, onze anos após a fundação da cidade. O terreno destinado às instalações do clube, com área aproximada de 60 mil metros quadrados, correspondente ao agrupamento de três quadras, localizado em uma das margens do traçado original da cidade, ao lado de um dos dois principais bosques previstos naquele traçado, e foi cedido ao grupo fundador do clube pela companhia colonizadora daquela cidade. A Figura 36 mostra uma fotografia aérea do terreno, quando da conclusão da construção da piscina e do campo de futebol.



Figura 36: Fotografia aérea do terreno do *Country Club* Maringá, início dos anos 1960. Disponível em: <http://www.maringahistorica.com.br/2010/03/country-club-inicio-dos-anos-de-1960.html>.

A primeira versão de projetos elaborados por Ícaro de Castro Mello para o clube data daquele mesmo ano, 1958, quando também foram iniciadas as obras. O programa previa a implantação: do edifício do salão de festas; do edifício da sede social; da piscina; do edifício da quadra de boliche; do edifício do ginásio esportivo; de quadras esportivas diversas; do campo de futebol; do playground; de áreas livres – circulações e jardins e de equipamentos auxiliares – caixa d'água, portaria, estacionamento. O traçado geral do clube tomou como base a implantação das quadras esportivas e do campo de futebol orientados no sentido norte-sul, com as faces maiores sempre voltadas para leste e para oeste, conforme recomendações desportivas. A topografia original do terreno foi organizada em platôs que acomodavam cada um dos

edifícios e equipamentos mencionados, além das áreas livres – circulações e jardins. Logo, todos os edifícios e equipamentos mencionados estavam previstos de maneira autônoma: embora conectados uns aos outros por ruas internas, por jardins ou por passarelas cobertas, cada edifício ou equipamento possuía um fim em si mesmo e apresentava uma conformação singular. A Figura 37 ilustra uma perspectiva daquela primeira versão de projetos para o clube.

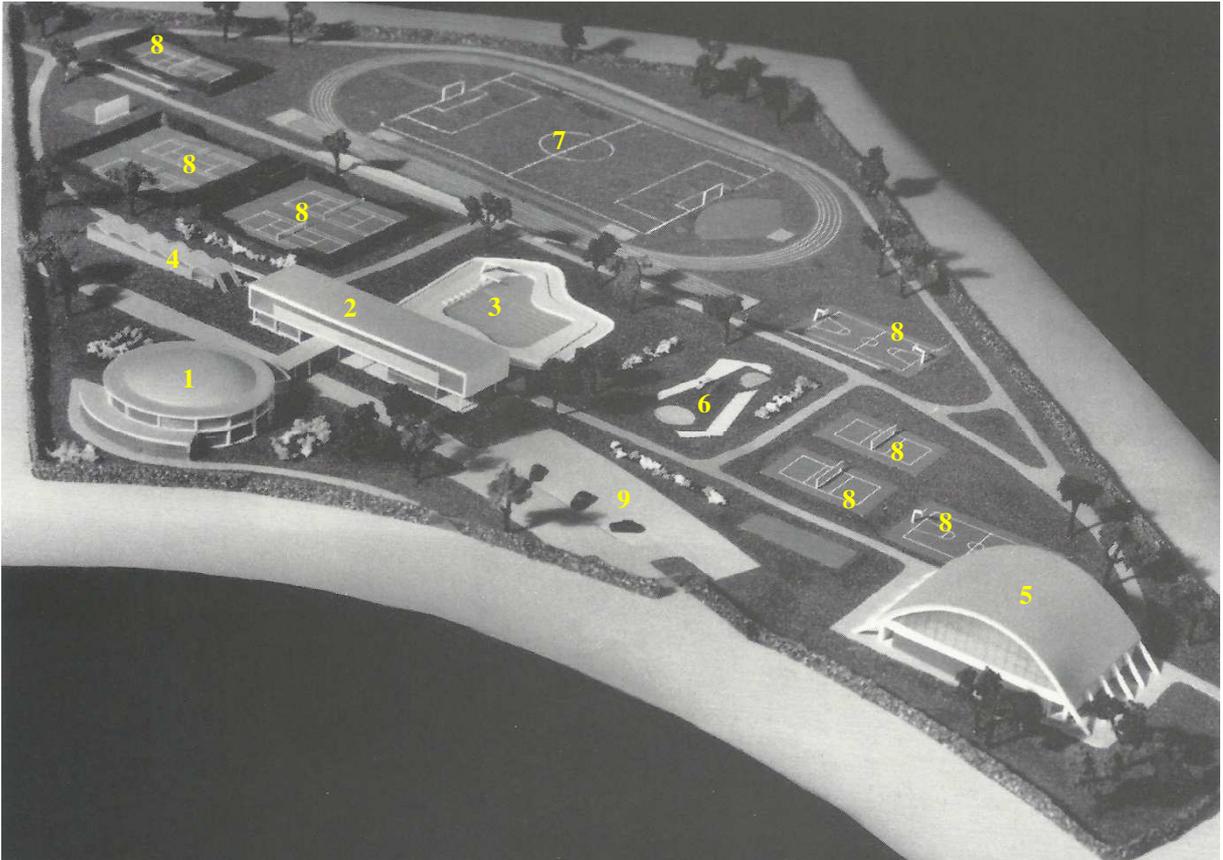


Figura 37: Perspectiva ilustrativa da primeira versão de projetos para o *Country Club Maringá*, de 1958, por Ícaro de Castro Mello. 1- salão de festas; 2- sede social; 3- piscina; 4- quadra de boliche; 5- ginásio; 6- playground; 7- campo de futebol; 8- quadras esportivas; 9- estacionamento. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Editado pelo autor.

A consulta ao acervo particular do arquiteto permitiu o acesso aos seguintes materiais, relativos àquela primeira versão de projetos (de 1958): 10 pranchas de projetos em nível de anteprojeto, contemplando a implantação geral, as curvas de nível, o edifício do salão de festas (plantas, cortes e fachadas), o edifício da sede-social, vestiários e boliche (plantas, cortes e fachadas), o edifício do ginásio (plantas, cortes e fachadas), a piscina (plantas e cortes) e a portaria (plantas, cortes e fachadas); e mais 20 pranchas de projetos em nível de projeto executivo e detalhamentos, contemplando a implantação geral, as curvas de nível, os perfis do terreno, a piscina (plantas, cortes e detalhes), a caixa d'água (plantas, cortes e elevações), a

portaria (plantas, cortes e fachadas), o edifício da sede-social, vestiários e boliche (plantas, cortes, fachadas, detalhes de lareiras, detalhes de esquadrias, detalhes de escadas), o edifício do ginásio (plantas, cortes e fachadas), o edifício do salão de festas (plantas, cortes, fachadas, detalhes de esquadrias), o detalhamento do playground. Naquela ocasião, o acervo de projetos de Ícaro de Castro Mello estava sob processo de organização e de catalogação, razão pela qual não foram localizados integralmente todos os projetos ou documentos relativos aos projetos aqui mencionados. As pranchas de projetos originais, já bastante antigas e razoavelmente deterioradas pela ação do tempo, não se mostraram totalmente legíveis e nem foram passíveis de digitalização completa.

Daquela primeira versão de projetos, de 1958, foram executados inicialmente: a piscina; o bloco de vestiários – que correspondia ao pavimento inferior do edifício da sede social; algumas quadras esportivas; e o campo de futebol. Quatro anos mais tarde, em 1962, Ícaro de Castro Mello elaborou uma segunda versão de projetos para o clube, substituindo os edifícios originais do salão de festas e da sede social por um novo e único edifício, também intitulado como sede social. A implantação deste novo edifício ocupou o local previsto já na primeira versão para a edificação da sede social. Os demais edifícios e equipamentos previstos na primeira versão de projetos, mesmo aqueles ainda não executados, permaneciam previstos nesta segunda versão. A Figura 38 ilustra a construção do edifício da sede social, fruto desta segunda versão de projetos, além dos equipamentos já construídos – piscina, bloco de vestiários, campo de futebol e algumas quadras esportivas. Todos os outros edifícios ou equipamentos projetados nunca foram construídos.

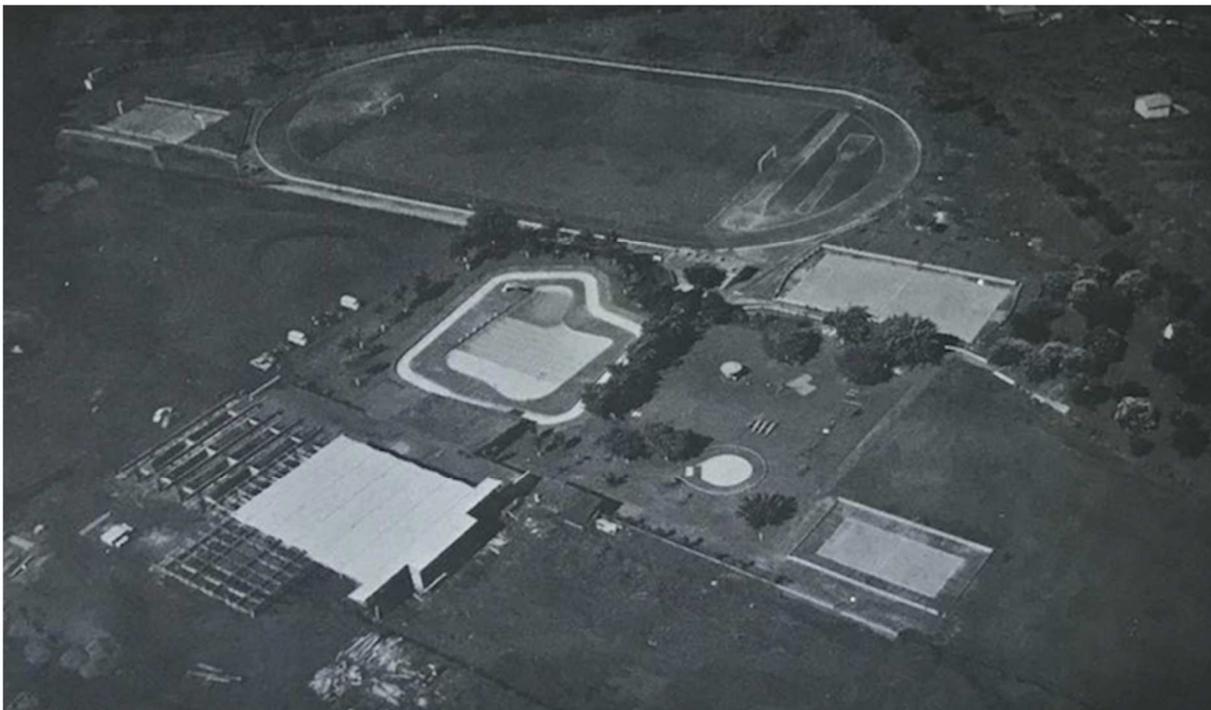


Figura 38: Fotografia aérea do *Country Club* Maringá, s.d.. Fonte: Acervo da Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá.

Desta segunda versão de projetos (de 1962), foram levantados em visita ao acervo particular do arquiteto: 8 pranchas de projetos em nível de projeto executivo e detalhamentos, contemplando a implantação, o detalhamento completo da cobertura, as plantas, os cortes e as fachadas; 6 pranchas do projeto complementar estrutural de concreto armado, elaborado pelo próprio arquiteto.

Passa-se, agora, à apresentação de cada um dos edifícios previstos naquelas duas versões de projetos elaborados por Castro Mello para o clube. Devido à sua relevância, foram redesenhados os edifícios do salão de festas (de 1958) e das sedes sociais (de 1958 e de 1962). A técnica do redesenho, por si só, constituiu-se como ferramenta de análise e de interpretação minuciosa destes projetos, com foco no programa, na forma, nos materiais e na estrutura. A confrontação dos desenhos durante a elaboração dos redesenhos revelou, sobretudo, a importância dada aos sistemas estruturais e suas respectivas modulações pelo arquiteto. Para os demais edifícios – quadra de boliche (de 1958), ginásio esportivo (de 1958), piscina (de 1958) – a observação dos projetos originais também visou à interpretação do programa, da forma, dos materiais e da estrutura.

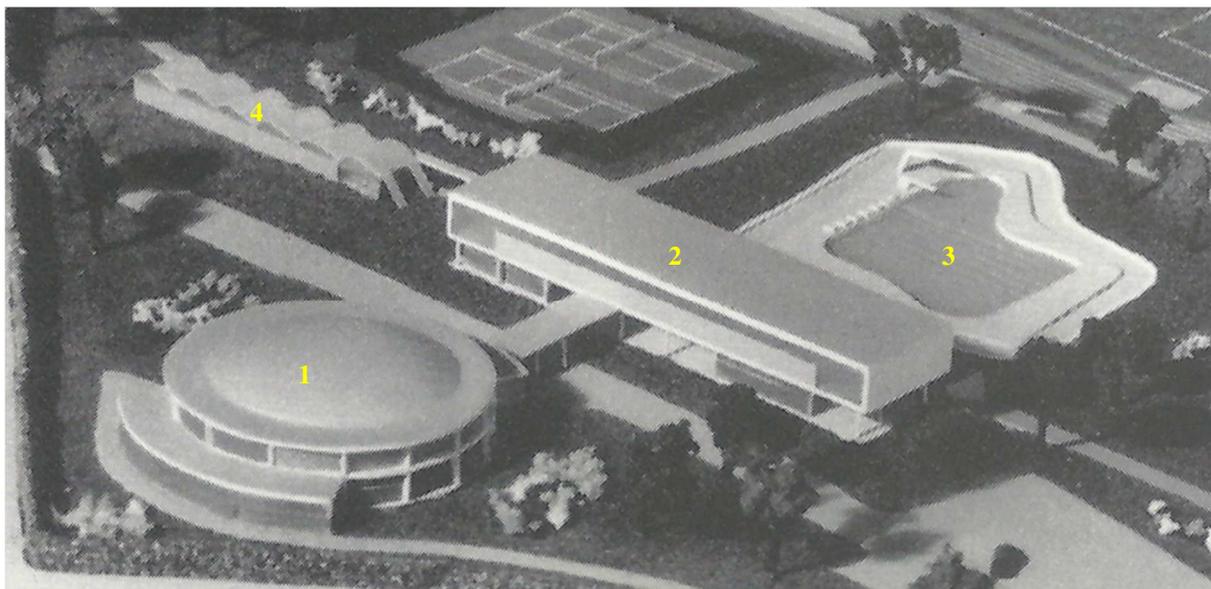


Figura 39: Perspectiva ilustrativa da primeira versão de projetos para o *Country Club Maringá*, de 1958, por Ícaro de Castro Mello. 1- salão de festas; 2- sede social; 3- piscina; 4- quadra de boliche. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Editado pelo autor.

A Figura 39 mostra a disposição e a forma dos edifícios do salão de festas, da sede social, da piscina e da quadra de boliche, projetados na primeira versão, de 1958. Na esquina de cota mais elevada do terreno, diante da portaria de acesso principal, estava previsto o edifício do salão de festas (1.500m<sup>2</sup>). Tratava-se de um edifício de formato circular e de cobertura em formato de cúpula em concreto armado. Em virtude do desnível natural do terreno, o hall de acesso ao salão de festas estava acomodado no pavimento inferior, semi-enterrado. Duas escadas opostas e simétricas conduziam ao pavimento intermediário, no qual a planta de formato circular abrigava o salão de festas propriamente dito, ao centro, e ambientes de apoio – palco, camarins, banheiros, cozinha, depósito e dois terraços – nas bordas. Havia ainda um pavimento superior parcial, com depósitos nas bordas e um vazio central que viabilizava o pé-direito duplo do salão de festas e dos terraços. Nota-se ordem e a simetria na concepção daquelas plantas-baixas, e o arranjo dos espaços internos é moderno. O sistema estrutural, em concreto armado, estava dissociado das vedações, em alvenaria. A cobertura em formato de cúpula possuía um diâmetro de 36 metros com uma flecha de altura de 1,5 metro, revelando arrojado estrutural. Os pilares estavam dispostos radialmente e se desenvolviam ao longo de duas circunferências concêntricas que estabeleciam as bordas do edifício, mantendo o núcleo central do edifício livre. Os pilares mais externos funcionavam como um contraforte, complementando os pilares mais internos. Os fechamentos dos ambientes de apoio acompanhavam o formato circular da planta. O salão de festas possuía fechamentos em esquadrias de ferro e vidro, com altura do piso ao teto. O terraço recebia fechamentos em elementos-vazados tipo cobogó. A

Figura 40 reproduz parte do projeto original deste edifício, mostrando o desenho da fachada leste. Os redesenhos elaborados são reproduzidos nas Figuras 41 (plantas-baixas dos pavimentos intermediário e superior) e 42 (planta-baixa do pavimento inferior, corte transversal).

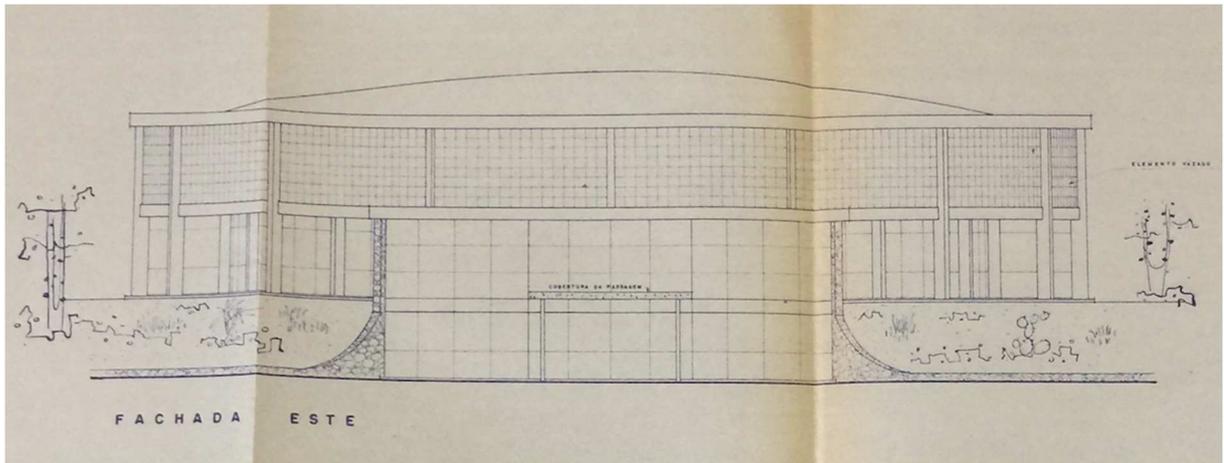


Figura 40: Fachada leste do edifício do salão de festas do *Country Club* Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

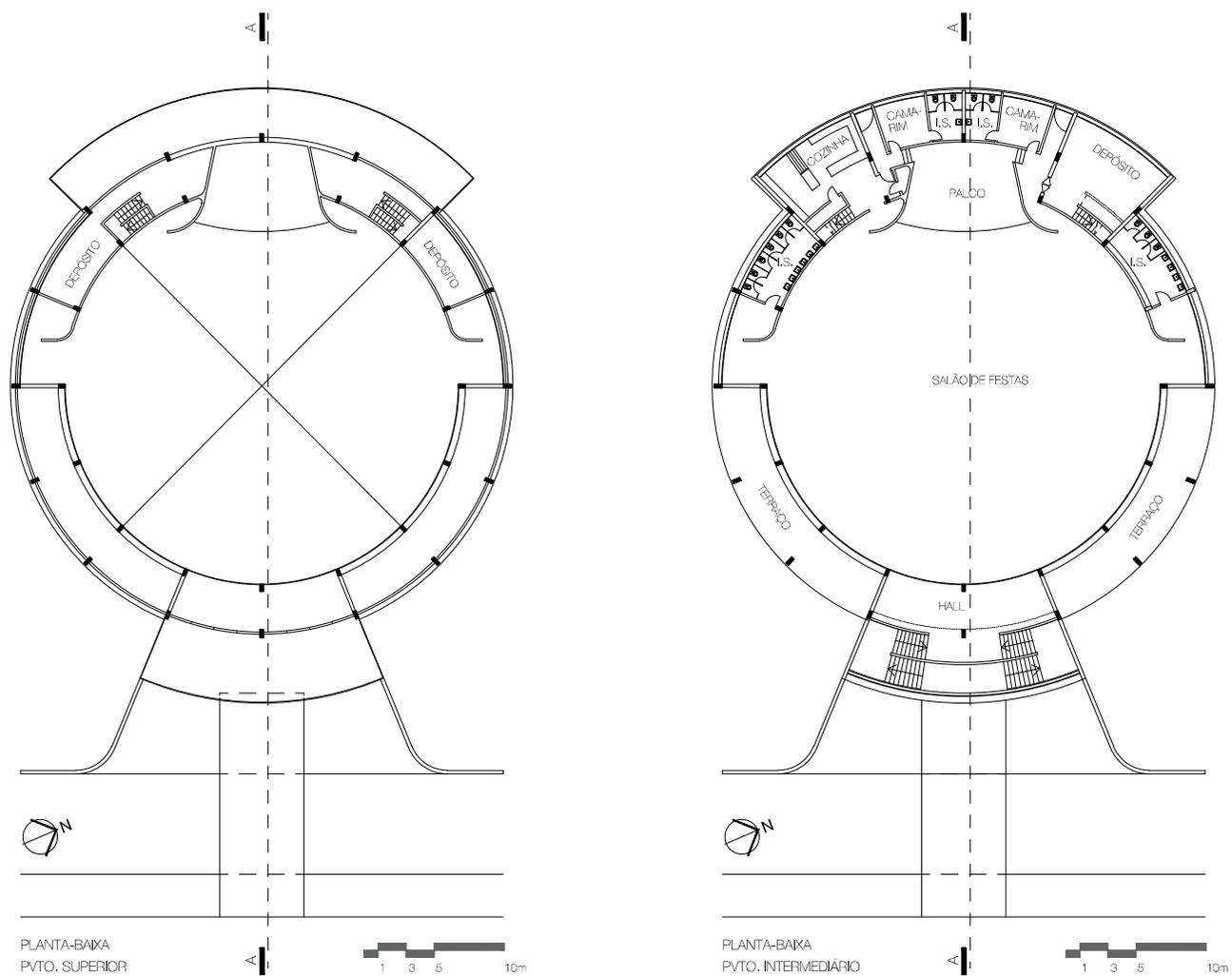


Figura 41: Plantas-baixas do pavimento superior (à esquerda) e do pavimento intermediário (à direita) do salão de festas do *Country Club* Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Redesenhado pelo autor.

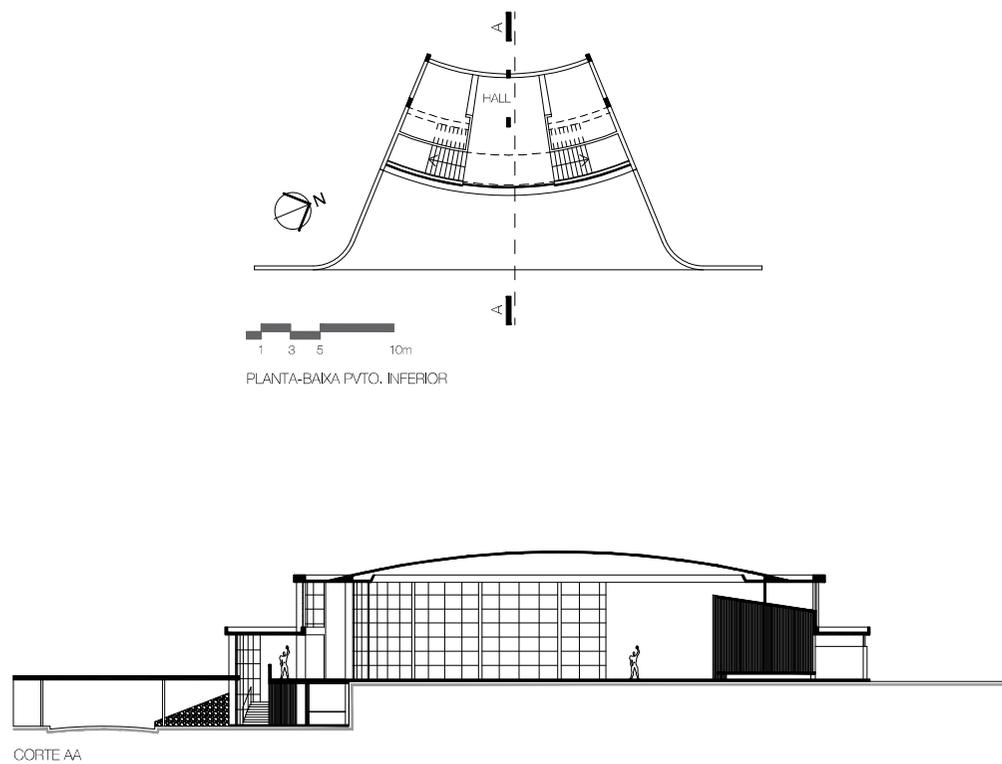


Figura 42: Planta-baixa do pavimento inferior (acima) e corte transversal (abaixo) do salão de festas do *Country Club Maringá*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Redesenhado pelo autor.

Imediatamente na sequência do salão de festas foi prevista a implantação do edifício da sede social (2.000m<sup>2</sup>), estando estes dois edifícios conectados por uma passarela coberta – que, além de estabelecer a conexão coberta entre os dois edifícios, também abrigava a parada de automóveis para embarque e desembarque de pessoas, incorporando a ideia do automóvel ao projeto arquitetônico, um artifício comum à arquitetura moderna. A sede social correspondia a um edifício de formato prismático retangular, desenvolvido em três pavimentos – o mais inferior deles estando semi-enterrado, também em função do desnível natural do terreno. A ordem e a simetria norteavam as plantas-baixas. Os ambientes internos mais sociais, amplos e fluidos, ocupavam o centro daqueles pavimentos, enquanto que os ambientes mais privativos ou de apoio ocupavam suas extremidades.

Assim, no pavimento inferior estavam locados os vestiários, os banheiros, o bar e os demais ambientes de apoio destinados a suprir a área da piscina. O pavimento térreo, por sua vez, se desenvolvia totalmente sob pilotis, garantindo fluidez visual e espacial. Naquele pavimento estavam locados: a barbearia, a sala de bilhar, os vestiários de funcionários, o hall de acesso social, o setor administrativo – com secretaria, diretoria e arquivo –, além de banheiros e demais ambientes de apoio. Uma escada central de formato helicoidal fazia a conexão vertical entre os pavimentos térreo e superior. Havia ainda uma escada externa que fazia esta mesma conexão vertical, ligando a área da piscina ao terraço superior. Por fim, o pavimento superior possuía seus dois lados menores – fachadas norte e sul – fechados com alvenaria, formando duas empenas cegas, e seus dois lados maiores – fachadas leste e oeste – fechados com esquadrias de ferro e vidro com altura do piso ao teto, agregando transparência e ventilação cruzada. A fachada oeste estava protegida da incidência solar por um *brise-soleil* composto por peças de madeira instaladas no sentido vertical, regularmente espaçadas e ligeiramente inclinadas. A fachada leste contava com um terraço com vista para a área da piscina. Naquele pavimento superior estavam locados: o bar, a sala de estar, a sala de senhoras, a sala de leitura, a biblioteca, os banheiros, o restaurante – incluindo cozinha e demais ambientes de apoio, as salas de jogos, além do terraço já mencionado.

Também aqui o sistema estrutural, em concreto armado, estava dissociado das vedações, em alvenaria. Havia uma modulação estrutural regular, com vãos de 6 metros no sentido longitudinal da planta e de 2,5 metros, 6 metros e 4 metros no sentido transversal da planta. A laje de cobertura, plana e maciça, era coberta por telhas de fibrocimento ocultas por platibandas de alvenaria. A laje do piso do pavimento superior era dupla, de tal modo que as vigas estruturais e também as tubulações das infraestruturas elétrica e hidráulica do edifício pudessem

estar embutidas no espaço entre-lajes. Quando não estavam embutidos nas paredes de alvenaria, os pilares apresentavam seção circular. O dimensionamento e o arranjo dos ambientes internos seguiam a modulação estrutural dada pelos pilares e pelas vigas.

Dos cinco pontos da arquitetura moderna preconizados por Le Corbusier, quatro estavam evidentemente presentes naquele projeto: a planta livre, a fachada livre, as janelas horizontais ou em fitas, o térreo em pilotis – e, muito embora não se tenha aqui o terraço-jardim, a cobertura de telhas de fibrocimento estava oculta por uma platibanda de alvenaria que simulava formalmente a ideia de uma cobertura plana, do tipo terraço. A disposição palaciana se fazia presente: um edifício de formato retangular alongado, com as fachadas mais longas sendo as fachadas principais, abrigando ambientes sociais mais amplos e fluidos ao centro, e ambientes de apoio mais opacos nas extremidades. O sistema estrutural e a modulação adotados remetem ao esquema “Dominó”, também preconizado por Le Corbusier. A Figura 43 reproduz parte do projeto original deste edifício, mostrando o desenho da fachada leste. Os redesenhos elaborados são reproduzidos nas Figuras 44 (plantas-baixas do pavimento superior e do pavimento térreo) e 45 (planta-baixa do pavimento inferior e corte transversal).

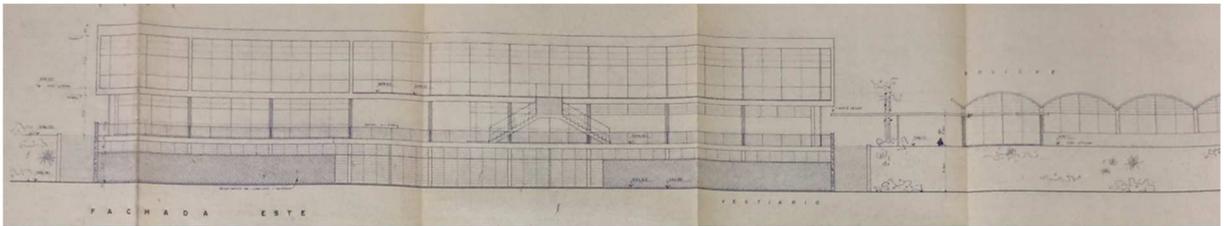


Figura 43: Fachada leste do edifício da sede social do *Country Club* Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

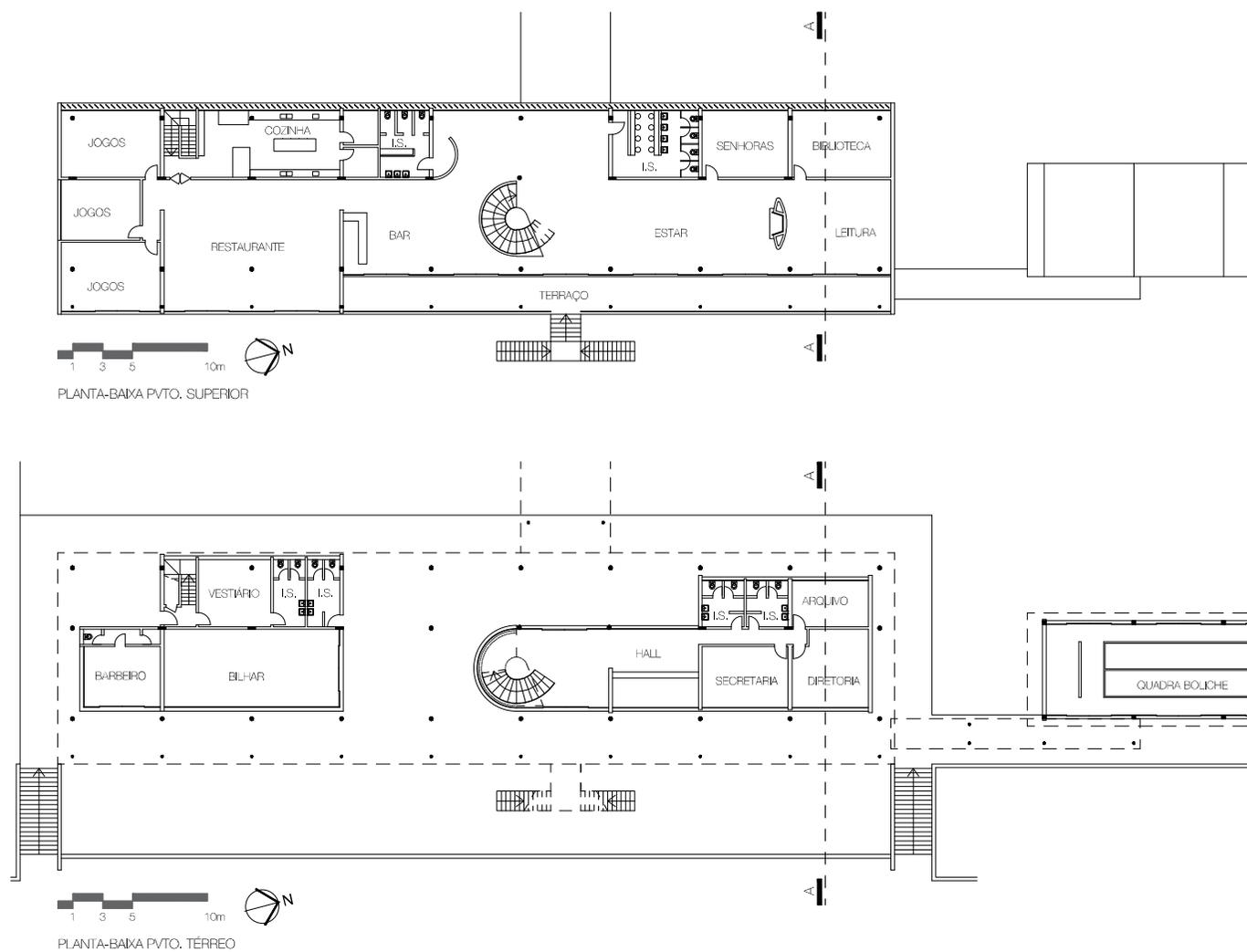


Figura 44: Plantas-baixas do pavimento superior (acima) e do pavimento térreo (abaixo) da sede social do *Country Club Maringá*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Redesenhado pelo autor.

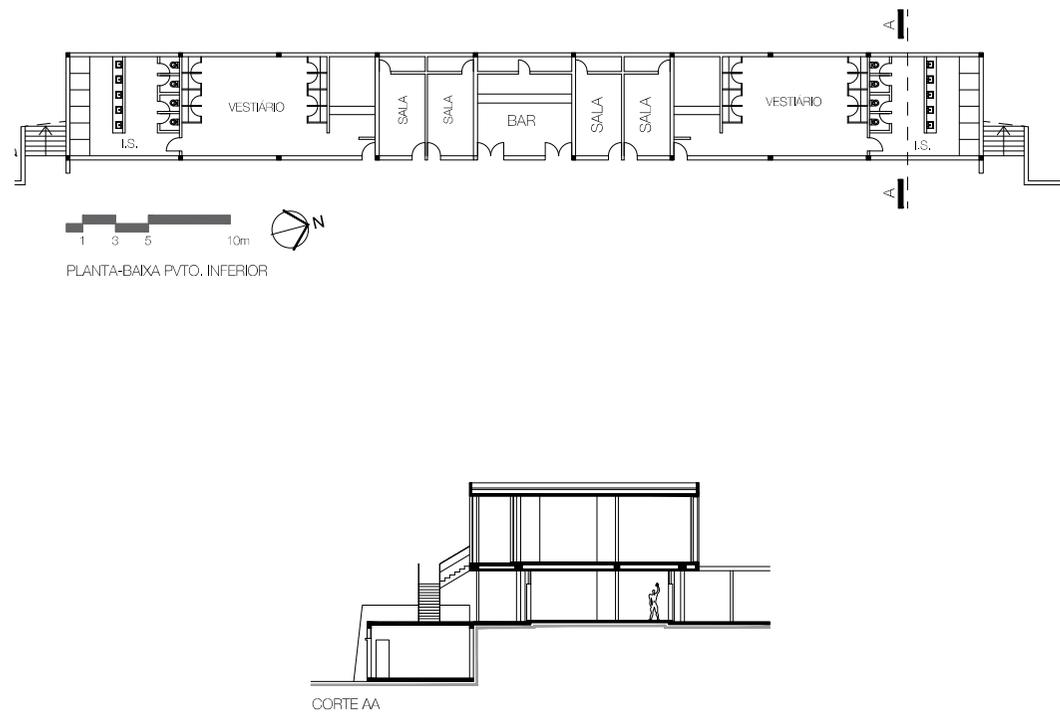


Figura 45: Planta-baixa do pavimento inferior (acima) e corte transversal (abaixo) da sede social do *Country Club* Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Redesenhado pelo autor.

Lateralmente ao edifício da sede social estava locado o edifício da quadra de boliche (300m<sup>2</sup>), estando estes dois edifícios interligados por uma passarela coberta. A cobertura em concreto armado em formato de abóbadas de berço repetidas em série e apoiadas nas suas extremidades abrigava a quadra de boliche propriamente dita. A Figura 46 reproduz parte do projeto original deste edifício, mostrando o corte longitudinal que evidencia o formato da cobertura.

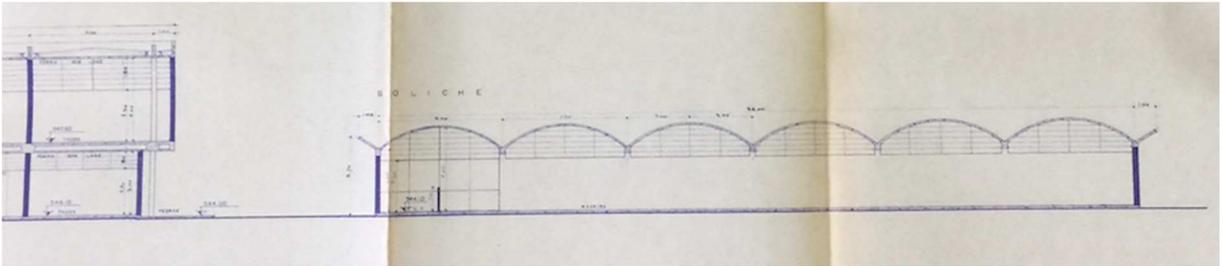


Figura 46: Corte longitudinal do edifício da quadra de boliche do *Country Club Maringá*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

Defronte ao edifício da sede social estava locada a piscina. O formato orgânico, que mesclava linhas curvas com linhas retas, contrapunha com o edifício da sede social, rigidamente ortogonal e de linhas retas. Este formato viabilizava setores distintos numa mesma piscina: uma borda rasa para lava-pés; uma área rasa para aprendizagem; uma área intermediária para natação olímpica; uma área funda para saltos. A Figura 47 reproduz a planta-baixa contida no projeto original da piscina.

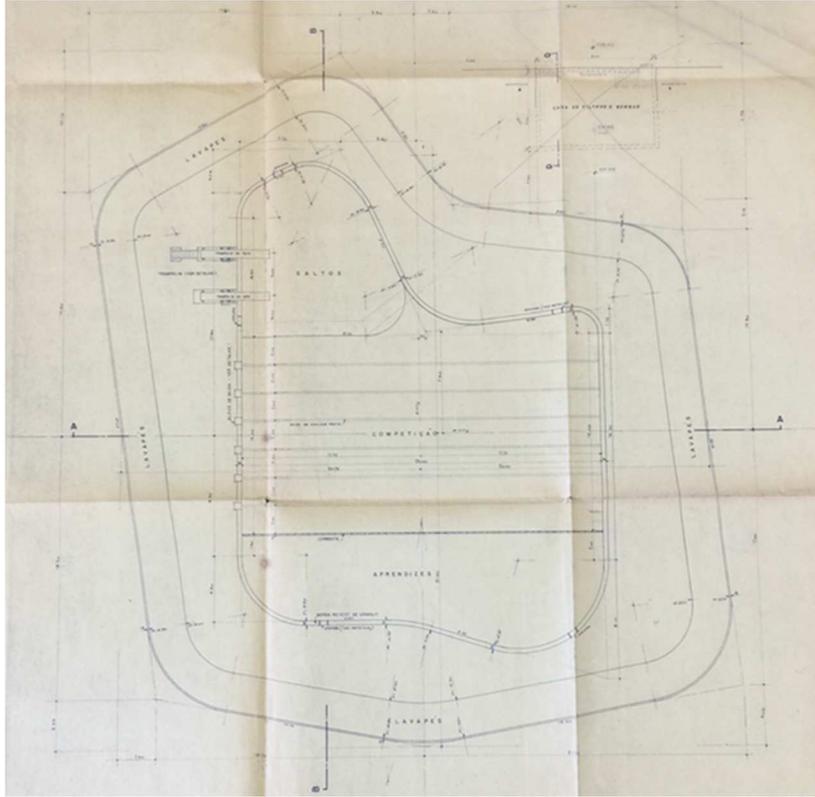


Figura 47: Planta-baixa da piscina do *Country Club* Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

Em uma outra esquina do terreno estava previsto ainda o edifício do ginásio de esportes (1.400m<sup>2</sup>). A planta retangular da quadra esportiva e da arquibancada lateral era coberta pela laje em concreto armado em formato de arco, com comprimento aproximado de 50 metros, largura de 27,5 metros e altura de 12 metros no ponto mais alto. As duas faces maiores eram fechadas com esquadrias de ferro e vidro. Abaixo da arquibancada estavam locados os vestiários, os banheiros e os demais ambientes de apoio, feitos em alvenaria. A Figura 48 reproduz parte do projeto original deste edifício, mostrando o desenho da fachada leste; a Figura 49 mostra uma perspectiva deste edifício.

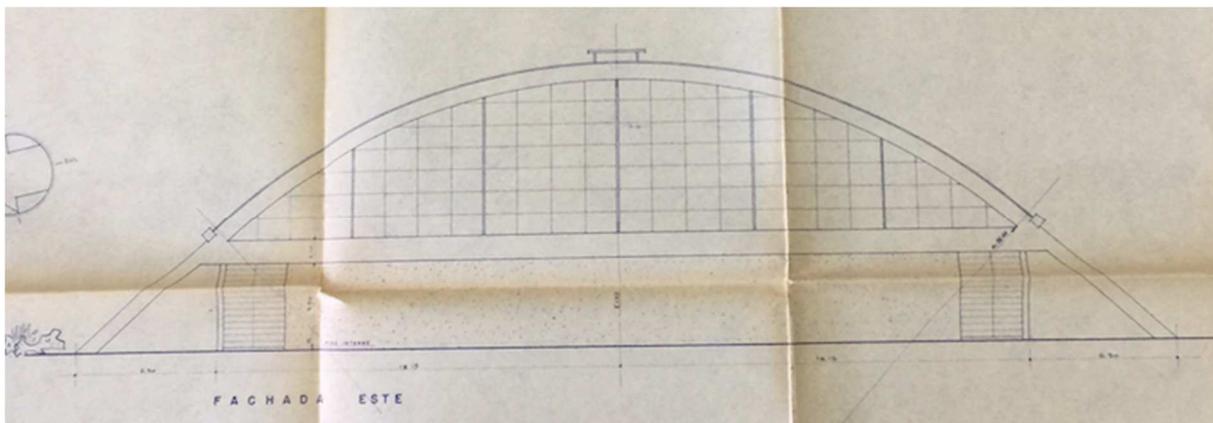


Figura 48: Fachada leste do edifício do ginásio do *Country Club* Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

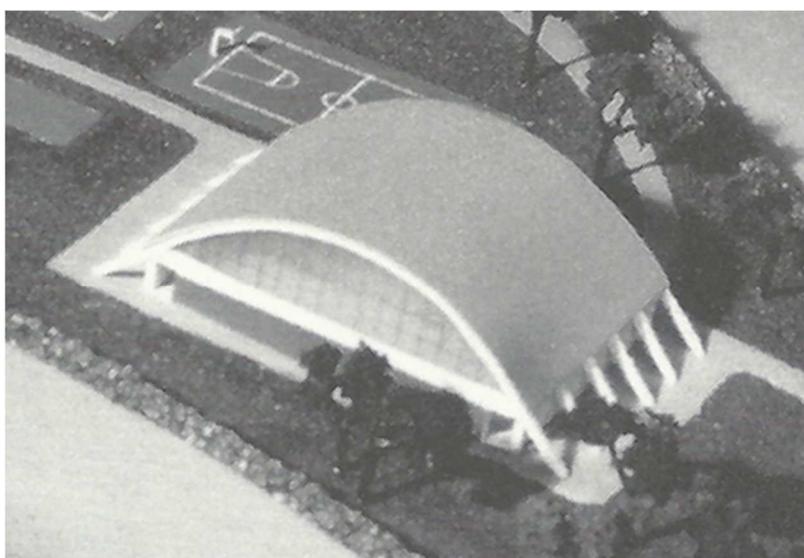


Figura 49: Perspectiva do ginásio do *Country Club* Maringá, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

Elaborada quatro anos mais tarde, em 1962, a segunda versão de projeto para a sede social (2.200m<sup>2</sup>) correspondia a um edifício bastante mais simplificado e mais rígido do que a suas versões original – em forma, em estética, em sistema construtivo, em sistema estrutural, em programa, em tamanho (considerando-se a soma das áreas da sede social e do salão de festas, de 1958). Ainda assim, não deixava de ser um projeto capaz de expressar modernidade e progresso: nos seus espaços internos; nas suas transparências; na exploração do sistema estrutural, da técnica construtiva e dos materiais. A disposição palaciana se mantinha, embora notadas as adaptações. Tratava-se de um edifício resolvido num único pavimento (térreo), cuja planta-baixa abrigava em sua porção central o salão de festas, o palco, o bar e a sala de estar. Nas extremidades estavam locados: a cozinha e demais ambientes de apoio; os banheiros; o setor administrativo; as salas de jogos; a barbearia. A ordem e a simetria na planta-baixa se

mantinham, e o arranjo dos ambientes internos prezava por mais fluidez e por menos segmentações, como um recurso próprio da modernidade.

O sistema estrutural dava forma ao edifício: uma série de vigas treliçadas de madeira dispostas paralelamente e bi-apoiadas em suas extremidades através de pilares de concreto armado de seção retangular cujo comprimento era variável na altura da peça. O vão entre-pilares era de 5 metros no sentido longitudinal da planta e de 5,5 metros, 11 metros e 17,50 metros no sentido transversal da planta. As vigas treliçadas de madeira eram conectadas umas às outras através de tesouras de madeira que viabilizavam a inclinação das telhas de fibrocimento da cobertura e a instalação das calhas e dos condutores pluviais, e que repetiam esta inclinação de modo invertido no forro de madeira, criando um desenho nas fachadas longitudinais – leste e oeste – composto por losangos repetidos em série. Os fechamentos entre-pilares eram em esquadrias de ferro e vidro com altura do piso ao teto, garantindo transparência e ventilação cruzada. Os demais fechamentos eram em alvenaria. O trecho da cobertura que se estendia para além da fachada frontal do edifício abrigava o automóvel durante o embarque e desembarque de pessoas, mantendo a ideia da incorporação do automóvel na arquitetura, um recurso moderno. A Figura 50 mostra uma fotografia do edifício construído; as Figuras 51 e 52 reproduzem partes do projeto original deste edifício, mostrando o desenho da fachada oeste e um detalhe do sistema de cobertura, respectivamente. Os redesenhos elaborados são reproduzidos na Figuras 53 (planta-baixa, corte transversal e corte longitudinal).



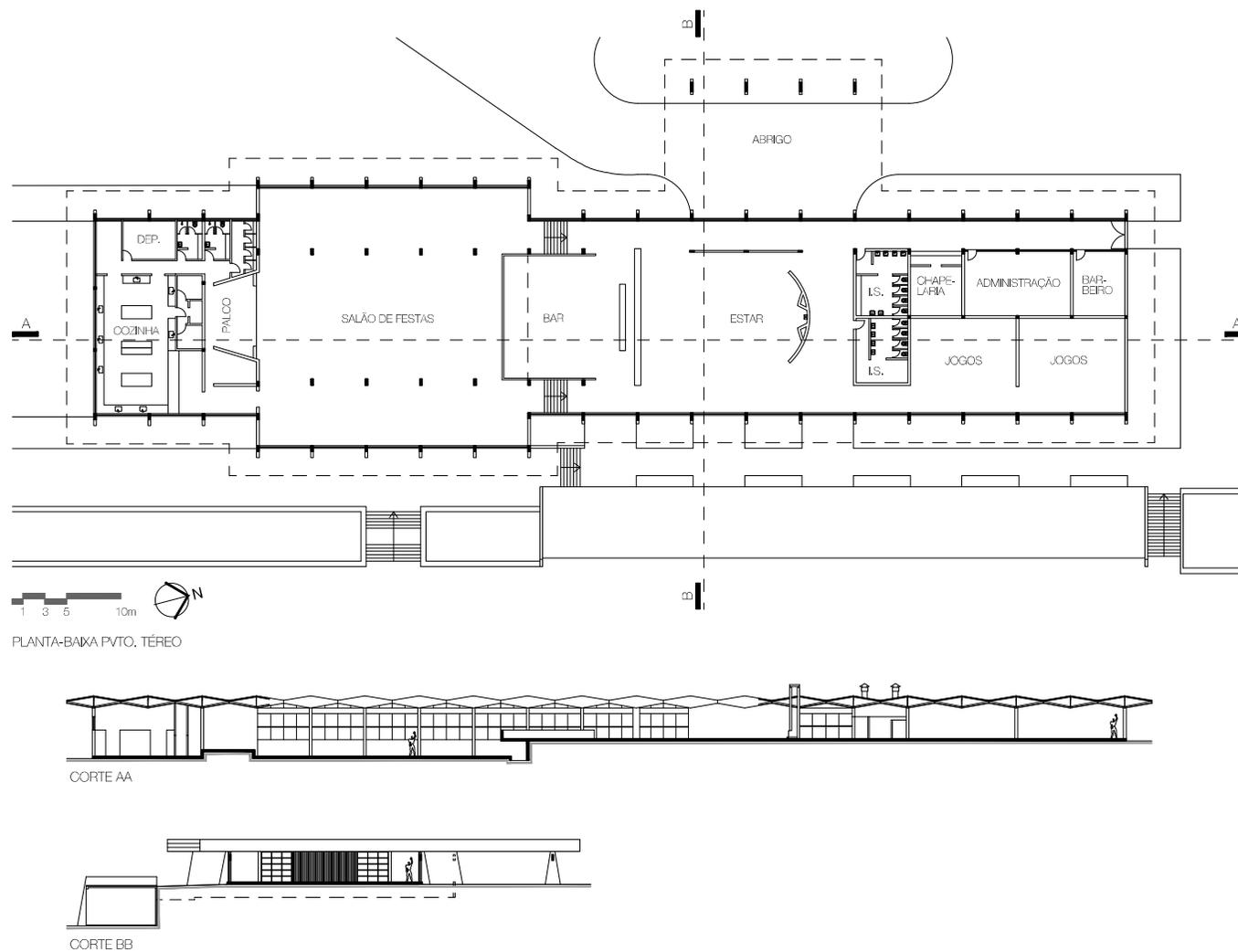


Figura 53: Planta-baixa (acima), corte longitudinal (ao centro) e corte transversal (abaixo) da sede social do *Country Club Maringá*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1962. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Redesenhado pelo autor.

As soluções adotadas por Castro Mello nos projetos elaborados para o *Country Club Maringá*, entre os anos 1958 e 1962, se mostraram alinhadas com o panorama geral da produção da arquitetura moderna brasileira daquelas datas. Assim, torna-se possível ensaiar aproximações entre as soluções adotadas pelo arquiteto nestes projetos e soluções recorrentes em outros episódios contemporâneos a estes – sejam de autoria do próprio Ícaro de Castro Mello ou de outros arquitetos. Estas aproximações, por assim dizer, atestam o caráter moderno da arquitetura prevista para aquele clube; revelam inovações formais diante daquele contexto local ou regional, próprio de cidades novas de colonização, mas menos inovador num cenário mais amplo.

A começar pela própria disposição dos edifícios no terreno, da interpretação do programa e de sua tradução numa solução de edifícios isolados e autônomos, com formas distintas: esta estratégia já havia sido adotada por Oscar Niemeyer nos projetos para o Conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte, na década de 1940, e também aparece em diversos outros projetos de clubes elaborados pelo próprio Ícaro de Castro Mello, como exemplo do Esporte Clube Sirio, e conforme atestado por Valdes (2016). Esta solução de projetos de edifícios isolados – ao invés de, por exemplo, se resolver todo o programa do clube em um monobloco – pode ter uma justificativa econômica: uma vez independentes, estes edifícios poderiam ser construídos em momentos ou em etapas distintas, conforme as possibilidades. Também se trata de uma solução na qual a forma dos edifícios era variada, mas com (auto)referências bastante evidentes: as distintas formas adotadas naqueles edifícios não eram propriamente inéditas, e permeavam o repertório tanto do próprio arquiteto quanto de tantos outros colegas contemporâneos a ele. Assim, cada edifício se torna um exercício de composição que trata de dar forma à edificação, segundo a estética purista de Le Corbusier.

Sobre o edifício do salão de festas (1958), a solução formal lembra aquela adotada pelo próprio Ícaro de Castro Mello no Ginásio do Ibirapuera, de 1952 – ainda que estes projetos sejam destoantes nos materiais, na técnica construtiva, e na proporção; lembra, ainda, o edifício do salão de festas projetado por Gregori Warchavchik para o Esporte Clube Pinheiros, em São Paulo, em 1956. A disposição dos ambientes internos remete àquela adotada por Oscar Niemeyer na Casa do Baile da Pampulha, em 1943, com o salão de festas de formato circular ao centro e os ambientes de apoio locados simetricamente na circunferência ao redor.

Já o edifício da sede social (1958) incorporava soluções formais e técnicas bastante comuns à arquitetura moderna contemporânea àquele período: o bloco prismático retangular, com as fachadas maiores translúcidas e as fachadas menores cegas, suspenso sobre o térreo em

pilotis. Esta composição tratava de estampar uma imagem emblemática da arquitetura moderna naquele clube, em nítido contraste com a paisagem (ainda) predominantemente precária de uma cidade de colonização recente. O pilotis, conforme discutido por Rego (2008), “garantia a integridade formal da arquitetura purista sobreposta às características particulares de cada terreno, acentuando o domínio da edificação sobre o entorno, de modo a configurar a paisagem moderna imaginada por Corbusier” (REGO, 2008, p. 34).

Tratava-se, assim, de um edifício moderno e inovador para aquele contexto (local e regional), mas pouco inovador diante do panorama da arquitetura moderna brasileira, ou mesmo internacional: a forma e a composição são recorrentes, inclusive no próprio repertório de Ícaro de Castro Mello, conforme apontado por Valdes (2016) – aparece na sede social do Joquei Clube de Uberaba, de 1953, ou na sede social da Associação Atlética Banco do Brasil, em São Paulo, de 1959, por exemplo. Artigas e Cascaldi já haviam adotado a mesma composição formal no projeto da sede social para o *Country Club* de Londrina, cidade vizinha, alguns anos antes.

Sobre o edifício da quadra de boliche, mais uma vez, tratava-se de uma forma arrojada e inovadora para aquele clube e para aquele contexto (local e regional), mas pouco excepcional diante de um contexto mais amplo – uma solução relativamente comum na história da arquitetura moderna brasileira, já preconizada por Oscar Niemeyer – na Igreja da Pampulha, de 1942, e em outros projetos –, repetida por Affonso Eduardo Reidy no edifício dos vestiários do Conjunto Pedregulho, de 1947 e, ainda, repetida pela dupla Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi no edifício da rodoviária de Londrina (REGO, 2000). O próprio Ícaro de Castro Mello recorreu a esta solução formal em outros projetos seus – no projeto da Associação Atlética Banco do Brasil, em São Paulo, em 1959, por exemplo. Sobre isto, Rego (2000, p. 7) afirma que “a forma do arco e da parábola encantou os arquitetos modernos pela sua simplicidade tectônica”, e prossegue comentando que “seja pela correspondência direta entre solução estrutural e solução arquitetônica ou pela plasticidade de seu desenho, estas formas já eram notadas entre os paradigmas da nova arquitetura, recolhidos em 1922 por Le Corbusier em *Vers une architecture*” (REGO, 2000, p. 7).

Na piscina, o formato orgânico, que mesclava linhas curvas e sinuosas com linhas retas, remetia ao purismo de Le Corbuiser, e já havia sido incorporado na arquitetura moderna brasileira por diferentes arquitetos e em distintos elementos: no desenho de marquises – por exemplo, na marquise da Casa do Baile da Pampulha, projeto de Oscar Niemeyer, em 1943 –, de mezaninos – por exemplo, no mezanino do Pavilhão Brasileiro na Feira de Nova York, projeto de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, em 1939 –, de piscinas e caminhos; nas artes

estampadas em murais, azulejos e pinturas; no paisagismo de Roberto Burle Marx (REGO, 2000). Piscinas semelhantes a esta foram projetadas pelo próprio Ícaro de Castro Mello: no Esporte Clube Sírio, em São Paulo, em 1950; no Joquey Clube de Uberaba, em 1953; na Associação Atlética Banco do Brasil, em São Paulo, em 1959; no Umuarama *Country Club*, em 1963, conforme será apresentado no próximo subcapítulo. Valdes (2016) afirma ser esta uma solução formal recorrente em piscinas projetadas pelo arquiteto, naquilo que o autor denomina “piscina em formato de feijão”.

Sobre o ginásio de esportes, a mesma solução formal havia sido adotada pelo próprio Ícaro de Castro Mello no projeto do Ginásio de Sorocaba, em 1950 – embora com diferentes materiais e vãos; e também no edifício do Ginásio do Conjunto Pedregulho, projeto de Affonso Eduardo Reidy, de 1947.

Na segunda versão de projeto para o edifício da sede social, em 1962, embora o edifício apareça aqui como uma alternativa ao edifício previsto na primeira versão (de 1958), há que se destacar que a solução formal e construtiva dada pelo sistema de cobertura já havia sido usada por Ícaro de Castro Mello no projeto do Ginásio da Associação Atlética Banco do Brasil, em São Paulo, em 1959. Esta mesma solução também aparece no edifício construído para a sede social do Clube Libanês de Belo Horizonte<sup>10</sup>, mostrado na Figura 54. Se na sede social projetada originalmente (na primeira versão, de 1958) a solução estrutural e compositiva remetia ao esquema “Dominó” descrito por Le Corbusier, agora (na segunda versão, de 1962), remete às soluções de Mies van der Rohe, deslocando os apoios (pilares) para o perímetro externo da planta. Lá (sede social projetada na versão de 1958), o sistema estrutural rigidamente modulado obedece a forma do edifício, esta concebida *a priori*; aqui (sede social projetada na versão de 1962), o sistema estrutural dita a forma do edifício – muito embora, em ambas as versões, o apelo formal se faça sentir.

---

<sup>10</sup> A data e a autoria deste projeto são dados desconhecidos. É sabido que Oscar Niemeyer elaborou um anteprojeto para este mesmo clube, em 1952, não construído. Entretanto, a data e a autoria do edifício efetivamente construído não puderam ser elucidativamente checadas pelo autor desta dissertação.



Figura 54: Fotografia do Clube Libanês de Belo Horizonte, data e autoria do projeto desconhecidas, s.d.. Disponível em: <http://www.clubelibanesbh.com.br>.

Sobre as adaptações ocorridas entre estas duas versões de projetos (1958 e 1962), há que se considerar alguns fatores: primeiramente, ao longo dos anos 1960, nota-se um declínio no rendimento econômico das lavouras cafeeiras no norte paranaense. Os altos rendimentos e a alta produção regional, verificados nas décadas anteriores, levaram a um cenário de superprodução, desregulando o equilíbrio entre oferta e demanda de café, e acarretando na queda abrupta dos preços do café (CANCIAN, 1982). Certamente, a crise econômica daí deflagrada levaria ao corte de gastos na construção dos edifícios do clube, com a consequente necessidade de reelaboração do projeto. Em verdade, além da piscina, dos vestiários e de algumas quadras esportivas, frutos da primeira versão de projetos, e da sede social, fruto da segunda versão de projetos, todos os outros edifícios ou equipamentos contidos nos projetos de Ícaro de Castro Mello para o *Country Club* Maringá nunca foram construídos – foram substituídos, ao longo dos anos, por outros edifícios, projetados por outros profissionais.

Não se pretende aqui afirmar, de antemão, que as soluções empregadas pelo arquiteto naquela segunda versão de projetos sejam, por si só, mais econômicas do que as soluções previstas na primeira versão. Entretanto, a simplificação do programa, a redução de área construída, o menor volume de concreto-armado empregado (numa cidade recente de colonização, cujo fornecimento de insumos dependia do transporte a partir de outras localidades), o uso da madeira no sistema de cobertura (material abundante na região, fácil de se manusear a partir da mão-de-obra local), o uso de elementos pré-fabricados nas esquadrias e no telhado (facilidade de transporte via ferrovia e menor demanda de mão-de-obra local para

fabricação ou instalação) podem ter sido fatores facilitadores da execução e, por consequência, menos onerosos.

Também àquelas épocas, Brasília se materializava, estampando as páginas das principais publicações especializadas em arquitetura, nacional e internacionalmente. Bastos (2007) defende a ideia de Brasília como ponto de inflexão na trajetória da arquitetura brasileira ao notar uma mudança na sua expressão formal, em que a referência carioca se transmuta em uma nova expressão. Esta mudança pode ser percebida já em meados da década de 1950, quando a arquitetura paulista gerou uma linguagem própria: esta linguagem aderiu à exploração técnica e estética da estrutura do edifício, à valorização dos materiais a partir de suas características originais e à exposição dos elementos técnicos. Bastos e Zein (2010a) referem-se, neste mesmo sentido, ao “gosto pela estrutura aparente, por certa rusticidade, pela exposição de elementos construtivos”<sup>11</sup> (BASTOS & ZEIN, 2010a, p. 124). Bastos e Zein (2010b) também comentam sobre as metas de industrialização da construção civil vigentes no país naquele tempo, e narram “um período em que, a despeito de certa variedade de tecnologias e materiais, as decorações se tornaram menos presentes, a racionalidade construtiva foi valorizada, assim como a flexibilidade no atendimento de funções” (BASTOS & ZEIN, 2010b, p. 5).

Mesmo o arquiteto Oscar Niemeyer, cuja relevância para a arquitetura moderna brasileira é indiscutível, e que tanto se dedicou deliberadamente às questões plásticas e formais de sua obra, vivenciou e expressou este ponto de inflexão em sua própria obra a partir dos projetos para Brasília:

As obras de Brasília marcam, juntamente com o projeto para o Museu de Caracas, uma nova etapa no meu trabalho profissional. Etapa que se caracteriza por uma procura constante de concisão e pureza, e de maior atenção para com os problemas fundamentais da arquitetura. [...] Essa atitude de descrença, que as contradições sociais ensejam com relação aos objetivos da profissão, levou-me por vezes a descuidar de certos problemas e a adotar uma tendência excessiva para a originalidade, no que era incentivado pelos próprios interessados, desejosos de dar a seus prédios maior repercussão e realce. Isso prejudicou, em alguns casos, a simplicidade das construções e o sentido de lógica e economia que muitos reclamavam. [...] Neste sentido, passaram a me interessar as soluções compactas, simples e geométricas; os problemas de hierarquia e de caráter arquitetônico; as conveniências de unidade e harmonia entre os edifícios e,

---

<sup>11</sup> Não se pretende aqui insinuar que a segunda versão (1962) tenha alinhamentos com o “brutalismo” paulista, uma vez que este é posterior à data daquele projeto.

ainda, que estes não mais se exprimam por seus elementos secundários, mas pela própria estrutura, devidamente integrada na concepção plástica original. (NIEMEYER, 2003, p. 238-239).

Com isso, e paralelamente, experimentações formais referenciadas neste panorama mais amplo também permearam a produção de Ícaro de Castro Mello. Bruand (1981) se refere à obra do arquiteto, de modo geral, citando características de racionalidade, de funcionalidade, de simplicidade estética e de preocupações estruturais; mas reconhece, em obras posteriores, uma tendência mais acentuada para “pesquisas formais”. Forcelini (2014), comparando a obra do Ginásio do SESC de Bertioga (1962-1964) com outros sete ginásios projetados por Castro Mello entre 1948 e 1970, destaca o aparecimento, nas obras mais recentes, de soluções construtivas que exploram deliberada e primordialmente o sistema estrutural, com o constante aparecimento de arcos ou de pórticos constituídos em série, e construídos com concreto, madeira ou metal. É bem possível que estas experimentações formais servissem como alternativas de adaptação dos projetos frente a diferentes condicionantes: Valdes (2016) comenta que, a partir de consultas feitas no acervo de projetos do arquiteto, constatou que vários dos seus projetos originais foram ‘modificados radicalmente em versões posteriores’, aderindo então a soluções mais modestas – demonstrando que as adaptações verificadas nos projetos dos clubes de Maringá e de Umuarama não foram únicas ou exclusivas, e que nestas oportunidades apareciam aquelas experimentações formais.

Assim, motivações locais – a queda de rendimentos na economia cafeeira local e a necessidade de redução de custos; nacionais – a arquitetura moderna brasileira passava por um ponto de inflexão; e próprias do arquiteto – experimentações formais e um histórico de reelaboração de projetos – se sobrepuseram no caso dos projetos elaborados – e reelaborados – para o *Country Club* Maringá, e voltaram a se manifestar no caso do Umuarama *Country Club*, a ser abordado no próximo subcapítulo (cf. FRAZATTO & REGO, 2018).

## 2.2.O UMUARAMA COUNTRY CLUB

De modo análogo ao que ocorrera em Maringá, o Umuarama *Country Club* teve também duas versões de projetos elaboradas pelo arquiteto Ícaro de Castro Mello. A fundação do clube data do ano de 1962 – quando já estava sendo elaborada a segunda versão de projeto para o clube de Maringá, e sete anos após a fundação de Umuarama. Embora não estivesse locado às margens do traçado original da cidade, mas sim numa região próxima ao centro, o terreno destinado ao clube correspondia à totalidade de uma quadra daquele traçado, estando diante de um dos bosques da cidade, e com área aproximada de 20 mil metros quadrados.

A primeira versão de projetos para este clube data de 1963. No terreno de formato retangular foram previstos: o edifício da sede social, locado na testeira principal do terreno, junto ao acesso principal; a piscina, locada imediatamente na sequência da sede social; o bloco de vestiários e banheiros, locado lateralmente à piscina; uma área de playground e jardim, locada na sequência da piscina; quadras esportivas de modalidades diversas, locadas na porção posterior do terreno. Embora houvessem diferenças – justificadas em virtude do formato, da topografia e da orientação solar dos terrenos – o projeto do clube de Umuarama repetia o esquema geral de implantação antes adotado no clube de Maringá, seguindo uma sequência semelhante na disposição dos edifícios e dos equipamentos previstos no programa. Aqui também os edifícios e equipamentos foram concebidos de modo autônomo, independentes uns dos outros, e com formas distintas. A Figura 55 reproduz uma prancha do projeto original e mostra a implantação do clube; a Figura 56 reproduz outra prancha do projeto original e mostra uma perspectiva do conjunto de edifícios e equipamentos projetados para o clube.



Figura 55: Implantação contida no anteprojeto para o Umarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963. 1- sede social; 2- piscina; 3- vestiários; 4- playground; 5- quadras esportivas. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Editado pelo autor.

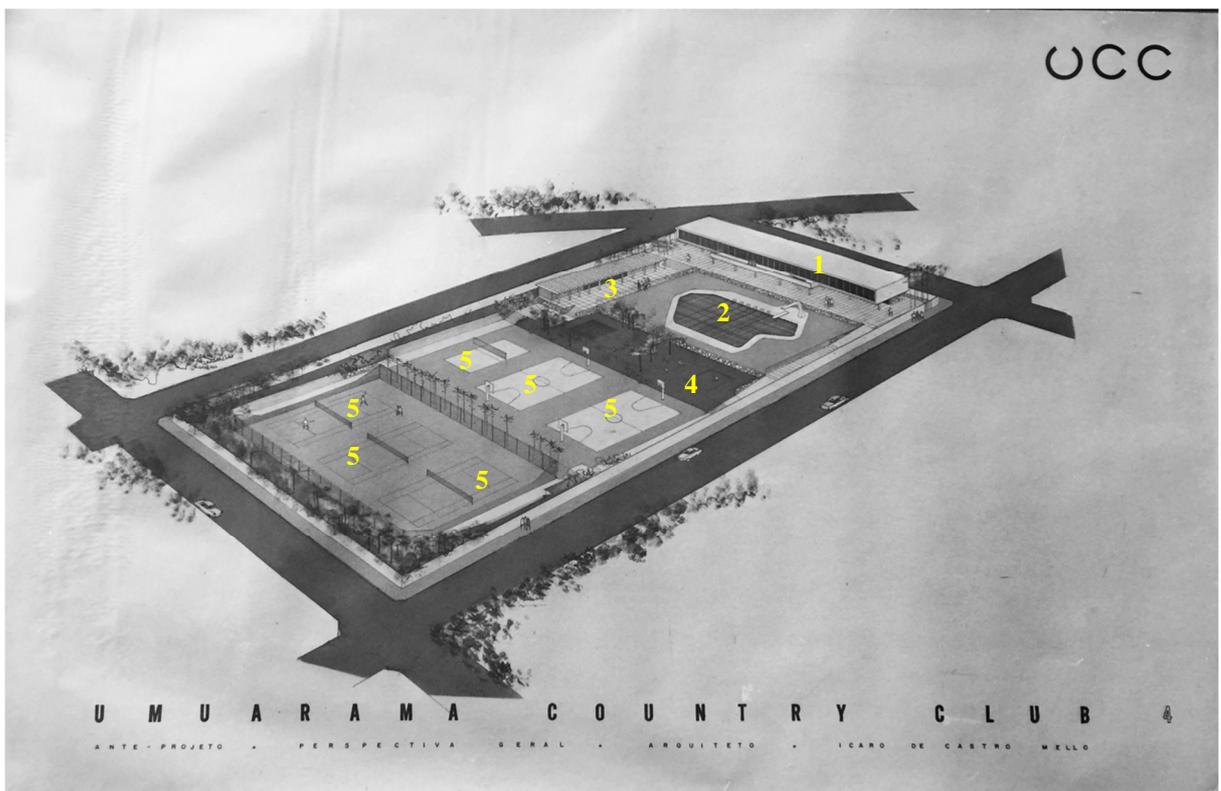


Figura 56: Perspectiva do conjunto contida no anteprojeto para o Umarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963. 1- sede social; 2- piscina; 3- vestiários; 4- playground; 5- quadras esportivas. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Editado pelo autor.

Daquela primeira versão de projetos, de 1963, foram levantados no acervo particular do arquiteto os seguintes materiais: 7 pranchas de projetos em nível de estudo preliminar, contemplando a implantação geral, o edifício da sede social (plantas, cortes e fachadas), a piscina e os vestiários (plantas, cortes e fachadas), perspectivas artísticas do clube; 6 pranchas de projetos em nível de anteprojeto, contemplando a implantação geral, o edifício da sede social (plantas, cortes e fachadas), a piscina e os vestiários (plantas, cortes e fachadas); 22 pranchas de projetos em nível de projeto executivo e detalhamentos, contemplando a implantação geral, as curvas de nível e perfis do terreno, a piscina (plantas, cortes e detalhes), o edifício dos vestiários (plantas, cortes e fachadas), o edifício da sede social (plantas, cortes, fachadas, detalhes de escadas, detalhes de esquadrias), detalhamento do playground.

Também no caso do Umuarama *Country Club*, e semelhante ao que ocorrera no caso do *Country Club* Maringá, foram construídos inicialmente a piscina, o bloco de vestiários, e algumas quadras esportivas. Em 1969, uma segunda versão de projetos, também elaborada por Ícaro de Castro Mello, substituiu o projeto original do edifício da sede social por um outro edifício de mesmo nome, mantendo a implantação prevista na primeira versão. Levantou-se no acervo particular do arquiteto os seguintes materiais, correspondentes a esta segunda versão de projetos, de 1969: 3 pranchas de projetos em nível de estudo preliminar, contemplando as plantas, os cortes e as fachadas, além de perspectivas artísticas; 10 pranchas de projetos em nível de projeto executivo e detalhamentos, contemplando a implantação geral, as plantas, os cortes, as fachadas, detalhes de cobertura, detalhes de esquadrias, detalhes de banheiros, detalhes do balcão do bar. A Figura 57 mostra uma perspectiva do projeto elaborado para a sede social efetivamente construída no clube, fruto desta segunda versão de projetos.

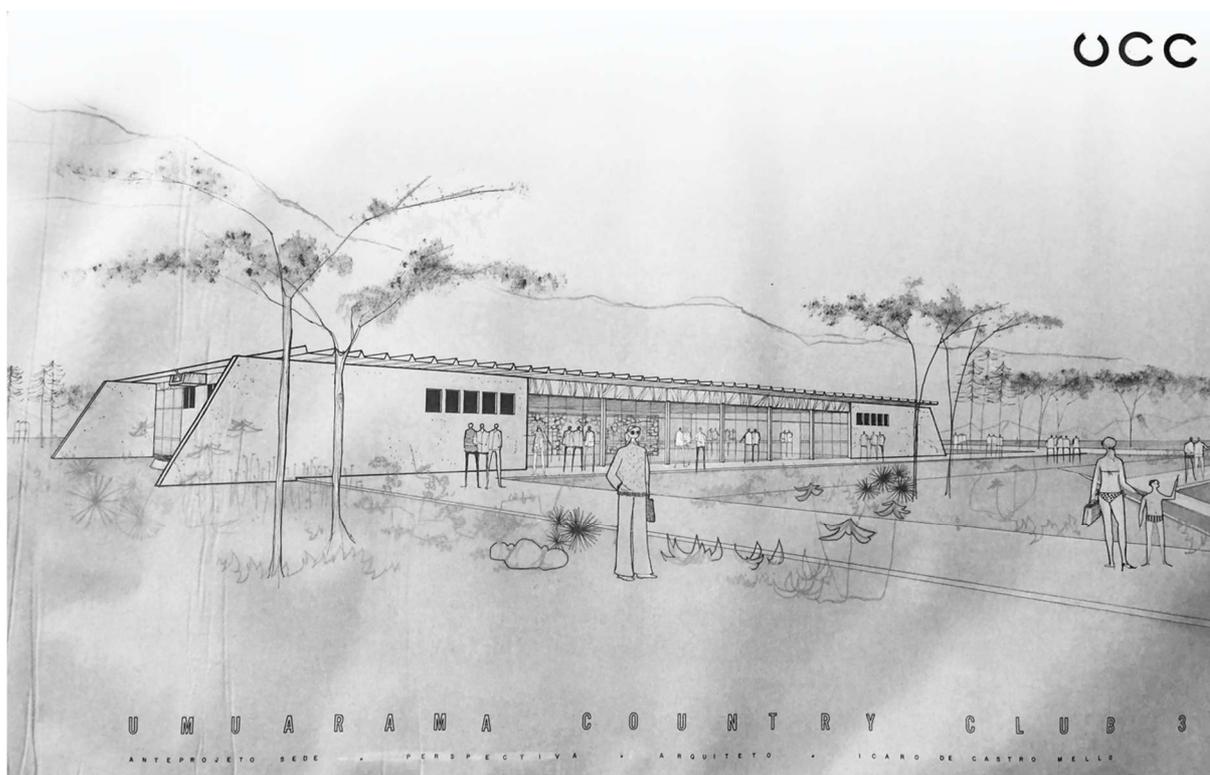


Figura 57: Perspectiva do edifício da sede social do Umuarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1969. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

Para a apresentação dos edifícios previstos naquelas duas versões de projetos, adotou-se a técnica de redesenho para as duas versões da sede social (de 1963 e de 1969), haja vista a relevância destes edifícios no clube. Os demais edifícios – bloco de vestiários e banheiros (de 1963) e piscina (de 1963) são interpretados a partir da observação dos projetos originais. Em todos os casos, a interpretação dos projetos focou no programa, na forma, nos materiais e na estrutura. Aqui, também, a técnica de redesenho colocou em evidência o tratamento dado pelo arquiteto ao sistema estrutural dos edifícios.

Concebido na primeira versão de projetos (de 1963), o edifício original da sede social (2.000m<sup>2</sup>) se assemelhava formalmente ao edifício projetado também na primeira versão para a sede social do clube de Maringá (de 1958) – embora a data da primeira versão de projeto para o clube de Umuarama (1963) seja posterior à elaboração da segunda versão de projeto para o clube de Maringá (1962). Tratava-se, portanto, de um edifício de formato prismático retangular, aqui desenvolvido em dois pavimentos. Esta concepção, enquanto decisão estética, tratava de materializar uma imagem emblemática da arquitetura moderna numa cidade recente de colonização, em contraste com a imagem local ainda precária. O pavimento térreo, sob pilotis, abrigava o hall de acesso social, o setor administrativo – com presidência e secretaria –, e um setor de serviços – com barbearia, banheiros, depósitos e salas de uso não designado em projeto.

Três escadas faziam a conexão entre os pavimentos térreo e superior: uma delas localizada na porção central da planta, com acesso a partir do hall; a outra, externa, resolvida como um volume que avançava para além da fachada frontal; a terceira, externa, conectando a área da piscina com o terraço superior. O pavimento superior possuía seus dois lados menores – fachadas noroeste e sudeste – fechados com alvenaria, formando duas empenas cegas, e seus dois lados maiores – fachadas nordeste e sudoeste – fechados com esquadrias de ferro e vidro do piso ao teto, agregando transparência e ventilação cruzada. A fachada nordeste, frontal, voltada para a rua externa, recebia proteção por elementos-vazados do tipo cobogó. O volume da escada e o trecho dos banheiros eram fechados em alvenaria e recebiam um revestimento em mármore aplicado na fachada. A fachada sudoeste, voltada para a piscina, possuía um terraço. No pavimento superior estavam locados: o salão de festas; o bar; a cozinha e os demais ambientes de apoio; o terraço; a sala de estar; a sala de senhoras; a sala de jogos; os banheiros. Prevalciam a ordem e a simetria nas plantas-baixas, bem como a concepção de ambientes mais sociais, amplos e fluidos aos centros e de ambientes mais privativos nas extremidades.

O sistema estrutural em concreto armado apresentava modulação estrutural regular, com vãos de 6,75 metros no sentido longitudinal da planta e de 10 metros no sentido transversal da planta. A laje impermeabilizada de cobertura, plana e maciça, possuía platibandas de alvenaria nas bordas. Havia previsão de duas caixas d'água de concreto armado acima da laje de cobertura. A laje do pavimento superior era nervurada em sua face inferior, com previsão de forro nos ambientes do pavimento térreo, de tal modo que as vigas e nervuras estruturais e também as tubulações das infraestruturas elétrica e hidráulica do edifício pudessem estar ocultas. Todos os pilares apresentavam seção retangular. As vedações, ora em alvenaria ora em esquadrias de ferro e vidro, eram independentes da estrutura. As Figuras 58, 59 e 60 contemplam perspectivas deste projeto, mostrando, respectivamente: a fachada nordeste, voltada para rua externa; a fachada sudoeste, voltada para a piscina; a área interna a partir do pavimento superior, com vistas para a área da piscina. Os redesenhos elaborados são reproduzidos nas Figuras 61 (planta-baixa do pavimento superior e corte longitudinal) e 63 (planta-baixa do pavimento térreo e corte transversal).



Figura 58: Perspectiva da fachada principal da sede social contida no anteprojeto para o Umuarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

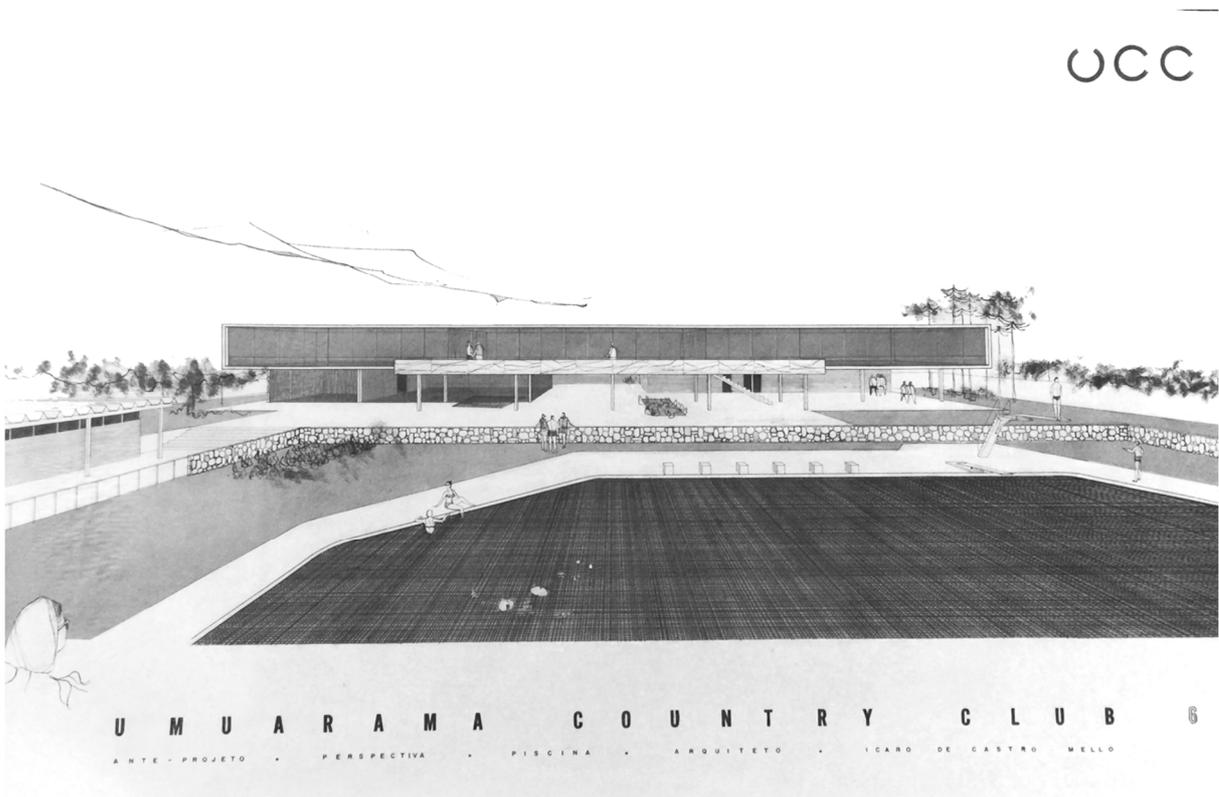


Figura 59: Perspectiva da área da piscina e sede social contida no anteprojeto para o Umuarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

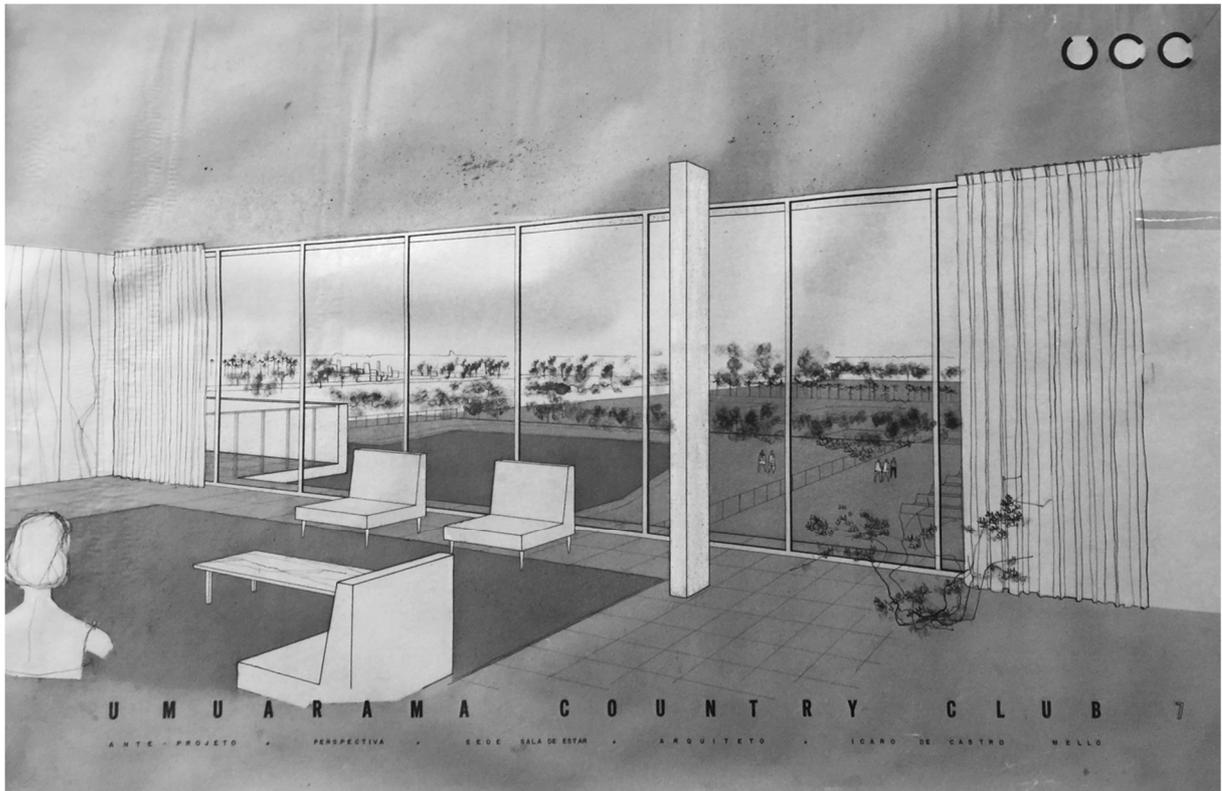


Figura 60: Perspectiva interna da sede social contida no anteprojeto para o Umuarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

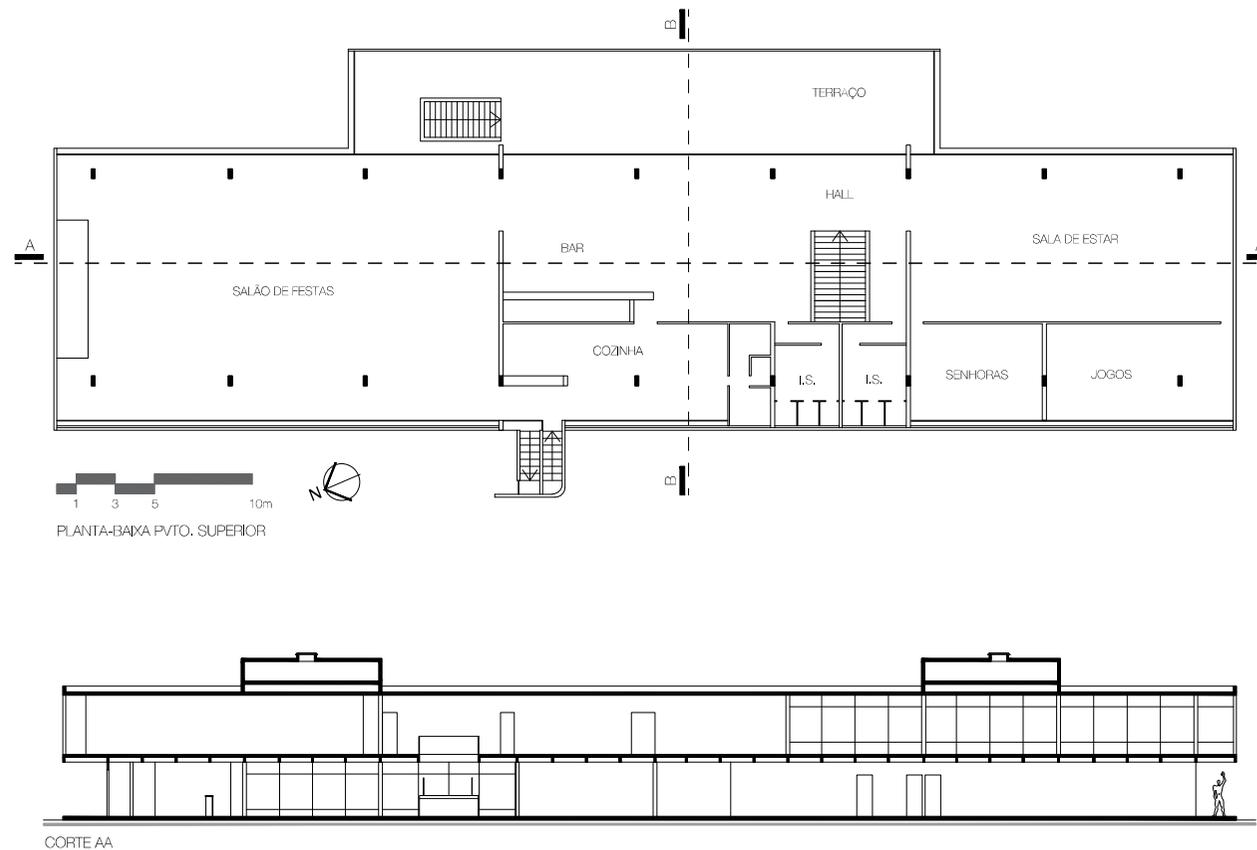


Figura 61: Planta-baixa do pavimento superior e corte longitudinal da sede social do Umarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Redesenhado pelo autor.

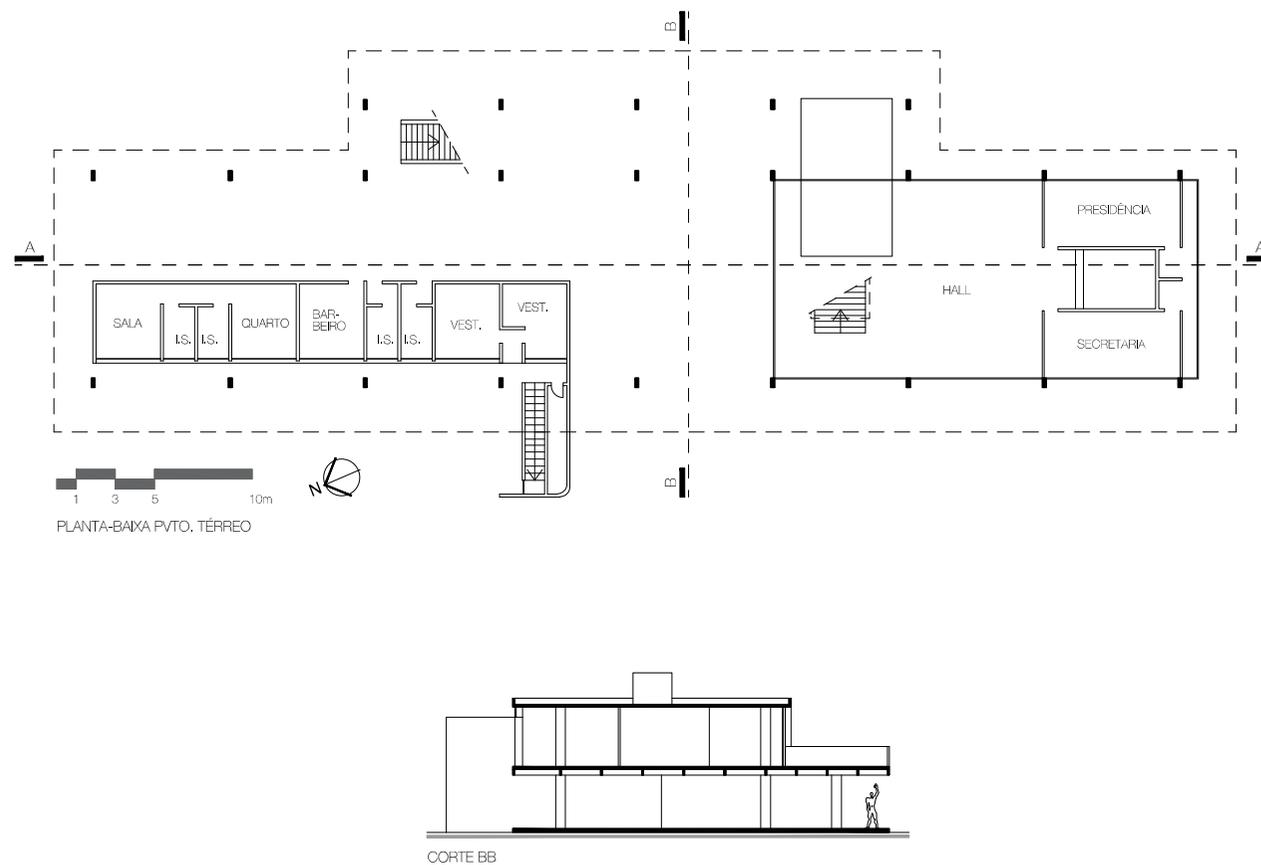


Figura 62: Planta-baixa do pavimento térreo e corte transversal da sede social do Umuarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Redesenhado pelo autor.

A piscina deste clube repetia o aspecto do desenho da piscina do clube de Maringá, mas com algumas diferenças: embora mantido o formato orgânico, mesclando linhas curvas e linhas retas, aqui as linhas retas predominavam. Também aqui, havia a previsão das áreas de lava-pés, de aprendizagem, de natação olímpica e de saltos, com tamanhos, formatos e profundidades variáveis. A Figura 63 reproduz parte do projeto original deste equipamento, mostrando a planta-baixa da piscina e do bloco de vestiários.

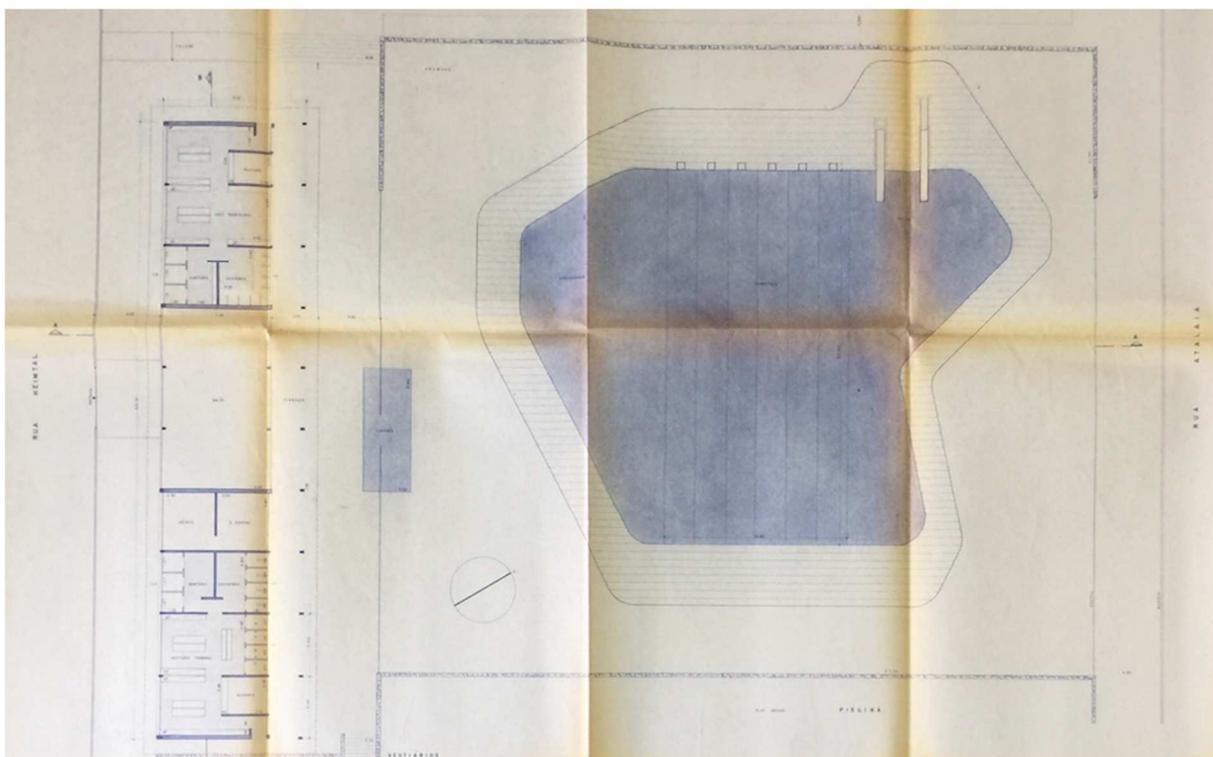


Figura 63: Planta-baixa da piscina e dos vestiários do Umuarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

Lateralmente à piscina, e perpendicularmente ao edifício da sede social, o edifício dos vestiários e banheiros (350m<sup>2</sup>) era mais modesto. Desenvolvido num único pavimento (térreo), este edifício abrigava um bar ao centro – com fechamentos feitos por esquadrias de ferro e vidro – e os banheiros e vestiários nas extremidades direita e esquerda – com fechamentos em alvenaria. As paredes autoportantes de alvenaria recebiam cobertura com telhas do tipo calhetão, que ficavam aparentes. O desenho do perfil das telhas instaladas lado a lado aparecia na fachada principal, voltada para a piscina, e se tornava um elemento de destaque. A Figura 64 reproduz parte do projeto original deste edifício, mostrando a desenho da fachada oeste.

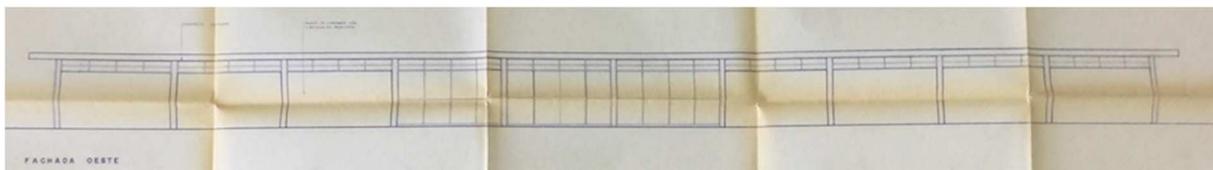


Figura 64: Fachada oeste do bloco de vestiários do Umarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1963. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

Projetada seis anos mais tarde, em 1969, a sede social (800m<sup>2</sup>) efetivamente construída no clube de Umarama também sofreu simplificações – formais, estéticas, construtivas, programáticas e dimensionais – em relação ao projeto original. O edifício de um único pavimento (térreo) abrigava, em sua porção central, o salão de festas e o bar. Nas extremidades direita e esquerda estavam locados: a cozinha e os demais ambientes de apoio; os banheiros; o setor administrativo. A planta-baixa era pautada por ordem e por simetria. A fluidez espacial empregada nos ambientes internos era um recurso moderno.

O sistema estrutural era composto por pilares de concreto armado de seção retangular com vãos de 5 metros no sentido longitudinal da planta e de 14,5 metros no sentido transversal da planta, localizados ao longo das duas fachadas longitudinais. As vigas transversais, em concreto armado, sustentavam uma viga-calha central, também em concreto armado. O telhado de duas águas voltadas para o centro, do tipo borboleta, estava apoiado naquela viga-calha central e nas duas vigas longitudinais das fachadas, estas apoiadas nos pilares. As telhas aparentes do tipo calhetão avançavam para além das fachadas longitudinais configurando beirais, e o desenho conformado pelo perfil destas telhas se revelava com elemento de destaque naquelas fachadas. Havia previsão de um forro plano de madeira. Os ambientes centrais eram fechados com esquadrias de vidro e ferro, que estavam instaladas de pilar a pilar e do piso ao teto, agregando transparência e ventilação cruzada. Os ambientes das extremidades eram fechados em paredes de alvenaria. As paredes das extremidades esquerda e direita, nas duas fachadas longitudinais, possuíam suas extremidades laterais inclinadas acompanhando a mesma angulação do perfil das telhas calhetão – nitidamente um recurso estético. Ademais, embora as paredes de alvenaria fossem rebocadas e pintadas, as vigas e os pilares permaneciam em concreto aparente. Este edifício dialogava formalmente com o edifício do bloco de vestiários e banheiros, guardadas as suas diferenças. A Figura 65 reproduz parte do projeto original deste edifício, mostrando as fachadas e cortes. Os redesenhos elaborados são reproduzidos na Figura 66 (planta-baixa, corte transversal e corte longitudinal).

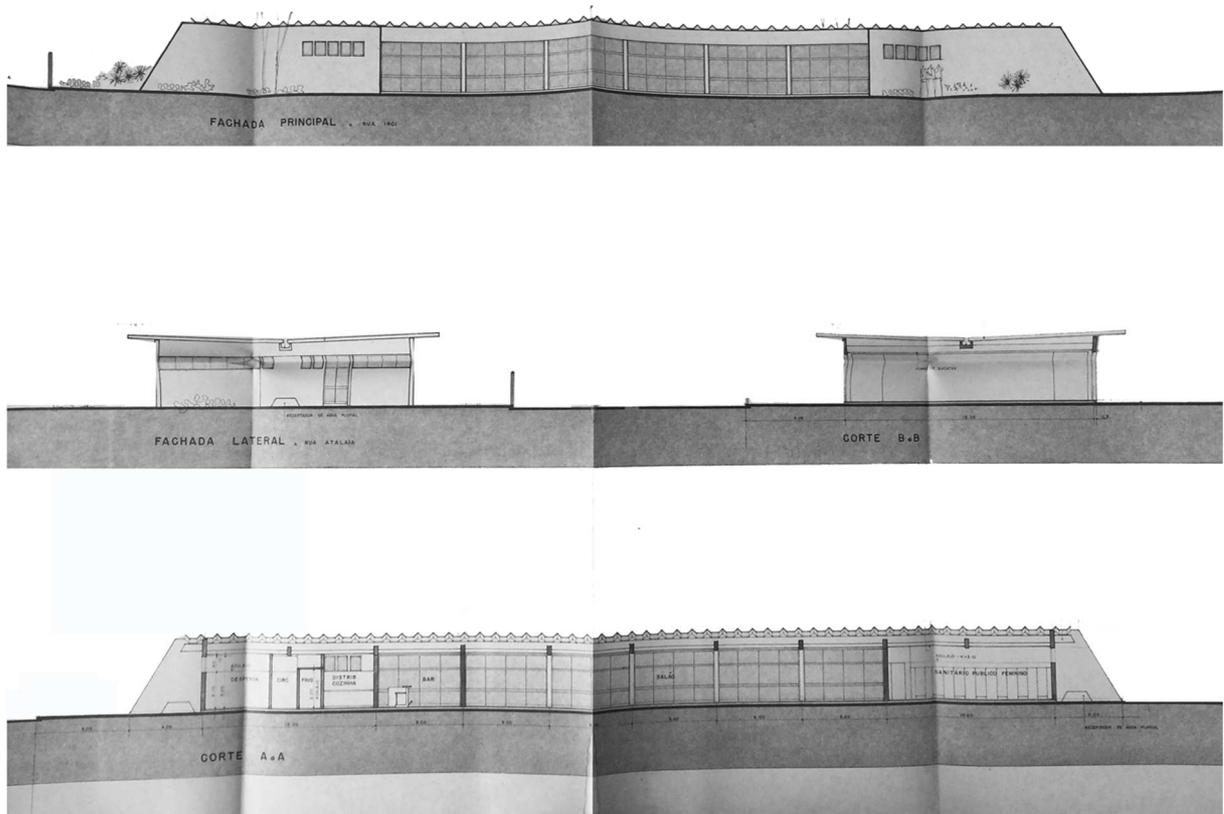


Figura 65: Fachadas e cortes do edificio da sede social do Umuarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1969. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello.

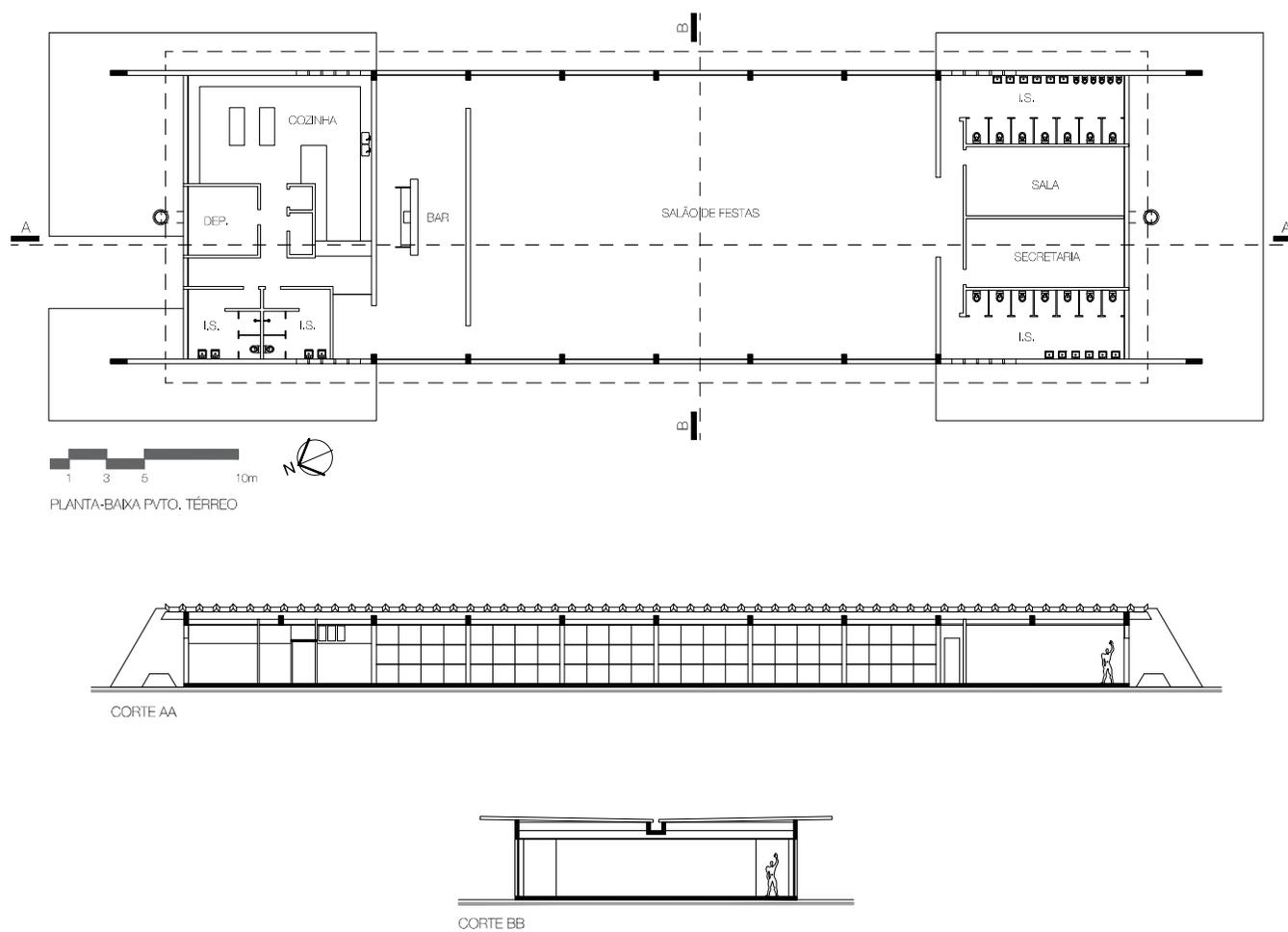


Figura 66: Planta-baixa, corte longitudinal e corte transversal da sede social do Umuarama *Country Club*, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1969. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Redesenhado pelo autor.

Portanto, o clube de Umuarama parece ter repetido a história do clube de Maringá, com uma diferença temporal de alguns anos. Não se pretende, aqui, entretanto, reduzir a história do clube de Umuarama, nem se induzir ao pensamento de que este clube “tomou carona” nos acontecimentos daquele clube. Em verdade, o contexto local e regional compunha um pano de fundo único para os dois clubes nas duas cidades, embora houvessem as particularidades de uma e de outra cidade, de um e de outro clube, e embora houvesse ainda algum distanciamento temporal – ainda que pequeno – entre os clubes. Aqui, além da necessidade da reelaboração dos projetos, gerando uma segunda versão, a concepção dos projetos de ambas as versões possui alinhamentos – formais, estruturais, materiais, técnicos, programáticos – com os projetos elaborados para o clube de Maringá, e também com outros episódios do vasto repertório tanto do arquiteto quanto da arquitetura moderna brasileira.

Assim, a primeira versão do projeto para a sede social repete as soluções verificadas também na primeira versão do projeto para a sede social do clube de Maringá: a disposição palaciana; o térreo em pilotis; a planta livre; a fachada livre; as janelas horizontais ou em fita; a cobertura com laje plana. Há aqui, no entanto, um arrojo estrutural mais ousado, notado sobretudo pelo tamanho maior dos vãos. A solução estrutural e construtiva continua remetendo ao esquema “Dominó”, de Le Corbusier.

Na piscina, o desenho orgânico de linhas retas e linhas curvas também remete ao desenho da piscina do clube de Maringá, embora com predomínio das linhas retas: este desenho mantém raízes no purismo de Le Corbusier, mas já se aproxima mais dos desenhos que seriam adotados pela ‘escola paulista’ de arquitetura, a exemplo dos desenhos de Paulo Mendes da Rocha.

O edifício do bloco de vestiários é formal e construtivamente mais simplificado do que os demais edifícios daquele conjunto. O uso da telha do tipo calhetão, elemento pré-fabricado, cujo perfil ficava aparente nas fachadas principais, já havia aparecido no projeto para o conjunto esportivo do Esporte Clube de Taubaté, de 1956, também de autoria de Ícaro de Castro Mello. O uso deste tipo de telha enquanto um recurso estético também aparece no projeto de Sérgio Bernardes para a residência de Lota de Macedo Soares, de 1951 – vale dizer que esta casa foi premiada na II Bienal de Arquitetura de São Paulo, por júri integrado pelos renomados arquitetos Alvar Aalto e Walter Gropius. Seis anos após o projeto daquele bloco de vestiários, o uso desta mesma telha será estendido para o edifício da sede social, compondo uma certa continuidade na linguagem visual destes edifícios.

Evidentemente, o edifício efetivamente construído como sede social do Umuarama *Country Club* possui semelhanças com o edifício efetivamente construído como sede social do *Country Club* Maringá, ambos frutos das segundas versões de projetos. Estes dois edifícios mantêm a ideia de uma disposição palaciana, mas sofrem ajustes e simplificações – formais, estéticas, programáticas, construtivas, estruturais e materiais – quando comparados às suas versões originais; a solução estrutural e construtiva remete mais a Mies van de Rohe do que a Le Corbusier, com os pilares deslocados para o perímetro do edifício; não deixam de ser projetos modernos – aliás, o telhado do tipo borboleta, utilizado na sede social do clube de Umuarama, também se tratava de uma solução tipicamente recorrente na produção da arquitetura moderna brasileira: aparece por várias vezes na obra de Oscar Niemeyer, inclusive no projeto do Yatch Club da Pampulha, de 1940, e é repetida por outros arquitetos modernos, como Vilanova Artigas e Affonso Eduardo Reidy (REGO, 2000); se alinhavam mais com a produção da ‘escola paulista’ de arquitetura – diferente das primeiras versões de projetos para ambos os clubes, com alinhamentos mais evidentes com a produção da ‘escola carioca’ de arquitetura (cf. BASTOS, 2007; cf. BASTOS & ZEIN, 2010a; cf. BASTOS & ZEIN, 2010b; cf. FRAZATTO & REGO, 2018). Há, portanto, uma mudança na forma, dada a partir do sistema construtivo, aqui explorado enquanto estratégia de projeto.

Aqui, cabe ainda a interpretação de algumas datas: foi dito que as primeiras versões dos projetos dos clubes de Maringá (de 1958) e de Umuarama (de 1963) se assemelham, e que as segundas versões de projetos para ambos os clubes (de Maringá em 1962, de Umuarama em 1969) voltam a se assemelhar, ainda que a primeira versão para o clube de Umuarama seja posterior à segunda versão para o clube de Maringá. Estas datas reforçam a ideia de que aquelas “experimentações formais” observadas na obra do arquiteto, conforme discutido no subcapítulo anterior sobre o clube de Maringá, apareciam como alternativas às versões originais, plástica e formalmente mais nobres. Não se trata, portanto, de uma transmutação completa na linguagem formal do arquiteto, mas de ajustes, de adaptações dos projetos frente a distintos contextos e demandas.

Mais uma vez, portanto, motivações locais – a queda de rendimentos na economia cafeeira local e a necessidade de redução de custos; nacionais – a arquitetura moderna brasileira passava por um ponto de inflexão; e próprias do arquiteto – experimentações formais e um histórico de reelaboração de projetos –, discutidas no subcapítulo anterior sobre o clube de Maringá, reaparecem no episódio do clube de Umuarama, pautando a reelaboração dos projetos das sedes sociais com as adaptações verificadas (cf. FRAZATTO & REGO, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *Country Clubs* projetados pelo arquiteto paulista Ícaro de Castro Mello nas cidades norte-paranaenses de Maringá (entre 1958 e 1962) e de Umuarama (entre 1963 e 1969) fizeram parte de um contexto local peculiar. Desde o processo de colonização, as cidades do norte paranaense estiveram atreladas ao cenário do estado de São Paulo – inclusive da metrópole paulista. A prosperidade econômica daqueles colonos, advinda da cafeicultura em ascensão, fez prevalecer o desejo pela formação de uma nova imagem social pautada em modernidade e em progresso. Ademais, os princípios urbanísticos adotados pela companhia colonizadora inglesa na concepção daquelas cidades já continham aspectos modernos para a época e incorporavam soluções debatidas internacionalmente. Logo após a colonização, a intensa atuação de engenheiros e arquitetos forâneos – sobretudo aqueles advindos propriamente da metrópole paulista – tratou de imprimir, naquelas ricas cidades, imagens típicas da arquitetura moderna brasileira, em consonância com os ideários da sociedade local e em contraposição à paisagem local ainda precária. Assim, a atuação de Castro Mello nos projetos daqueles clubes, a convite da elite local fundadora dos respectivos clubes, fez parte de um contexto maior, não se tratando de episódios isolados.

Entretanto, a consulta ao acervo particular de projetos do arquiteto revelou a existência de duas versões distintas de projetos para cada um dos clubes. Na primeira versão de projetos para o *Country Club* Maringá, de 1958, estavam previstos os edifícios do salão de festas, da sede social, da quadra de boliche, do ginásio esportivo, além da piscina e de outros equipamentos (quadras esportivas, campo de futebol, playground, jardins, circulações, portaria, estacionamento, caixa d'água, etc.). Parcialmente executada (inicialmente, piscina, vestiários e algumas quadras esportivas foram construídos), esta primeira versão de projetos sofreu uma reelaboração, em 1962, substituindo os edifícios originais do salão de festas e da sede social por um novo e único edifício, então executado. De modo análogo, na primeira versão de projetos para o Umuarama *Country Club*, de 1963, estavam previstos os edifícios da sede social e do bloco de vestiários, além da piscina e de outros equipamentos (quadras esportivas, playground, jardins, circulações, etc.). Também parcialmente executada (inicialmente, piscina, bloco de vestiários e algumas quadras esportivas foram construídos), esta primeira versão de projetos sofreu uma reelaboração, em 1969, substituindo o edifício original da sede social por um novo edifício, então executado.

Questionando quais fatores teriam provocado a reelaboração dos projetos e indagando o porquê de terem sido adotados outra estética arquitetônica, outra composição, outros materiais e distintos processos construtivos, esta dissertação se dedicou, inicialmente, a percorrer o contexto daqueles projetos; em sequência, se dedicou à apresentação e à discussão daqueles projetos arquitetônicos, tomando como ferramenta a análise dos projetos originais e do redesenho das peças gráficas mais relevantes.

Lançando o olhar sobre o contexto, foi possível averiguar que a arquitetura praticada naquelas cidades do interior do norte paranaense, em especial nos clubes mencionados, estava alinhada com o panorama geral da produção da arquitetura moderna brasileira, àquelas épocas centrada no eixo Rio-São Paulo, empenhada na formação de uma imagem pautada em modernidade e em progresso, atenta às vanguardas internacionais e, inclusive, aos costumes norte-americanos pregados pelo “*American Way of Life*”. Ademais, aquela arquitetura correspondia aos desejos e anseios daquelas elites locais, fundadoras daqueles clubes, no tocante à formação de uma imagem social distinta, elitizada, moderna e próspera.

Ao considerar os projetos arquitetônicos propriamente ditos, elaborados a partir de distintas versões para aqueles clubes, foi possível notar que o processo de projeto sofreu adaptações. Assim, as primeiras versões de projetos, para ambos os clubes, se assemelham: na forma, na plástica, nos materiais, na estrutura. O programa de necessidades foi resolvido a partir de edifícios independentes e autônomos, com formas variadas. Em comum, há referências ao purismo de Le Corbusier, à produção da (hoje assim denominada) ‘escola carioca’ de arquitetura e a outras obras do repertório do próprio Ícaro de Castro Mello. Elementos típicos de arquitetura moderna apareceram nos projetos daqueles edifícios: exploração de formas geométricas puras, térreo em pilotis, janelas em fita, separação entre estrutura e vedação, modulação racional do sistema estrutural, uso de concreto armado, coberturas planas, coberturas em arco, coberturas em abóbodas repetidas em série, coberturas em cúpula, jardins e piscinas com desenhos puristas (com mescla de linhas retas e linhas curvas). Há ordem geométrica e simetria nas plantas-baixas, e a compartimentação dos ambientes internos segue a modulação estrutural, prevalecendo espaços amplos e fluidos aos centros e espaços menores nas extremidades. Assim, também, as segundas versões de projetos, para ambos os clubes, voltaram a se assemelhar: na forma, na plástica, nos materiais, no processo construtivo pré-fabricado, na estrutura. Destoantes das versões originais, aqui os projetos incorporaram a resolução do sistema estrutural como o fator primordial gerador da forma: a repetição em série dos elementos que compõem a estrutura dá o ritmo e a ordem aos volumes. Os vãos diminuiram,

o uso de concreto armado diminuiu, incorporou-se o uso de materiais locais (madeira) ou pré-fabricados (telhas de fibrocimento). Os materiais ficaram expostos sem muitos disfarces (concreto aparente, madeira, telhas, etc.). Os espaços internos são menos compartimentados, embora tenha-se mantido a ideia de espaços amplos e fluidos aos centros e espaços menores nas extremidades, com ordem e simetria nas plantas-baixas. A composição se aproximou mais da produção da (hoje assim denominada) ‘escola paulista’ de arquitetura, havendo referências neste mesmo sentido tanto no próprio repertório de Ícaro de Castro Mello quanto no repertório de outros colegas arquitetos contemporâneos a ele. Há redução de tamanhos, racionalização construtiva e simplificação formal. Entretanto, as segundas versões não deixam de ser modernas, e ainda são capazes de expressar a imagem de progresso desejada, frente à precariedade ainda predominante naquelas novas cidades.

Por fim, ao sondar as motivações de tais adaptações, esta pesquisa sobrepõe três fatores que se interpuseram: o primeiro, diz respeito à economia local, e revela um cenário de recessão na economia cafeeira, gerando a necessidade de redução de custos na construção daqueles edifícios; o segundo, diz respeito à conjuntura da arquitetura moderna brasileira que, àquelas épocas, atravessava um ponto de inflexão, com experimentações formais que priorizavam a técnica, o processo construtivo, a solução estrutural, o uso de materiais alternativos e a racionalidade tecnológica; o terceiro, diz respeito ao repertório do próprio arquiteto, que em outras obras contemporâneas demonstra ter lançado mão das experimentações formais aqui comentadas, compondo um repertório pluralista.

Com efeito, os clubes prosperaram. Estamparam naquelas (ricas e jovens) cidades edifícios dotados da – tão desejada – imagem moderna e próspera, ainda que sofridas as adaptações. Serviram às elites e às suas gerações, enaltecendo um status social privilegiado. Hoje, passados 50-60 anos, permanecem enquanto instituições de prestígio e tradição. Foram, ao longo do tempo, (parcialmente) descaracterizados em face de seus projetos originais, conforme Figuras 67 (*Country Club Maringá* atualmente) e 68 (*Umuarama Country Club* atualmente) – mas, isto não é um fato a ser de todo lastimado: atesta o brilhantismo e o sucesso destas instituições frente aos novos tempos.



Figura 67: Fotografia atual do *Country Club Maringá, s.d.*. Disponível em: <http://countryclubmga.com.br/video/>



Figura 68: Fotografia atual do *Umuarama Country Club, s.d.*. Disponível em: <http://www.obemdito.com.br/italo/umuarama-country-club-esta-sob-novo-comando-e-confirma-o-reveillon/6716/>

## REFERÊNCIAS

ARANTES, O. B. F. Resumo de Lúcio Costa. **Folha de S. Paulo**. Caderno Mais!, São Paulo, v. 24 fev. 2002. p. 6-11, 2002.

BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BASTOS, M. A. J. **Pós-Brasília**: rumos da arquitetura brasileira: discurso, prática e pensamento. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010a.

BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. “Brasil: Arquiteturas após 1950” em quatro temas. In: I Enanparq, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010b.

CANCIAN, N.A. **Cafeicultura Paranaense – 1990/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.

CAMARGO, L. A. R.; RUIZ DA SILVA, M. Os clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório Brasileiro: uma relação de hábitos e costumes. In: Simpósio Internacional Processo Civilizador, nov. 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008, p. 68-75.

CARVALHO, B. L. P. **Associativismo, lazer e esporte nos clubes sociais de Campinas**. Dissertação de mestrado. Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ – CMNP. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. S.l.:1975.

FICHER, S. **Os Arquitetos da Poli**: ensino e profissão em São Paulo. São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

FONTANA, A. R.; BORMIO, M. F. Ícaro de Castro Mello e o ginásio de esportes noroeste de Bauru, SP, 1950-1960: Arcos de madeira contraplacada em moderna arquitetura esportiva. In: III SEMINÁRIO DO COMOMO SUL, 3., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2010.

FORCELLINI, C. D. S. Os ginásios de Ícaro: uma obra e as diversas possibilidades do “projetar” em arquitetura. In: III ENANPARQ – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 3., 2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2014.

FRAZATTO, B. C.; REGO, R. L. Os Country Clubs de Ícaro de Castro Mello, a arquitetura moderna e a modernização do norte paranaense. In: Enanparq, 2018, Salvador. **Anais...** Salvador, 2018.

FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER. **Obra**, 2016. Disponível em: <<http://www.niemeyer.org.br/preobra>>. Acesso em: 16 de outubro de 2016.

GERÊNCIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE MARINGÁ. **Acervo da Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá**. Maringá, [s.d.].

GUADANHIM, S. J. **Influência da arquitetura moderna nas casas de Londrina: 1955-1965**. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2002.

GROAT, L. N.; WANG, D. C. **Architectural Research Methods**. New York: Wiley, 2002.

IATE CLUBE DE LONDRINA. **Histórico do Iate Clube de Londrina**. Disponível em: <http://iatelondrina.com.br/page.php?id=11>. Acesso em 24 nov. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico - 1960**. Rio de Janeiro: 1960. Disponível em: <[www.biblioteca.ibge.gov.br](http://www.biblioteca.ibge.gov.br)>. Acesso em: 09 de dezembro de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico - 1970**. Rio de Janeiro: 1970. Disponível em: <[www.biblioteca.ibge.gov.br](http://www.biblioteca.ibge.gov.br)>. Acesso em: 09 de dezembro de 2017.

MELO, V. J. **O Conjunto Centro Comercial de Londrina-Pr: o edifício multifuncional, a arquitetura modernista e a modernização da cidade**. Dissertação de mestrado. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2014.

LORES, R. J. **São Paulo nas Alturas: a revolução modernista da arquitetura e do mercado imobiliário nos anos 1950 e 1960**. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

LUZ, F. **O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá**. Maringá: A Prefeitura, 1997.

MAYO, J. M. The American country club: an envolving elite landscape. **Journal of Architectural and Planning Research**, v. 15, n. 1, p. 24–44, 1998.

MARTINS, C. A. F. “Há algo de irracional...”. Notas sobre a historiografia da arquitetura brasileira. In Guerra, A. (org.). **Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira**. V.2. São Paulo: Romano Guerra, 2010. P.130-168. 

MELLO, I. C. **Acervo particular de projetos**. São Paulo, [s.d.].

MELLO, J. **Icaro de Castro Mello: principais projetos**. São Paulo: J.J.Carol, 2005.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 24 nov. 2018.

MUSEU DA BACIA DO PARANÁ. **Acervo particular de imagens**. Maringá, [s.d.].

MEZZADRI, F. M. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes às atuais políticas governamentais**. Tese de Doutorado. Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

PELLEGRINI, D. **Terra vermelha**. São Paulo: Leya, 2013.

PORTAL DA CIDADE DE UMUARAMA. **História de Umuarama-Pr**. Umuarama, [s.d.]. Disponível em: <<https://umuarama.portaldacidade.com/historia-de-umuarama-pr>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2017.

REGO, R. L. **Acervo particular de imagens**. Maringá, [s.d.].

REGO, R. L. **As cidades plantadas**. Londrina: Humanidades, 2009. 

REGO, R. L. Breve história de três ideias: motivos formais recorrentes na produção da arquitetura moderna brasileira. In: Colóquio Arquitetura Brasileira: Redescobertas. **Anais...** Cuiabá, 2000.

REGO, R. L. Modernidade no interior: o norte do Paraná, os engenheiros, arquitetos e urbanistas forâneos e a construção da imagem regional. In: XII SHCU, 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2012a.

REGO, R. L. Cidades novas planejadas no Brasil da primeira metade do século XX. Traço de engenheiro, urbanismo acadêmico. **Arquitextos**, São Paulo, ano 13, n.145.03, Vitruvius, 2012b.

REGO, R. L. **Conformações para a vida moderna**: a arquitetura e a morada em meados do século XX. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá – EDUEM, 2008.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S.; NETO, G. D. A; JABUR, R. S.; RISSI, Q. Reconstruindo a forma urbana : uma análise do desenho das principais cidades da Companhia de Terras Norte do Paraná. **Acta Scientiarum**. Technology. Maringá: v. 26, n. 2, p. 141–150, 2004.

REVISTA AC ARQUITETURA E CONSTRUÇÃO. **Arquitetura Brasileira no Exterior**. São Paulo, nº 1, ano 1, nov. 1966.

REVISTA ACRÓPOLE. **Ícaro de Castro Mello**. São Paulo, nº 184, ano 16, ago. 1953.

REVISTA ACRÓPOLE. **Piscina do Esporte Clube Sírio**: Ícaro de Castro Mello. São Paulo, nº 220, ano XIX, fev. 1957.

REVISTA HABITAT. **Cidade Universitária de São Paulo**. São Paulo, nº 69, set. 1962.

REVISTA PROJETO. **Ícaro, um profissional competente e humano**. São Paulo, nº 93, nov. 1986.

ROSANELI, A. F. **Cidades novas do café: história, morfologia e paisagem urbana**. Curitiba: UFPR, 2013.

SAID, E. W. Traveling theory, in SAID, E. W. **The world, the text, and the critic**. Cambridge: Harvard University Press, 1983. P.157-181. 

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1998.

TAGLIARI, A.; PERRONE, R.; FLORIO, W. **Vilanova Artigas**: projetos residenciais não construídos. São Paulo: Annablume, 2017.

TOTA, A. P. **O imperialismo sedutor**. São Paulo: Companhia das letras, 2000. 

VALDES, R. M. Arquitetura esportiva no interior do estado de São Paulo: os projetos de Ícaro de Castro Mello entre 1950 e 1964. In: IV ENANPARQ – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 4., 2016, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2016.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Volume 3 – República: da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 513 – 619.

SILVA, M. R. **Lazer nos Clubes Sócio-Recreativos de Curitiba/PR**: a constituição de práticas e representações sociais. Dissertação de mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007.

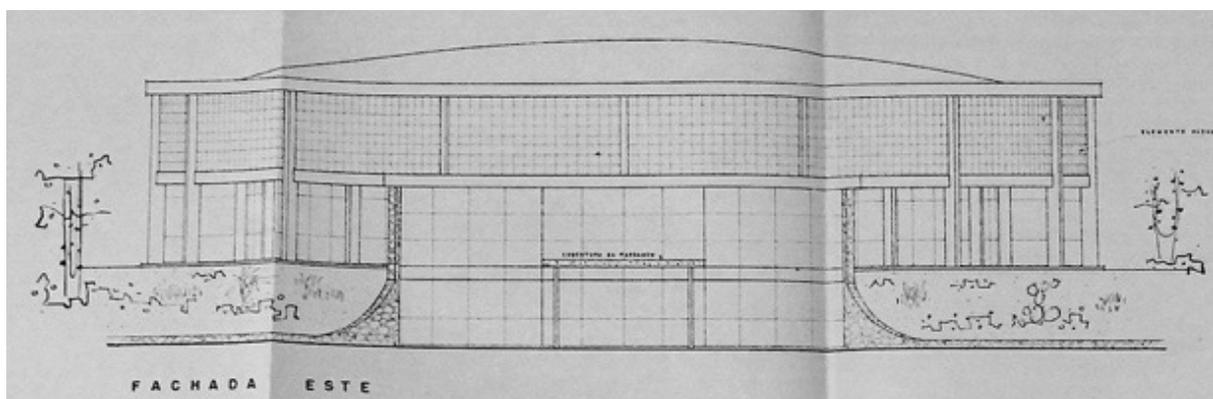
SUZUKI, J. H. **Artigas e Cascaldi: arquitetura em Londrina**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

SUZUKI, J. H. **Idealizações de Modernidade: Arquitetura dos Edifícios Verticais em Londrina 1949-1969**. Londrina: KAN, 2011.

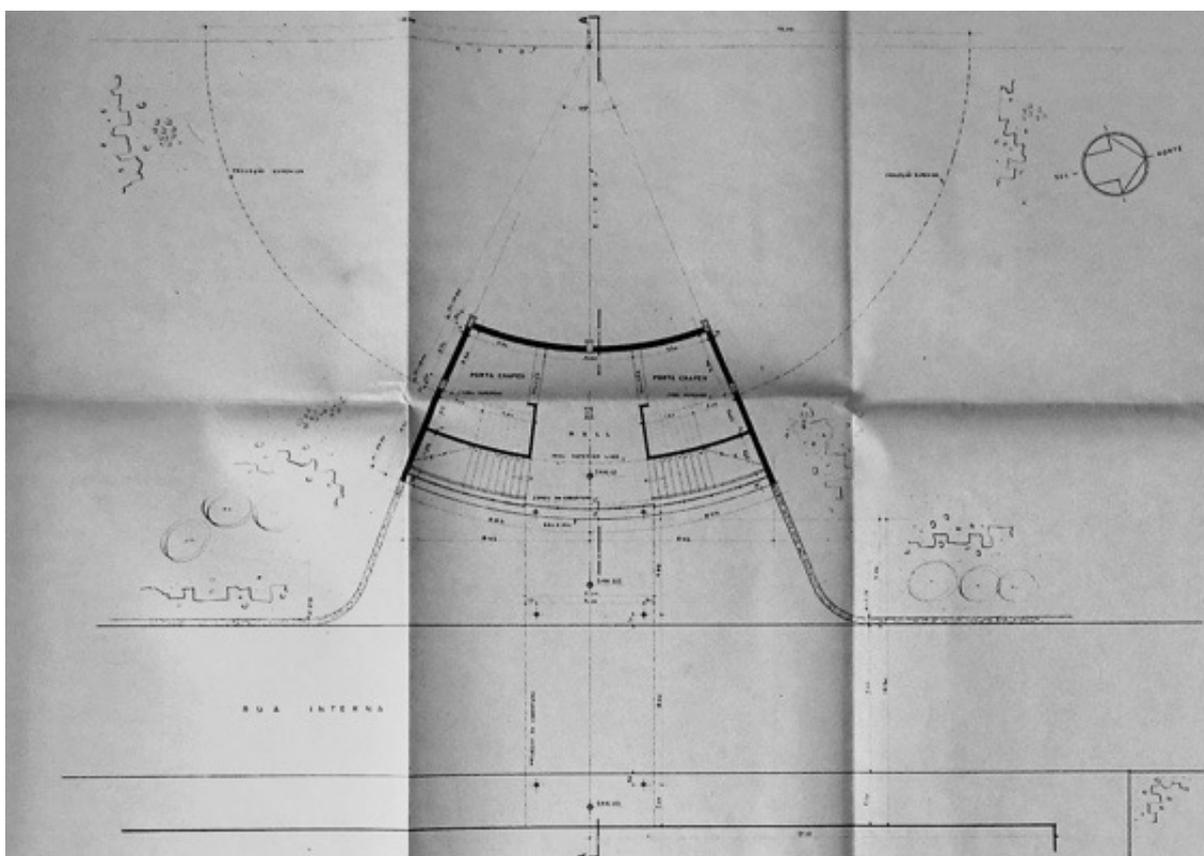
XAVIER, D. **Arquitetura Metropolitana**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

ZEIN, R. V. **A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista: 1953-1973**. 2005. 2 v. Tese (Doutorado) – Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, São Paulo e Porto Alegre, 2005.

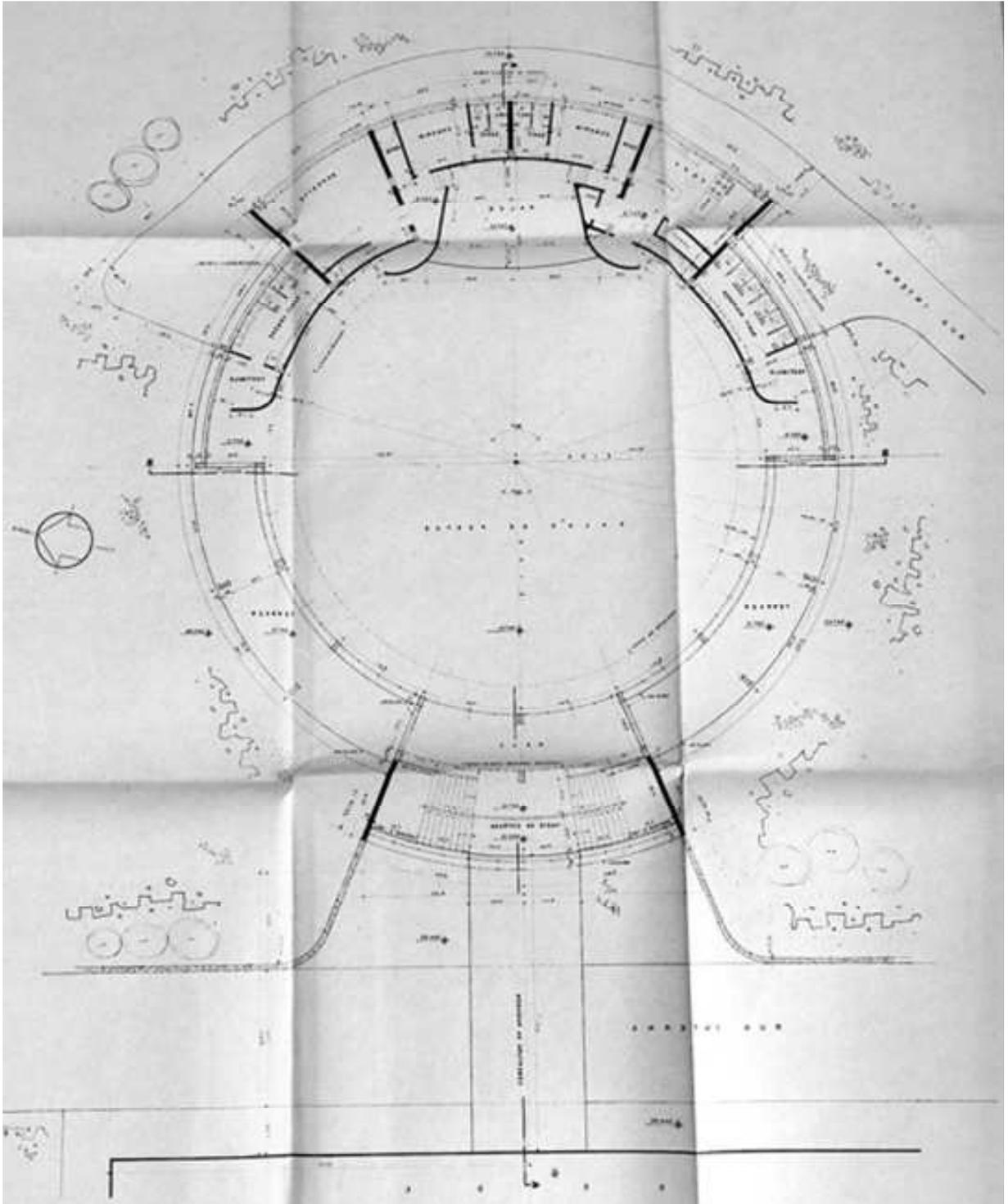
## ANEXOS



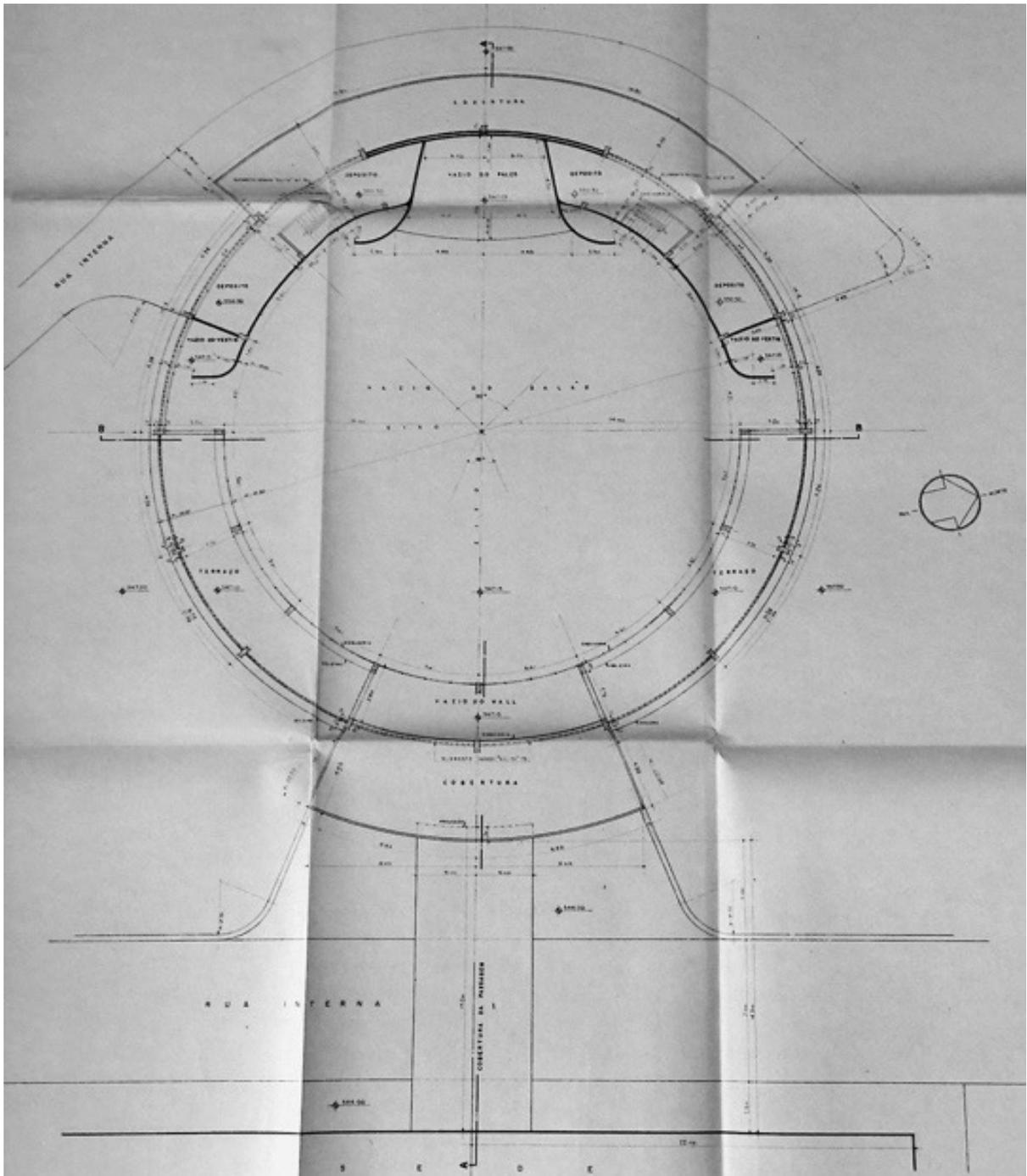
Anexo 01: Fachada leste. Salão-de-Festas do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



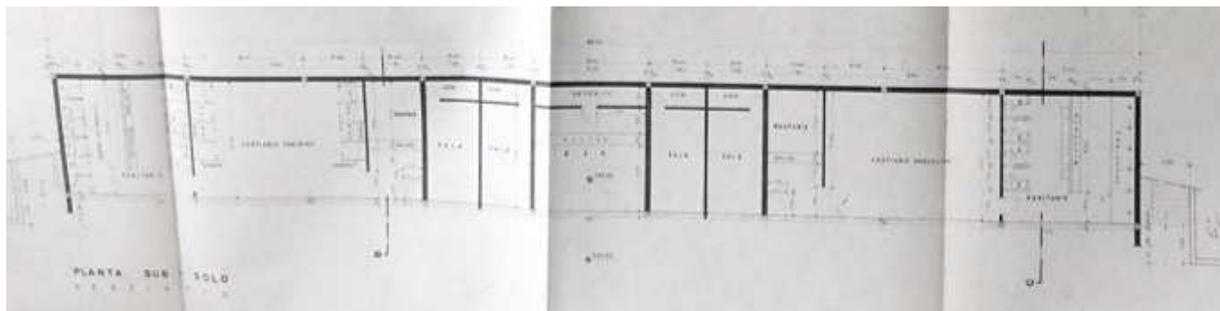
Anexo 02: Planta-baixa do pavimento subsolo. Salão-de-Festas do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



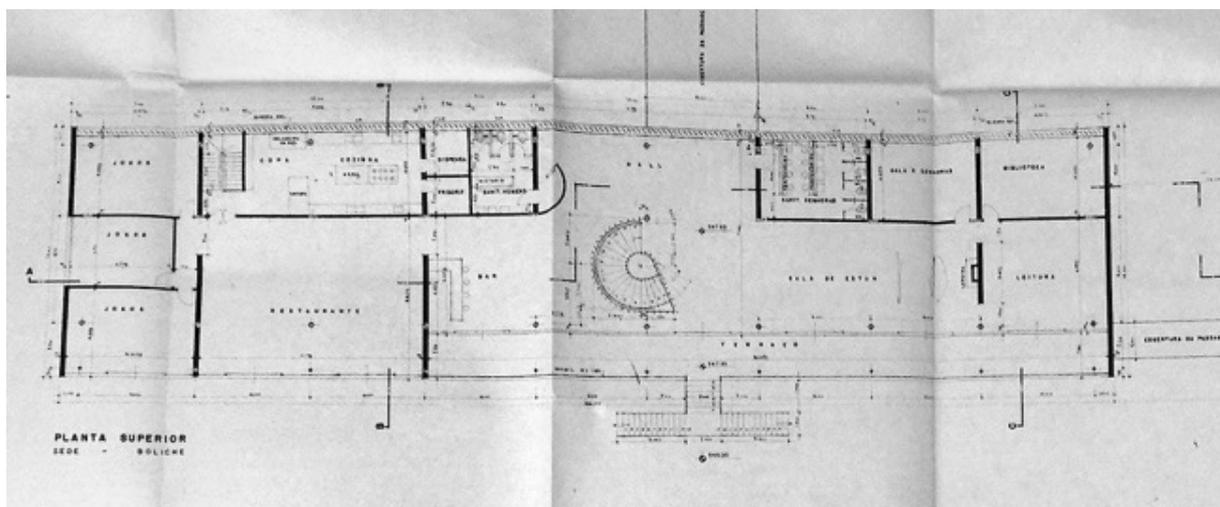
Anexo 03: Planta-baixa do pavimento térreo. Salão-de-Festas do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



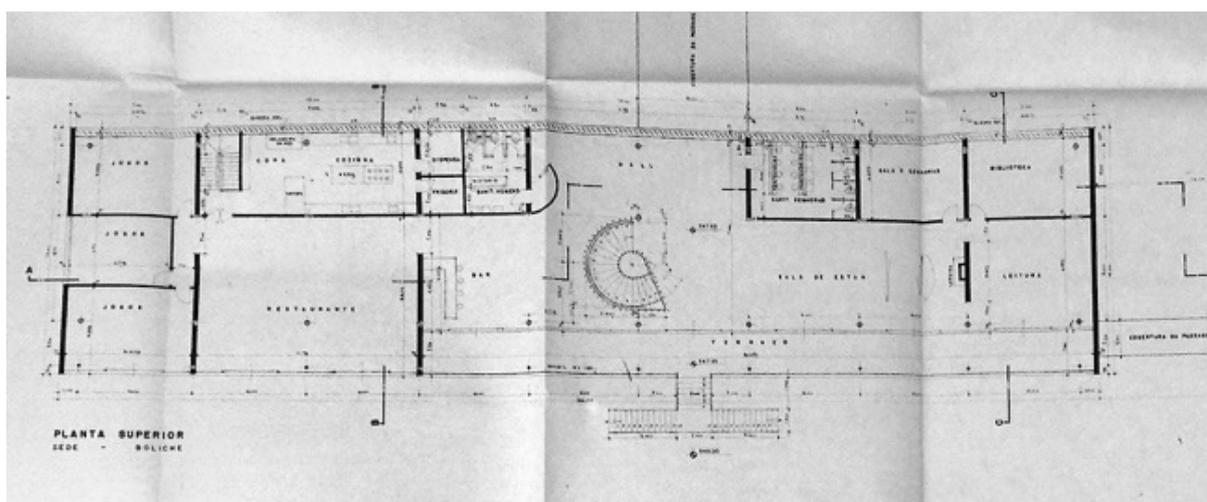
Anexo 04: Planta-baixa do pavimento superior. Salão-de-Festas do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



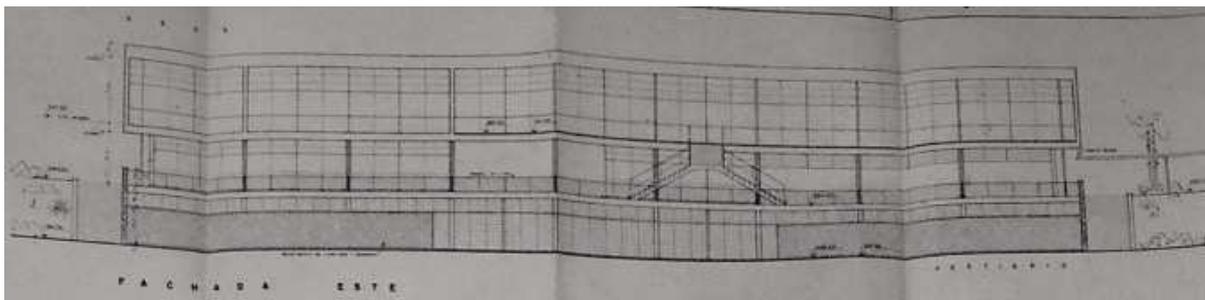
Anexo 05: Planta-baixa do pavimento subsolo. Sede-Social do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



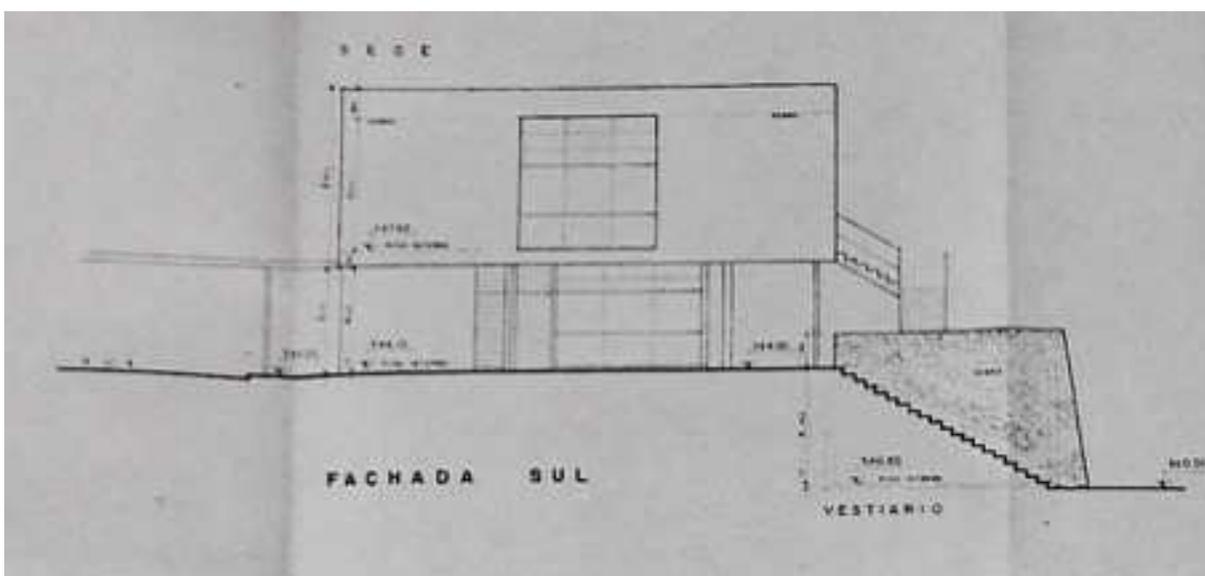
Anexo 06: Planta-baixa do pavimento térreo. Sede-Social do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



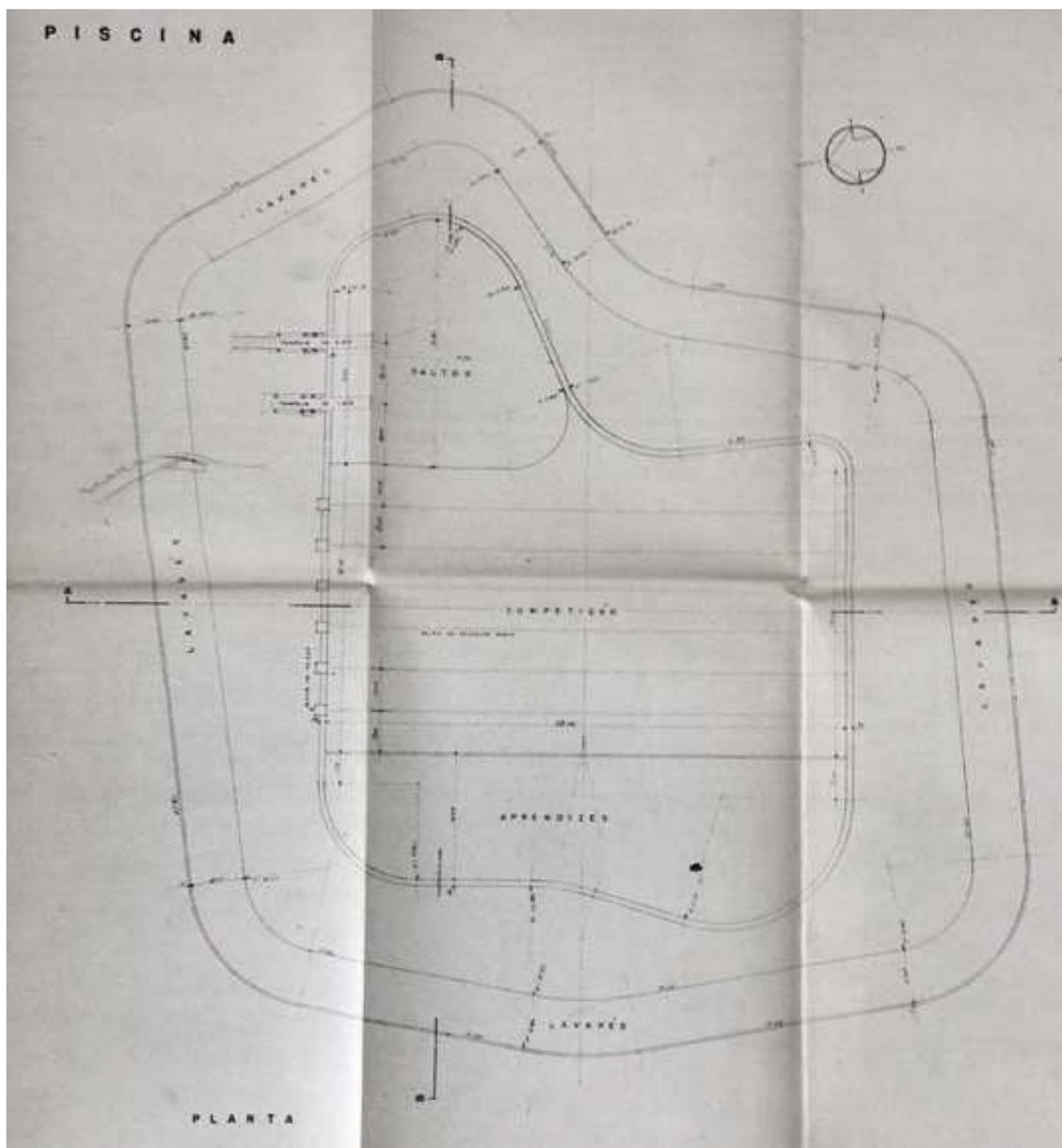
Anexo 07: Planta-baixa do pavimento superior. Sede-Social do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



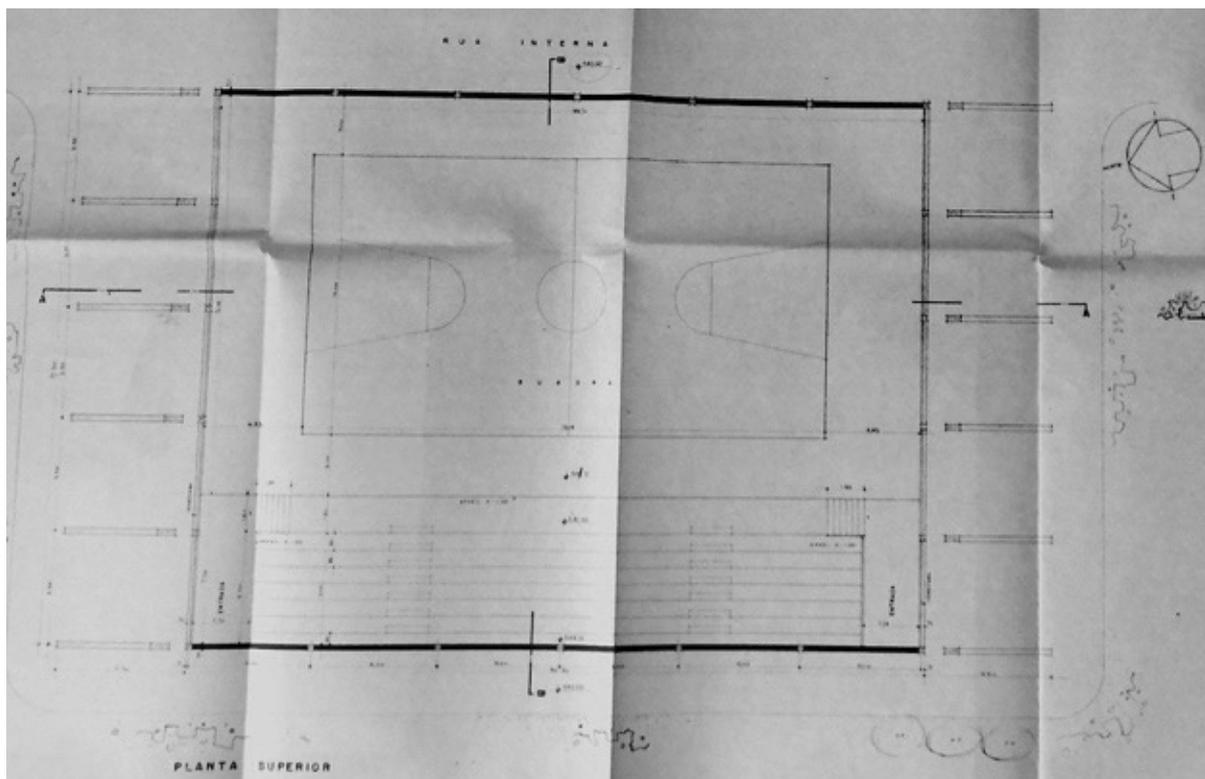
Anexo 08: Fachada leste. Sede-Social do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



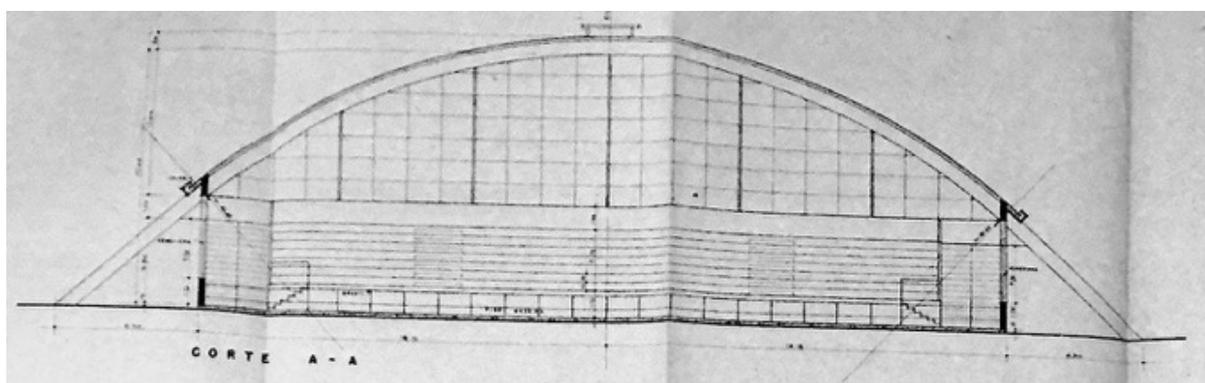
Anexo 09: Fachada sul. Sede-Social do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



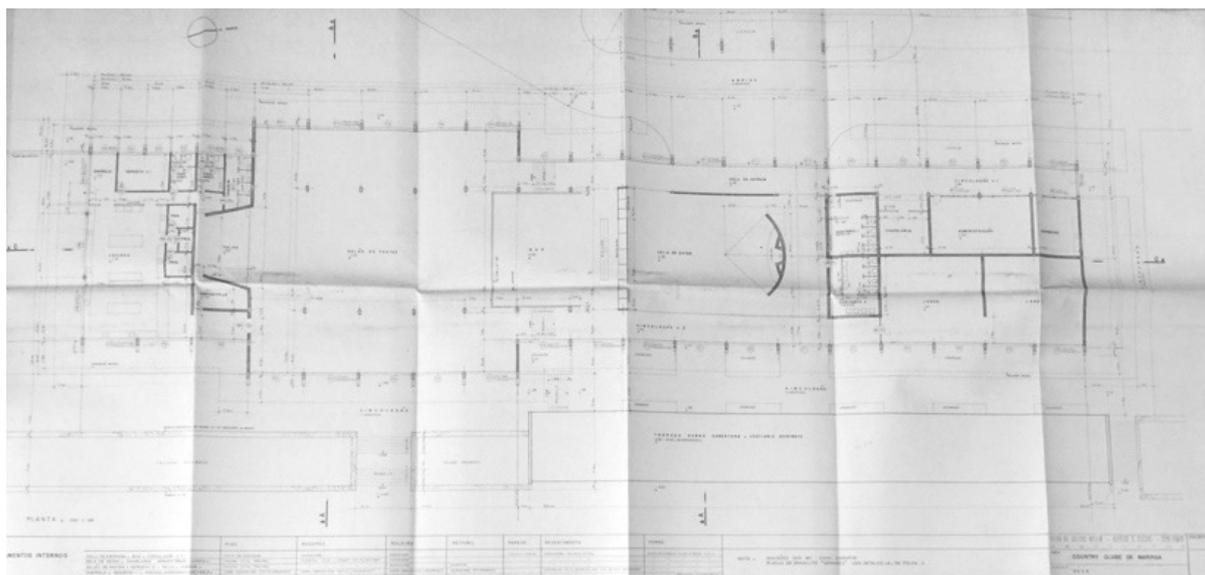
Anexo 10: Planta-baixa. Piscina do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



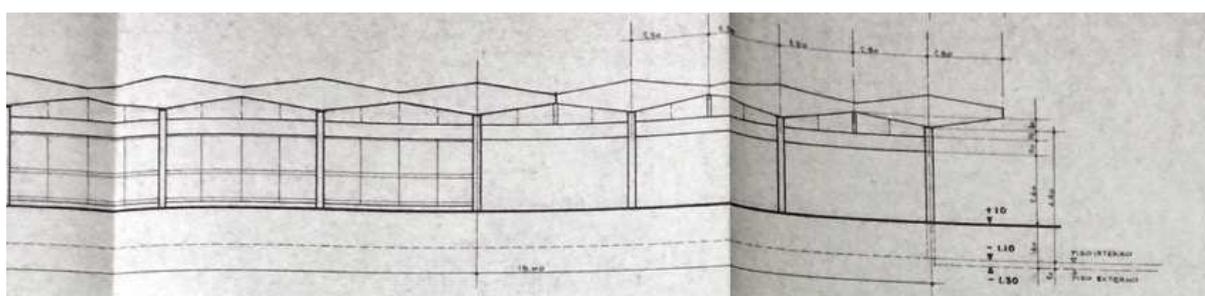
Anexo 11: Planta-baixa. Ginásio do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



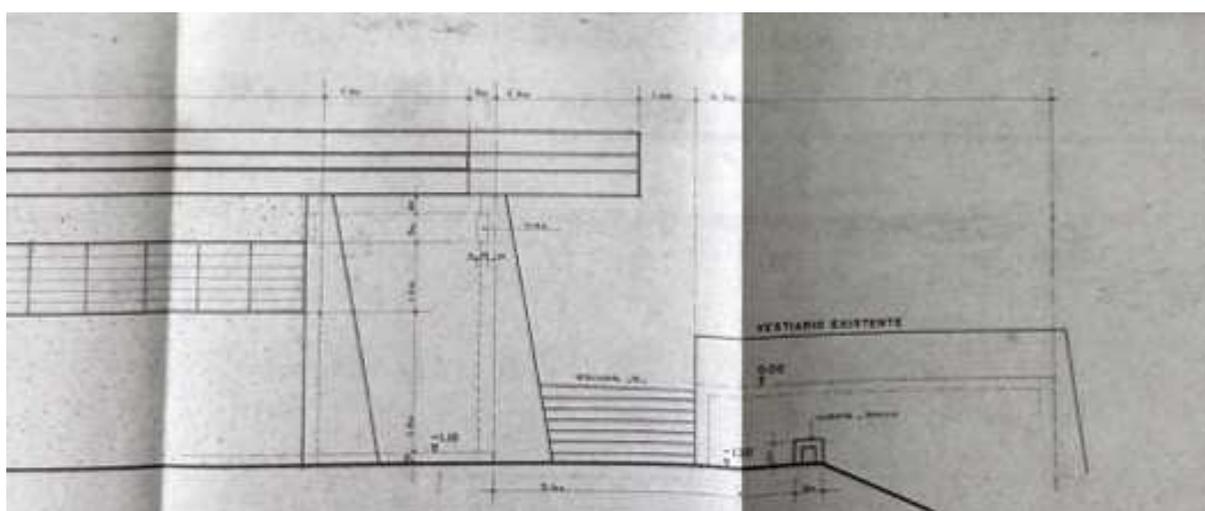
Anexo 12: Corte transversal. Ginásio do *Country Club* Maringá, 1958. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



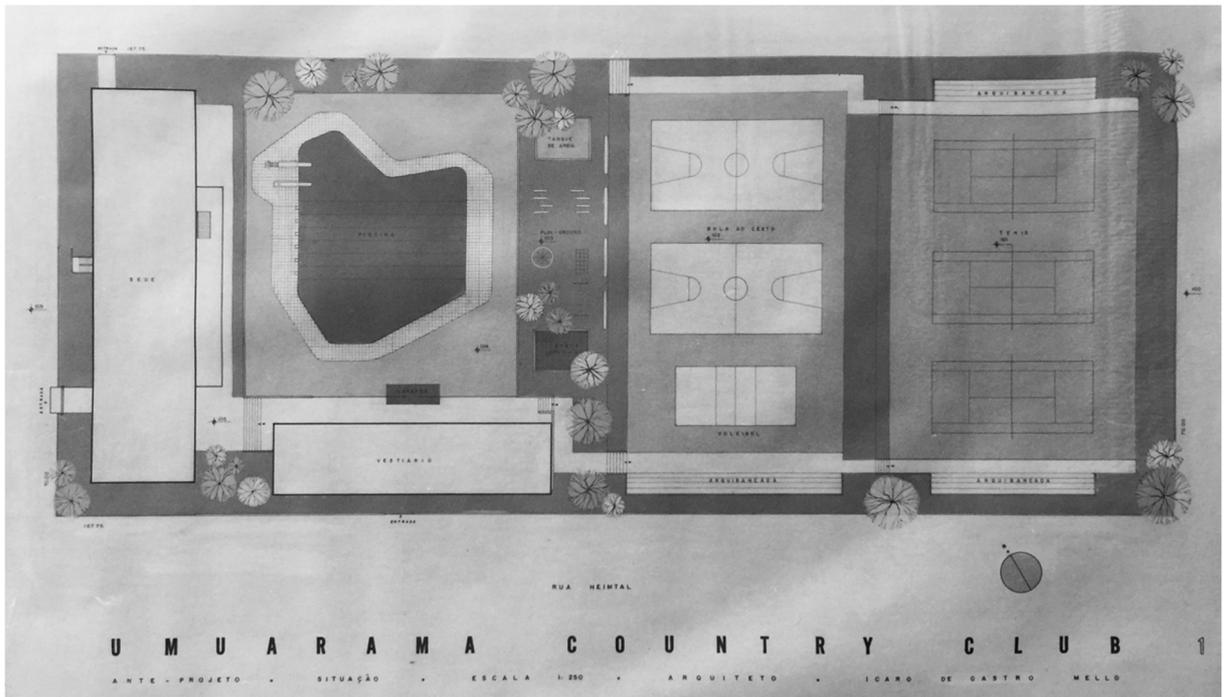
Anexo 13: Planta-baixa. Sede-social do *Country Club* Maringá, 1962. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



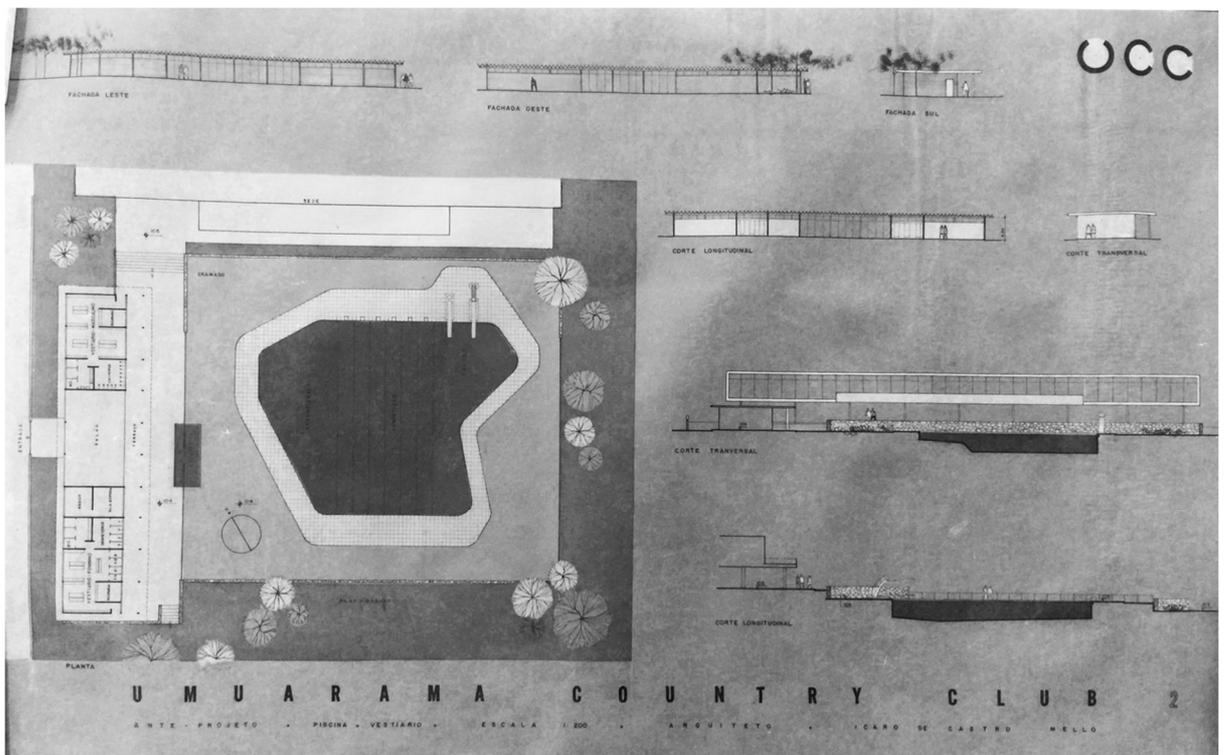
Anexo 14: Elevação longitudinal (parcial). Sede-social do *Country Club* Maringá, 1962. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



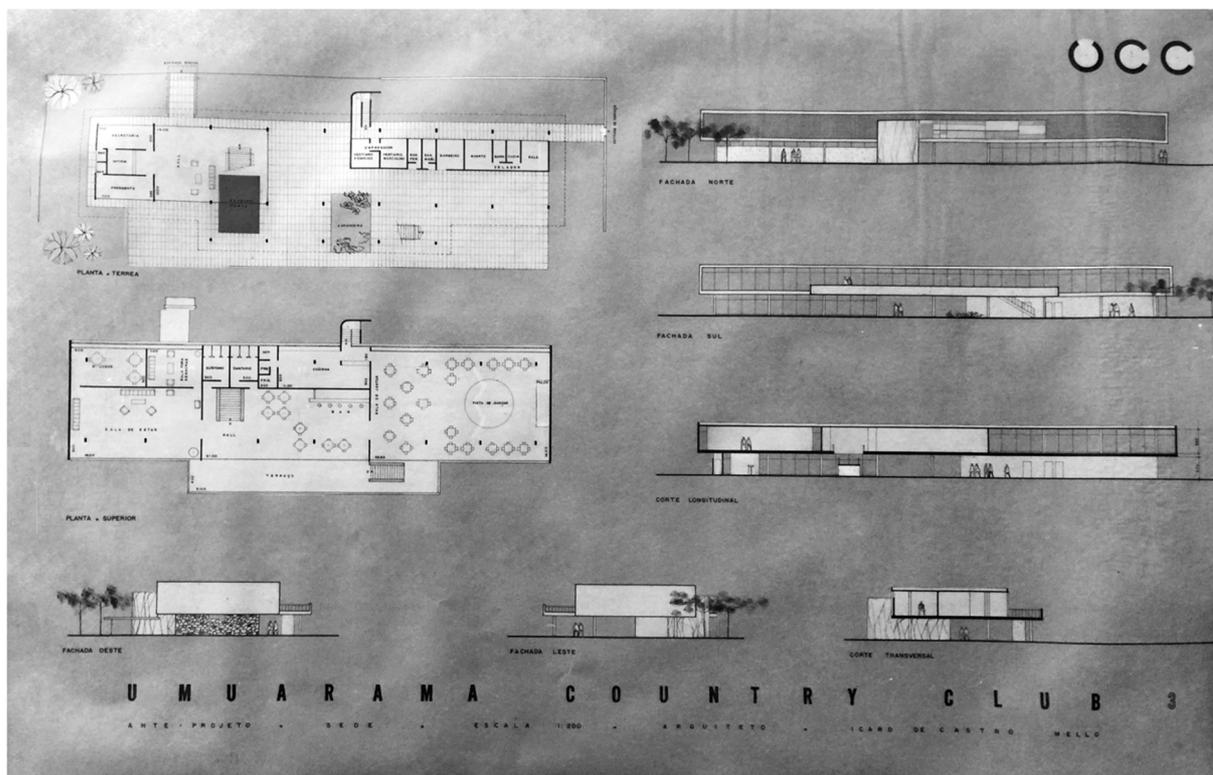
Anexo 15: Elevação transversal (parcial). Sede-social do *Country Club* Maringá, 1962. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



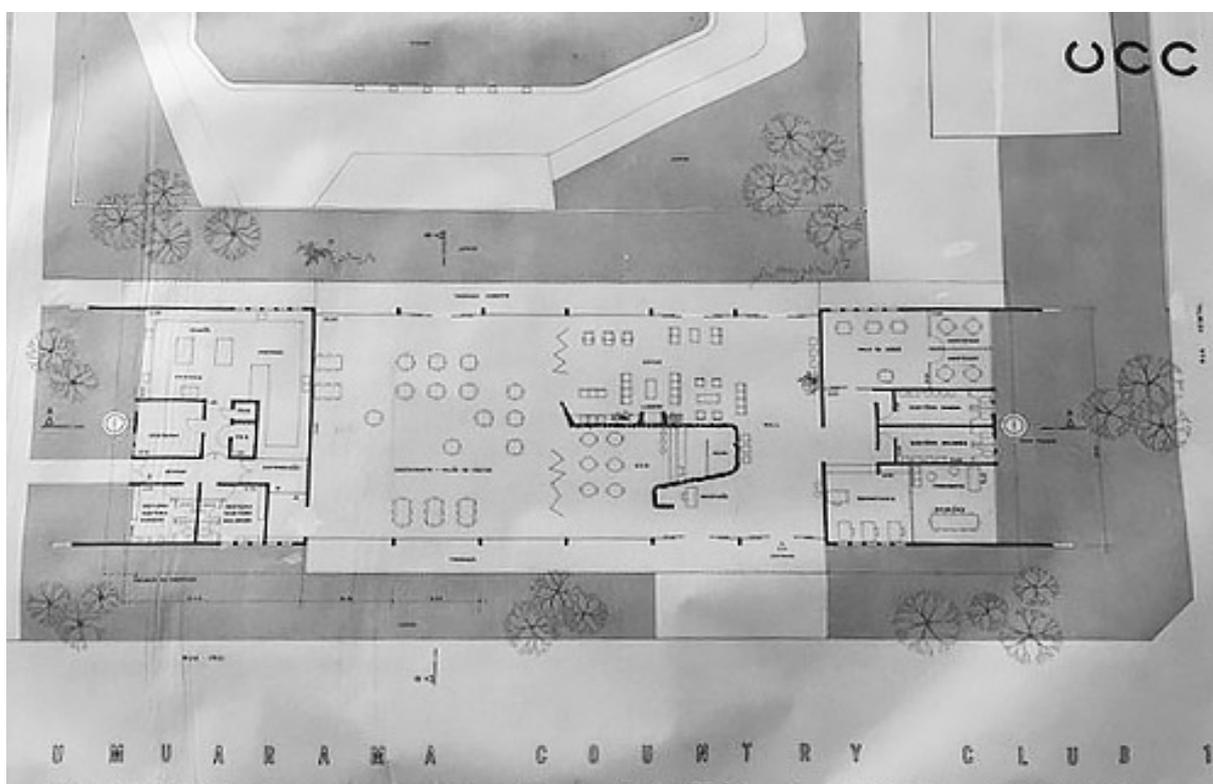
Anexo 16: Folha 1. Anteprojeto para o Umuarama *Country Club*, 1963. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



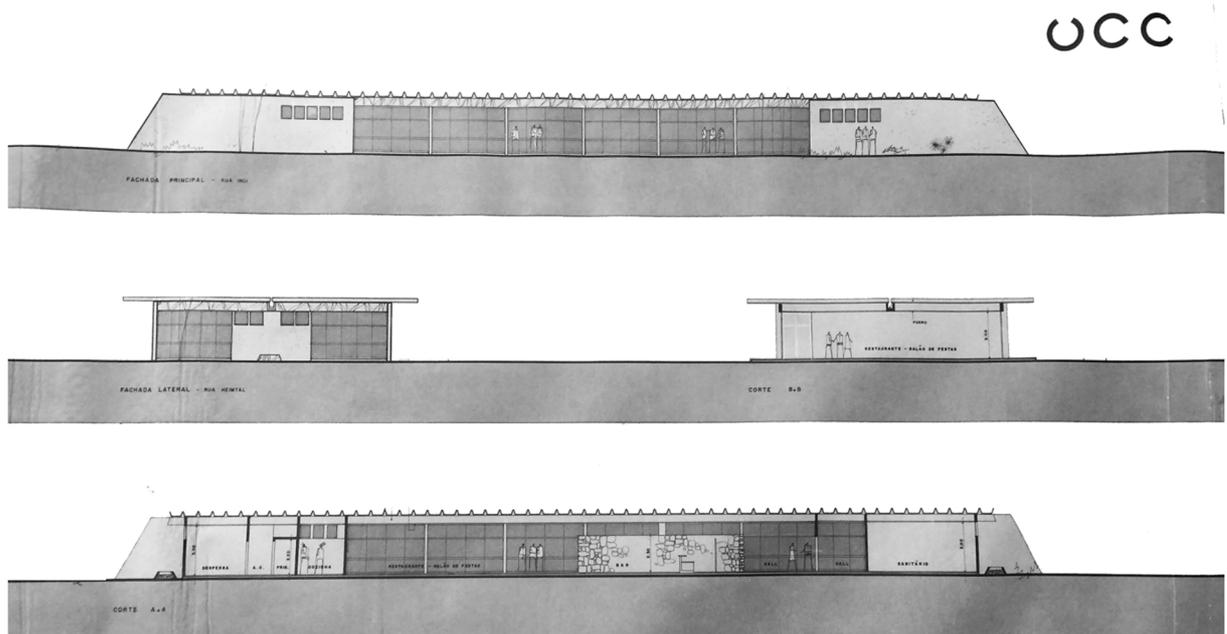
Anexo 17: Folha 2. Anteprojeto para o Umuarama *Country Club*, 1963. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



Anexo 18: Folha 3. Anteprojeto para o Umuarama *Country Club*, 1963. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



Anexo 19: Folha 1. Anteprojeto para o Umuarama *Country Club*, 1969. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.



Anexo 20: Folha 2 (parcial). Anteprojeto para o Umuarama *Country Club*, 1969. Fonte: Acervo particular de Ícaro de Castro Mello. Imagem tratada pelo autor.